

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JOSÉ FERREIRA JÚNIOR**

**A APROPRIAÇÃO DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA COMO ELEMENTO  
DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SERRA TALHADA – PE**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**FEVEREIRO / 2010**

**JOSÉ FERREIRA JÚNIOR**

**A APROPRIAÇÃO DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA COMO ELEMENTO  
DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SERRA TALHADA – PE**

**Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elizabeth Christina de Andrade Lima.**

**Área de Concentração: Sociologia**

**Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**FEVEREIRO / 2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

**F383a**      **Ferreira Júnior, José**  
A apropriação da memória lampiônica como elemento de construção da identidade de Serra Talhada-PE / José Ferreira Júnior.— Campina Grande, 2010.  
127 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

Orientador: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima.

1. Sociologia da Cultura 2. Memória 3. Cangaço Lampiônico 4. Identidade Cultural I. Título.

CDU 316.7(043)

**JOSÉ FERREIRA JÚNIOR**

**A APROPRIAÇÃO DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA COMO ELEMENTO  
DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SERRA TALHADA – PE**

**Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre, junto ao Programa  
de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina  
Grande**

**Presidente**

---

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elizabeth Christina de Andrade Lima**

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr<sup>ª</sup> Marinalva Vilar de Lima**

---

**Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos**

“Ou nos conformamos com a falta de  
alguma coisa em nossa vida, ou lutamos  
para realizar todas as nossas loucuras”  
(Mário Quintana).

## DEDICATÓRIA

À Cida, parceira de longa caminhada, que  
dentre muitas coisas, deu-me Gemima, de  
quem intensamente me orgulho.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Elizabeth Christina de Andrade Lima, pela orientação, paciência, disponibilidade, humildade e amizade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, pela acolhida e tratamento dispensado.

A Ivaldo Marciano de Lima, “maracatuzeiro” e precursor no incentivo à minha ida à Academia.

A Francisco de Assis Batista (Cizinho), pela atenção, incentivo e ajuda a mim dispensados.

A Marcelo Saturnino, grande ser humano, que não se furtou em me mostrar o “caminho das pedras” e que comigo mantém uma relação fraterna.

A minha mãe, D. Mozarina, exemplo de ser humano desprendido e de quem absorvo lições ímpares.

A minha filha, Gemima, que ao me ter como seu ídolo, trouxe-me a coragem de desconhecer limites para as conquistas.

A Cida, grande parceira... Nada me impedirá de reconhecer seu valor.

A Deus, pela constante presença na caminhada que empreendi.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I – INTERPRETAÇÕES SOBRE LAMPIÃO: UM PERSONAGEM MULTIFACETADO</b> .....	18
1.1. LAMPIÃO, O PROTO REVOLUCIONÁRIO DAS LUTAS CAMPONESAS.....	22
1.2. LAMPIÃO, O CANGACEIRO BURGUESES ESCUDADO NA ÉTICA.....	25
1.3. LAMPIÃO: ALIANÇAS COM CORONÉIS, HOMENS DE CONFIANÇA, ELITES E POLÍCIA.....	33
<b>CAPÍTULO II – ENUNCIADOS E PENSAMENTOS DO SERRA-TALHADENSE SOBRE LAMPIÃO</b> .....	41
2.1. O QUE SE DIZ SOBRE LAMPIÃO EM SERRA TALHADA.....	41
2.2. O QUE SE PENSA SOBRE LAMPIÃO EM SERRA TALHADA.....	58
<b>CAPÍTULO III – A INVENÇÃO DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA EM SERRA TALHADA</b> .....	68
3.1. A DISPUTA DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA NAS CIDADES DE TRIUNFO E SERRA TALHADA.....	71
3.2. A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO LAMPIÔNICA E O PAPEL DOS AGENTES CULTURAIS.....	78
<b>CAPÍTULO IV – O USO DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA PARA A CULTURA LOCAL</b> .....	98
4.1. A MEMÓRIA LAMPIÔNICA E A SATISFAÇÃO DA DEMANDA ECONÔMICA.....	98
4.2. A MEMÓRIA LAMPIÔNICA E O SEU USO NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SERRA TALHADA.....	106
4.3. A MEMÓRIA LAMPIÔNICA E O SEU USO NO PROCESSO DE REINSERÇÃO SOCIAL DE IDOSOS EM SERRA TALHADA.....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	120
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124

## LISTA DE FIGURAS

Cancela de acesso ao Sítio Passagem das Pedras.....	48
Ruínas da casa-sede da fazenda Pedreira.....	54
Estrada que dá acesso ao Sítio Passagem das Pedras.....	56
Cartaz sobre seminário Sertão, Beatos e Cangaceiros.....	80
Grupo de xaxado Cabras de Lampião.....	85
Celebração do Cangaço (ecumênica) no Sítio Passagem das Pedras.....	90
Museu do Cangaço em Serra Talhada (sede atual).....	95
Réplica da casa onde nasceu Lampião.....	96
Sala da réplica da casa de Lampião.....	97
Consumo do bode no buraco na fazenda Barreiros.....	105
Restaurante O Matuto.....	106
Pousada Maria Bonita.....	106
Pousada Lampião.....	106
Casa de show Forró do Matuto.....	106

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi investigar como, em Serra Talhada, cidade pernambucana da Mesorregião do Sertão Pernambucano, Microrregião do Pajeú, dá-se a apropriação da memória de Lampião na construção da sua identidade. Verificou-se, também, como se deu o processo de invenção da memória de Lampião em solo serra-talhadense e como produtores culturais locais vivenciam tensões no referente à administração da memória lampiônica. O embasamento teórico da pesquisa se perfez, dentre outras, das falas de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, Pierre Nora, Michael Pollak, Roger Schwartzberg, Mikhail Bakhtin, Erving Goffman e Stuart Hall. Também foram evocados os clássicos da Sociologia: Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Metodologicamente, lançou-se mão do método da História Oral, tendo como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada. Deu-se ênfase à tríade: literatura cangaceira lampiônica local, simbologia presente no espaço serra-talhadense e depoimentos de atores contemporâneos de Lampião ou que fossem familiares de tais.

**Palavras-chave:** Lampião. Memória. Identidade. Serra Talhada.

## RESUMEN

El objetivo de esa pesquisa fue investigar como, em Serra Talhada, ciudad pernambucana ubicada em la mesoregión del Sertão pernambucano, microregión del Pajeú, se dá la apropiación de la memoria de Lampião en la construcción de su identidad. Se ha verificado también, como se ha dado el proceso de invención de la memoria de Lampião en solo serratalhadense y como productores culturales locales vivencian tensiones en el tocante a la administración de la memoria lampiônica inventada. El embasamiento teórico de la pesquisa se ha perfecho, dentre otras, de la hablas de Eric Hobsbawm y Terence Ranger, Pierre Nora, Michael Pollak, Roger Schwartzberg, Mikhail Bkahtin, Erving Goffman y Stuart Hall. También ha sido convocados los clásicos de la Sociología: Émile Durkheim, Max Weber y Klarl Marx. Metodologicamente, se ha lanzado mano de la Historia Oral, usando com instrumento de pesquisa la entrevista semiestructurada. Se ha dado énfase a la tríade: literatura cangaceira lampiônica local, simbología presente en el espacio serratalhadense y declaraciones de actores contemporáneos de Lampião o que habían sido familiares de los mismos.

**Palabras-llave** : Lampião. Memoria. Identidad. Serra Talhada.

## **ABSTRACT**

The objective of the research was to investigate how, in Serra Talhada, a city of the state of Pernambuco that is nestled in the Meso region of the Backwoods (Sertão) of the state of Pernambuco, Micro region of the Pajeú, the appropriation of Lampião's memory has been caught in the construction of its identity. It has also been verified how the process of the creation of his memory has been happened in the Serra Talhada place and how local cultural creators have lived tensions as concerning the administration of the created Lampião's memory. The theoretical fundamentation of this research has been done, besides others, from the speeches of Eric Hobsbawm and Terence Ranger, Pierre Nora, Michael Pollak, Roger Schwartzberg, Mikhail Bakhtin, Erving Goffman and Stuart Hall. It has also been evoked the classicals of Sociology. Émile Durkheim, Max Weber and Karl Marx. Methodologically, it has been laid hold of Oral History as well as using as instrument for this research the semi-structured interview. It has emphasized the triad: the lampionic local outlaw literature, symbology appeared in Serra Talhada place and testimony of contemporary actors of Lampião or someone who has belonged to his family.

**Key-words:** Lampião. memory. Identity. Serra Talhada.

## INTRODUÇÃO

Identificada como a Capital do Xaxado, a cidade de Serra Talhada, situada na Mesorregião do Sertão de Pernambuco, especificamente na Microrregião do Pajeú, é conhecida como a terra de Lampião, cuja memória se constitui objeto de investigação desta pesquisa.

Percebe-se, em torno do processo midiático construtivo do marco cultural de Serra Talhada, a existência de glorificação dada à memória de Lampião e esta, por sua vez, é veículo através do qual se divulga a cidade. Todavia, observações “in loco” – decorrentes de conversações informais – levaram ao estabelecimento de questionamento acerca de como é vista, pelos cidadãos, esta glorificação dada ao cangaceiro.

Mediante as falas coletadas dos sujeitos serra-talhadenses, percebeu-se uma certa incongruência entre o que se dizia e o que se constituía como discurso midiático cultural acerca de Lampião. Havia concordância no fato de que a identificação da cidade com o cangaceiro era imprescindível à visibilidade exterior dela, porém, ainda que isto ocorresse, parecia inexistir, por parte da maioria dos cidadãos ouvidos, uma espécie de desejo de identificação com o cangaceiro famoso, parecendo deixar transparecer a inexistência de um eu identitário coerente, ou a vivência de um deslocamento de identidade (HALL, 2006). Esta constatação remeteu ao questionamento gerador da inquietação desta pesquisa: por que há, em Serra Talhada, discrepância entre o que se enuncia e o que realmente se pensa sobre Lampião?

A hipótese em relação ao problema investigatório em questão aventa acerca da possibilidade de que, em Serra Talhada, a glorificação dada à memória de Lampião seria fruto de uma tradição inventada (HOBBSAWM; RANGER, 2002), subsidiada pelo uso de lugares de memória (POLLAK, 1992; NORA, 1993) que possuiria início e autoria definidos e que serviria à satisfação de uma demanda específica: promover visibilidade à cidade e, por conseguinte, auferir ganhos. Ou seja, a ação de usar a imagem heróica de Lampião teria sido algo que se embasou em um agir previamente definido e intencionalmente executado, uma ação social do tipo racional com relação a um objetivo a ser atingido (WEBER, 2002).

Partindo-se da hipótese levantada, definiu-se, enquanto delimitação do objeto de estudo, um recorte temporal. Tomou-se como ponto de partida da investigação o plebiscito promovido, em setembro de 1991, pela Casa da Cultura de Serra Talhada, o qual conclamava a população a dizer sim ou não à confecção de uma estátua de Lampião e a sua fixação em praça pública. A partir desse acontecimento coube a nós investigar e analisar como se deu a construção da nova imagem de Lampião, em Serra Talhada, a partir da decisão dos votantes de lhe promover ou não, tal homenagem.

A partir do exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como se deu a construção da memória de Lampião e do cangaço no município de Serra Talhada, no estado de Pernambuco, problematizando as recepções desta no cotidiano da sociedade serra-talhadense.

Como objetivos específicos, intentamos analisar a relação da identidade serra-talhadense com os discursos produzidos sobre Lampião; discutir a monumentalização da memória de Lampião em Serra Talhada; compreender os reflexos dessa memória oficial lampeônica no cotidiano populacional serra-talhadense e, discutir a resistência que existe, em Serra Talhada, à memória oficial que se construiu sobre o referido cangaceiro.

A realização da presente pesquisa justifica-se uma vez que contemporaneamente se observa um fascínio considerável pelas coisas memoráveis (SÁ, 2006), sendo isto denotado na atração que exerce a memória nos diversos campos do saber: antropologia, psicologia, história e sociologia, entre outros. Diz-se haver um momento memorioso (DOSSE, 2001); uma indústria de memória (KLEIN *apud* SÁ, 2006) e até um mercado de memórias (ALBERTI, 1996).

Ainda que várias sejam as opções por que se possa abordar a temática, optou-se neste trabalho pela análise da dimensão social da memória e a repercussão que tal dimensão proporciona existir em uma determinada sociedade. Ou seja, buscou-se abordar a memória como sendo elemento que “mediatiza transformações espaciais e produz uma ruptura instauradora” (CERTEAU, 1996, p. 161). A memória aludida é a cangaceira lampeônica<sup>1</sup> e a sociedade onde se reflete essa memória, a serra-talhadense, localizada no espaço geográfico pernambucano<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Memória que tem como referente o cangaceirismo protagonizado por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que se diferencia dos demais por ser possuidor de traços particularizados, ou seja, é similar

Passados mais de setenta anos da morte de Lampião, percebe-se a existência de um movimento de apropriação e de glorificação de sua memória, que ocorre na maior parte lugares por que passou. Tal apropriação não se atém meramente aos folhetos de cordel, um dos primeiros suportes de uma memória coletiva do cangaço, mas de uma glorificação feita ao cangaceiro famoso. Há, pode-se dizer, uma disputa pelo espólio cangaceiro lampeônico. Ou seja, determinadas cidades sertanejas, cujas histórias estão diretamente vinculadas ao cangaço lampeônico, reivindicam para si a memória do cangaceiro mais famoso e, desse modo, “tentam construir ou inventar suas identidades através do reforço dos vínculos que mantiveram, no passado, com Lampião, não importando se as imagens em jogo são ou não favoráveis ao cangaceiro” (CLEMENTE, 2006, p. 46), contanto que privilegiem marcar, positivamente, tais identidades, como foram os casos de Mossoró (RN), Poço Redondo (SE) e, obviamente, Serra Talhada (PE).<sup>3</sup>

Sob o discurso de que é berço do cangaceiro famoso, Serra Talhada tem, desde os meados dos anos 1980 e início os anos 1990, empreendido esforços significativos para se tornar detentora da memória lampeônica, na região do Pajeú. Esse esforço é resposta dada às ações glorificadoras da memória lampeônica existentes na vizinha cidade de Triunfo <sup>4</sup>.

Na década de 1990, no espaço serra-talhadense, surgem grupos voluntários, que passam a defender uma postura mais firme em relação à defesa da imagem de Lampião. A partir daí, em Serra Talhada, passa a existir uma nova concepção sobre os valores do cangaço e sobre a personalidade de Lampião e, aos poucos, porém contínua e sistematicamente, vai se estabelecendo a construção de uma nova imagem para o “Rei do Cangaço”. Ou seja, de bandido cruel e sanguinário, Lampião passa a ser visto como patrimônio cultural do município<sup>5</sup>, posto num grau de reconhecimento heróico.

Como princípio da glorificação que Lampião passa a receber em Serra Talhada, pode-se citar o plebiscito ocorrido em 7 de setembro de 1991, quando 79%

---

no concernente àquilo que instiga o seu início, a vingança, mas singular no que se refere ao estímulo de sua continuidade, a construção de um meio de vida promotor de ascensão social.

<sup>2</sup> Serra Talhada, cidade do Sertão pernambucano, na região do Médio Pajeú, com cerca de 85 mil habitantes, localizada às margens da BR 232 e que dista do Recife 420 quilômetros.

<sup>3</sup> Mossoró (RN), lugar de resistência à investida feita por Lampião; Poço Redondo (SE), lugar fornecedor de cangaceiros; Serra Talhada (PE), cidade natal de Lampião.

<sup>4</sup> Triunfo dista de Serra Talhada 37 quilômetros. Destaca-se por seu clima de altitude e pela abundância e qualidade de sua água. É considerada um “oásis” no semi-árido pernambucano.

<sup>5</sup> Lei nº 621 de 19 de dezembro de 1986.

dos votantes disseram “sim” ao heroísmo lampeônico e à construção de uma estátua em sua homenagem.<sup>6</sup> (SOUZA, 2006).

Nessa onda de deslocamento de imagem do cangaceiro (HALL, 2006), passa a existir o evento “Tributo a Virgulino”, sempre ocorrendo no último final de semana do mês de julho. A programação desse evento conta com lançamentos de livros sobre o cangaço, apresentação de grupos folclóricos, exibição de filmes, debates, palestras e a “Celebração do Cangaço”<sup>7</sup>. Essa ocasião também serve para que se reúnam pesquisadores do cangaço, ex-cangaceiros, ex-volantes e parentes de Lampião.

A primeira edição do evento produziu um folheto, cujo conteúdo revela a intencionalidade dos organizadores de “fazer conhecer ou reconhecer” (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 12) a nova imagem dada a Lampião, mostrando-o como alguém consciente política e ideologicamente e, por conseguinte, empenhado em mudar a estrutura do seu tempo. (TRIBUTO A VIRGULINO, 1995).

Percebe-se, desse modo, a ressignificação por que passa o agir lampeônico. O seu ingresso na vida cangaceira é visto como não sendo meramente algo que derive de uma disputa de terras ou de criatórios, como relata a historiografia oficial e é apropriado pela memória coletiva. Lampião é citado como justiceiro, alguém consciente dos problemas do seu tempo e, por conseguinte, que porta consigo uma mensagem política. Aqui, o cangaço é visto como um movimento organizado, como fora concebido na década de 1960, por Rui Facó, em seu livro “Cangaceiros e Fanáticos”.

O relato até aqui executado serve para mostrar quão significativa é a memória lampeônica em Serra Talhada. Procurou-se, por isso, buscar entender a razão de tal constructo. Seria estratégica a esteriotipização por que passa Serra Talhada? Essa esteriotipia ocorre de maneira consciente? Entendeu-se ser necessário a elaboração de tais perguntas uma vez que a esteriotipização é elemento pelo qual, constrói-se a realidade. (ALBUQUERQUE Jr., 1999).

Ainda outras indagações foram estimuladoras à realização desta pesquisa como por exemplo: quais são os indivíduos, grupos sociais construtores dessa memória monumentalizada de Lampião, em Serra Talhada? Estaria a memória

---

<sup>6</sup> Ainda que aprovada em plebiscito, a referida estátua não foi erigida. Vozes contrárias, ainda que minoritárias, fizeram-se ouvir e, mediante ameaças e pressões, impediram a concretização do projeto.

<sup>7</sup> Celebração religiosa cristã católica que ocorre no Sítio Passagem das Pedras, lugar onde nasceu Lampião.

monumentalizada de Lampião a serviço de interesses específicos, como, por exemplo, a higienização de um heroísmo cangaceiro e/ou policial? Não seria tal memória elemento justificador de discursos de ex-cangaceiros e de ex-soldados de volante em seus escritos e testemunhos? Não estaria esta memória lampeônica sacralizada servindo como mordaca a outras memórias? Haveria em Serra Talhada memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), ou seja, memórias que oferecem resistência à memória lampeônica oficial? Não estaria a memória glorificada de Lampião atendendo à satisfação de demandas específicas, incluindo-se nelas a econômica?

Diante de tais questionamentos e, não se esquecendo da barreira que a familiaridade com o universo social produz à epistemologia, (BOURDIEU, 2007), buscamos observar o que está além da matéria, abstraindo, racionalizando, devaneando o que é visto de imediato, voltando-se “contra as convicções primeiras, necessidade de certeza imediata” (BACHELARD *apud* SANTOS 2009, p. 19), desvencilhando-se, assim das prenoções, como orienta Durkheim (2007).

Desse modo, fez-se uso de uma metodologia que, em um primeiro momento, enfatizou a continuidade de leituras específicas sobre o cangaço lampeônico – O termo continuidade é pertinente, uma vez que a prática de leituras sobre esta temática é algo que precede a construção desta pesquisa.

A pesquisa de campo, parte empírica desta pesquisa e que perfez o seu segundo momento, constou de entrevistas abertas e semi-estruturadas, realizadas com habitantes serra-talhadenses, cujo roteiro foi previamente definido. Tal roteiro, todavia, não se constituiu em algo determinado, mas se perfez de questionamentos que permitiram, à medida que se desenvolvia a entrevista, acrescentar mais questionamentos aos informantes.

Desse modo, as falas obtidas dos informantes foram significativas na compreensão de como se inventou, em Serra Talhada, a nova tradição acerca de Lampião. Também, foi possível, via entrevistas, promover oportunidade àqueles que não dispunham de voz - porquanto se viam sufocados por aquilo que se definiu como sendo a voz oficial - o direito de falar (POLLAK, 1989). Ademais, as entrevista trouxeram à baila a voz do nativo serra-talhadense, que segundo Geertz (1999) é elemento viabilizador de uma interpretação ou interpretações do fenômeno em primeira mão.

Assim, procurou-se estabelecer uma heterogeneidade referente aos informantes abordados, levando-se em conta os vetores: idade, gênero, ocupação e grau de instrução. Na questão etária, pesou o fato de a maioria deles ter idade acima de trinta anos, porquanto, nesta pesquisa, é significativo o ano de 1991, quando, em Serra Talhada, aconteceu o plebiscito. Também foram entrevistadas pessoas bem mais jovens, entre dezoito e trinta anos que, ainda que não tivessem participado do plebiscito citado, trouxeram à tona informações/opiniões interessantes acerca da imagem lampeônica.

Quinze foi o número de informantes, tendo as entrevistas uma duração média de sessenta minutos. Durante quase um mês, depois de selecionados os informantes, ocorreram as entrevistas. Em alguns casos, depois de certa apreensão, o informante se soltava e, mais à vontade, respondia abertamente aos questionamentos feitos. Em nenhum momento foram feitas somente as perguntas previamente selecionadas. Muitas foram aquelas que surgiram no desenrolar da conversa com o entrevistado. Algumas até que servirão para embasamento em outras intenções de projetos futuros. Após a realização das entrevistas, todas foram transcritas e, em seguida, catalogadas, a partir da confecção de um sumário previamente definido. Transcritas, totalizaram cento e oitenta e cinco páginas.

A pesquisa empreendida foi significativa também no que diz respeito à experiência vivida. Ou seja, além dos percalços enfrentados como por exemplo, adiamento da entrevista por parte do informante (sem que tenha existido comunicação prévia), muitas foram as surpresas que as informações revelaram acerca do que se pensa sobre Lampião, em Serra Talhada. Ficou perceptível, claramente, dentre outras coisas, a inexistência de naturalidade na construção da imagem de Lampião no espaço onde nasceu, mas uma espécie de representação forjada.

Os informantes, quase que na sua totalidade, por exemplo, concordavam ser imprescindível a existência do vínculo da imagem de Lampião a Serra Talhada, porquanto, segundo disseram, isto lhe promove visibilidade. Todavia, tais informantes se sentiram desconfortáveis ao serem questionados se, de sua parte, havia orgulho em serem conterrâneos de Lampião. Desse modo, parece haver em Serra Talhada, no concernente à identidade lampeônica, um traço híbrido!

Quatro são os capítulos que compõem a dissertação e assim se encontra organizada:

No primeiro capítulo, intitulado “**Interpretações sobre Lampião: um personagem multifacetado**”, construímos a sistematização da parte teórica da pesquisa e porta consigo as vozes provenientes de alguns teóricos que escrevem ou escreveram sobre Lampião. Trata-se de uma cartografia da polifonia discursiva acerca do cangaceiro.

O segundo capítulo, que se denomina “**Enunciados e pensamentos do serra-talhadense sobre a imagem de Lampião**”, traz à discussão, mediante análise dos conteúdos das vozes dos atores entrevistados, a concepção prevalecente acerca da imagem de Lampião no espaço serra-talhadense. Neste capítulo intentamos mostrar o vácuo existente entre o que se diz e o que se pensa sobre o conterrâneo cangaceiro.

No terceiro capítulo, intitulado “**A invenção da memória lampeônica em Serra Talhada**”, mostramos como ocorreu o processo de ressignificação por que passou a imagem de Lampião em Serra Talhada. A partir de informes provenientes de fontes escritas e de entrevistas, analisamos como se deu a construção da nova tradição lampeônica.

O quarto e último capítulo, intitulado “**Os usos da memória lampeônica para a cultura local**”, demonstramos como se utiliza a memória ressignificada do cangaceiro no espaço serra-talhadense. Apresentamos os usos dessa memória como elemento que satisfaz a uma demanda diversificada.

Por fim, nas considerações finais, tentamos apresentar os principais pontos de análise e resultados a que chegamos com a presente pesquisa. Certos de que, o que estamos propondo como linhas de investigação e de análise, reside apenas em mais uma interpretação possível do tema em tela, não possuindo de maneira alguma a pretensão de esgotar o variadíssimo e riquíssimo tema do cangaço lampeônico.

Esperamos que o presente texto sirva à curiosidade acadêmica e instigue a leitores e pesquisadores a continuidade de investigação de um tema, até hoje para nós, extremamente instigante.

## **I – INTERPRETAÇÕES SOBRE LAMPIÃO: UM PERSONAGEM MULTIFACETADO.**

Não são poucos os discursos sobre a “saga” de Lampião. Cremos ser correto afirmar haver uma polissemia discursiva envolvendo o mais célebre e famoso dos cangaceiros. Não há, por isso, como enquadrá-lo, como trazer à tona algo que, por si só, possa promover compreensão de quem tenha sido Lampião. Desse modo, à pergunta quem foi Lampião, múltiplas são as respostas que existem.

Tomando-se como ponto de partida o senso comum, porquanto se pensa ser o cotidiano o chão da ciência, verifica-se que, ainda que aparentemente simplista, a dicotomia herói/bandido, que majoritariamente povoa o imaginário popular, já é portadora em si mesma de elementos viabilizadores de discussão significativa, uma vez que os epítetos herói e bandido não são conclusivos, porquanto brotam de falas que selecionam agires lampiônicos. Ou seja, decorrem de discursos selecionadores, de “memórias construídas”, “resultado de um verdadeiro trabalho de organização”, como defende Pollak (1992, p. 204).

Assim, decorrente do sertanejo caatingueiro, a imagem de bandido chegada a Lampião, provém de experiências traumáticas. Ou seja, pessoas que foram alvo das atrocidades do cangaceiro, bem como aquelas que descendem dessas pessoas, não poderiam vê-lo senão pela ótica negativa. São, no concernente aos elementos constitutivos da memória, pessoas que transformaram suas vozes em lutos ou trabalhos de rememorações ou esquecimentos (RICOEUR, 2007).

Acerca daquelas que não participaram diretamente do evento, mas que se mantêm definidas em classificar Lampião como um bandido – por se identificarem com as vítimas diretas do cangaceiro –, essas pessoas, segundo Pollak (1992, p. 201), vivenciam “uma memória quase que herdada”. Ou seja, ainda que diretamente não tenham participado do fato, o fazem “por tabela” e, em seu imaginário, o acontecimento toma “tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participaram ou não”.

Sobre as pessoas que heroicizam Lampião, essas o fazem, à semelhança das que o vilipendiam, embasadas em julgamento das ações protagonizadas pelo cangaceiro. Todavia, nesse caso, as ações aqui consideradas são as que geraram benefício à pessoa que emite julgamento ou a parentes seus. A memória positivada

de Lampião também decorre de ações deliberadas de produtores culturais que, objetivando fins específicos, ressignificam-na, produzindo uma imagem nova destinada à “venda”, “ainda que seja necessário enganar e iludir, indo além da verdade ou falseando-a”, (SCHWARTZENBERG, 1978, p.14-15). Trata-se, como afirma Pollak (1992, p. 204), referindo-se à memória como sendo fenômeno construído, de uma “organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento”.

O aspecto positivo dado à imagem de Lampião, que dentre outras coisas atribui-lhe o epíteto de herói, decorrente de uma nova construção social, pode ser explicado à luz de Hobsbawm & Ranger (2002, p.12-13), quando falam de tradição inventada. Para eles, na sociedade, “inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta”, ou seja, “quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis”.

Exemplo disto é o que ocorre em Serra Talhada, berço de Lampião, onde, a partir de uma ação social do tipo racional com relação a um objetivo (WEBER, 2002) – um plebiscito, em 1991, para decidir sobre Lampião, enquanto produto turístico para publicizar a cidade <sup>8</sup> - instala-se o início de um processo de glorificação à memória lampeônica que, dentre outras coisas, promoverá a visibilidade nacional e internacional da cidade, a partir da sua identificação, quase simbiótica, com o seu filho mais famoso. Essa transformação espacial mediatizada pela memória que produz uma ruptura instauradora (CERTEAU, 1996), experimenta consolidação no espaço serra-talhadense quando se lança mão dos lugares de memória lampeônica.

Outras falas sobre o cangaceiro são, por sua vez, decorrentes de teóricos que versam sobre a temática cangaço e Lampião, e que circulam no meio acadêmico. Antes que se adentre a tais falas, pensa-se necessário justificar a separação que existe entre cangaço e Lampião. Não se nega que, quando se fala em cangaço, existe, quase que de maneira geral, associação a Lampião. Não o poderia ser diferente uma vez que, de fato, Lampião, ainda que não tenha sido o único chefe famoso de cangaceiros, foi o mais célebre, sendo tal celebridade avultada em

---

<sup>8</sup> Essa discussão se encontra mais detalhada no terceiro capítulo desta dissertação.

decorrência das narrativas de suas gestas na literatura de cordel, onde “o imaginário e o simbólico são também contitutivo do real”. (GUILLEN, 2006, p. 169).

Outro veículo viabilizador de homogeneidade entre cangaço e Lampião são os filmes sobre cangaço, que segundo Gilvan de Melo Santos, em *Escrituras Nômades do Cangaço: o folheto de cordel como signo motivador do cinema das décadas de 1950 e 1960* (2009), representam mitos e imagens arquetípicas que ora se aproximam ora se distanciam da história oficial acerca de Lampião, sobretudo em relação às suas façanhas e razões óbvias de entrada no cangaço, por questões de vingança e garantia de suas honras.

A afirmação feita por Gilvan de Melo Santos se embasa em comparações entre o que dizem, sobre o comportamento de Lampião, informantes do quilate de Ilda Ribeiro de Souza, a Sila, cangaceira e companheira de Zé Sereno, chefe de um dos subgrupos comandados por Lampião, e de Maria Adília, companheira de grupo de Sila, e o que se mostrava nas películas sobre o cangaceiro maior. Por outro lado, não se pode negar que o mesmo autor põe em discussão aspectos do contar e do narrar, das vozes dos atores sociais e narrativas literárias e fílmicas que, mesmo tendo os fatos históricos como referentes, simplifica-os e apresentam uma diversidade de caracterizações ou tipologias dos cangaceiros.

Para Santos (2009, p.38), o que é dito pelas ex-cangaceiras sobre a personalidade e o comportamento de Lampião, “contrapõe-se à performance tradicional do cangaceiro representada pela maioria das produções fílmicas nas décadas de 1950 e 1960, quase sempre caracterizada pela agressividade e intolerância”. Na crítica à discrepância entre o dito e o representado, acompanha Santos (op. cit), Albuquerque Júnior (2001).

Quando se enfatiza a necessidade de separar cangaço e Lampião, faz-se baseado na constatação de que o cangaço é significativamente anterior a Lampião. Tomando o cangaço como movimento de contraposição à ordem vigente, percebe-se, talvez, que a sua origem remonte à época da colonização, onde, a estrutura oligárquica implantada pelo europeu colonizador e a própria cultura de vingança, segundo Zuza (2001), teriam sido a mola-mestra da sua gênese.

Para Guillermo Palacios, em seu artigo *Campesinato e Escravidão: uma proposta de periodização para a história dos cultivadores pobres e livres do Nordeste oriental do Brasil* (1987), esta possível gênese se encontra um pouco mais adiante, de finais do século XVIII a meados do século XIX, quando parte da massa

de camponeses expropriados pelo Estado se constitui em mão-de-obra que abastece “os numerosos ‘exércitos’ particulares, bandos e grupos armados que deram substância às lutas, guerrilhas, revoltas regionais, movimentos separatistas, conspirações republicanas, tentativas restauradoras e confrontos políticos-partidários”. (PALACIOS, 1987, p. 342).

Esses “exércitos” particulares citados acima por Palacio, são entendidos por Queiroz (1977, p. 43), como sendo, para os coronéis, por volta de 1840, “bandos permanentes de apaniguados, que recebiam soldo e alimentos” e que, para Mello (2004, p. 85), perfaziam o cangaço dependente ou “endêmico”, uma vez que o do tipo independente ou “epidêmico”, como o chama Mello (2004, p. 88), portava consigo caracteres particularizados, dentre os quais ressalte-se a relação mantida com os coronéis:

O relacionamento não produzia vínculo de subordinação exclusiva para qualquer das partes. A característica principal do cangaceiro [...] é a ausência de patrão. Mesmo quando ligado a fazendeiros, por força de alianças celebradas, o chefe de grupo não assumia compromissos que pudesse tolher-lhe a liberdade. A convivência entre eles fazia-se de igual para igual, agindo o cangaceiro como um fazendeiro em terras, cioso das prerrogativas que lhe eram conferidas pelo poder das armas, sem dúvida o mais indiscutível dos poderes.

Pesquisadores como Nemer (2007, p. 49) e Debs (2007, p. 95), citados por Santos (2009, p. 30), definem o século XIX como nascedouro do cangaço e, ao do tipo epidêmico, conferem o *ethos* cangaço.

Considerando-se o cangaço como fruto do banditismo rural e, embora não se negue ser fenômeno de exclusividade brasileiro e nordestino, verifica-se que, quando há reportagem à localização histórica do fenômeno. Este remonta a épocas remotas. Afirma-se isto baseado nos estudos de Hobsbawm (1976, p. 16) que, quando estuda os primórdios do banditismo rural na América, na Europa, no leste e no sul da Ásia, no mundo islâmico e na Austrália, atesta ser elemento instigador do fenômeno “a escassez periódica – más colheitas e outras crises naturais – e catástrofes ocasionais, como guerras”. Na opinião do historiador inglês, “todas essas catástrofes tendiam a multiplicar o banditismo de um tipo ou de outro”.

As adversidades naturais enquanto elemento instigador do banditismo rural, como diz Hobsbawm, são também evocadas por significativa gama de pesquisadores como sendo, juntamente com as querelas parentescas, o principal

elemento responsável pelo surgimento do cangaço epidêmico. Queiroz (1977) e Chandler (1981), são exemplos dos que corroboram com tal afirmação.

Agora, retornando às vozes dos teóricos que circulam no meio acadêmico, verificar-se-á, a partir da análise de seus discursos, a multiplicidade de faces que chegam a Lampião, perfazendo-o um personagem multifacetado, como enseja o título deste capítulo. Ou seja, listadas serão as três principais óticas por que Lampião é visto no universo literário que versa sobre o cangaceiro famoso.

Assim, ponderar-se-á sobre a ótica que vê em Lampião, o revolucionário que a partir de conscientização adquirida acerca da injustiça imposta à classe a que pertencia, parte para a práxis, sendo esta concretizada no cangaço; discutir-se-á sobre o Lampião burguês que, estudado na ética da vingança, elastece por mais de duas décadas a sua vivência do cangaço e, por último, trar-se-á à discussão o Lampião corruptor e engendrador de sua longevidade.

### 1.1. Lampião, o proto revolucionário das lutas camponesas

A classificação de “proto revolucionário das lutas camponesas” é de Rui Facó, em seu livro *Cangaceiros e Fanáticos* (1968), e pode ser considerada talvez o marco original da historiografia no Brasil sobre o tema. Inspirada no marxismo e com idéias que se aproximam das de Eric Hobsbawm, em *Bandidos* (1976), sua interpretação do cangaço parte do pressuposto que os cangaceiros representam uma forma de luta ativa contra a opressão do latifúndio. Segundo Silva (1996), sua obra é um elemento capital do processo de apropriação do imaginário, no qual o cangaceiro se transforma em um proto-revolucionário, símbolo da luta por uma reforma agrária. Defende Facó (1983, p. 21), referindo-se à desdita que marcava a vida do sertanejo e que, segundo ele, teria sido elemento promotor de seu ingresso no cangaço:

Nas terras dos grandes proprietários, eles não gozam de direito algum político, porque não têm opinião livre; para eles o grande proprietário é a polícia, os tribunais, a administração, numa palavra, tudo; e afora o direito e a possibilidade de os deixarem, a sorte desses infelizes em nada difere da dos servos da Idade Média [...] **Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma “saída” nos grupos de cangaceiros [...]** sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de

armas nas mãos. Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo. (Grifos nossos).

O contexto histórico onde se constrói esse simbolismo em torno do cangaceiro e, conseqüentemente, em torno de Lampião, é o que se situa dos finais dos anos 1950 e início dos anos 1960. Esse espaço de tempo é o cenário onde atuará Francisco Julião Arruda de Paula, advogado e fundador das Ligas Camponesas em Pernambuco, que vai, segundo Sá (2006, p. 177), “reivindicar os cangaceiros como elementos pioneiros de seu combate”. Considerando os cangaceiros como ancestrais das Ligas Camponesas, segundo Silva (1996), os intelectuais marxistas transformaram os cangaceiros em um instrumento político, historicamente determinado e ainda de acordo com Sá, tal visão sobre o cangaço é

(...) uma resposta à opressão do latifúndio e a um aparelho judicial corrupto e ineficaz, constituiu-se, por longo tempo, na base das interpretações sobre o fenômeno, que vai, inclusive, reverberar no resgate da memória do cangaço elaborado pelos militantes dos movimentos sociais no Nordeste. (SÁ, 2006, p.177)

A afirmação do teórico citado encontra ratificação em ações protagonizadas, por exemplo, em Serra Talhada, na década de 1990, quando da comemoração do centenário de nascimento de Lampião, em 1997. Naquela ocasião, o produtor cultural Anildomá Willians de Souza, fundador e presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião, a quem, Sá (2006, p. 176), atribui o resgate positivo da imagem do cangaceiro naquela cidade, chamou a atenção da imprensa pernambucana ao convidar Jaime Amorim, líder maior do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), em Pernambuco, para participar do Tributo a Virgulino.

Entrevistado pelo Jornal do Comércio, o produtor cultural justificou o convite, reportando-se à questão do latifúndio: “Os coronéis continuam mandando do mesmo jeito, enquanto a polícia, por sua vez, age com a mesma violência dos soldados da volante quando o objetivo final é acabar com as ocupações do MST”, (TINOCO, 1997, p. 4). Posteriormente, dessa feita falando ao jornal O Estado de São Paulo, demonstra insistir na existência de uma relação histórica entre MST e cangaço e, segundo Luiz Athias (1998, p.03), assim se expressa: “Os dois movimentos chamaram a atenção para o abandono do Sertão”.

A primeira edição do evento criado por Anildomá Willians em Serra Talhada, O Tributo a Virgulino, 1995, tem, em seu panfleto convocatório, expressa a idéia do seu organizador, idéia que corrobora com o pensar de Facó (1983): a postura ideológica dos cangaceiros e, conseqüentemente, envergada por Lampião.

Vendo seus irmãos sertanejos tombarem de fome, pela falta da terra, mão-de-obra semi-escrava, os coronéis mandando e desmandando nos sertões, o jovem Ferreira passou a ser uma esperança de claridade, entrando nas vilas, povoados e cidades, fazendo justiça e clamando em alto e bom tom, que era preciso devolver aos mandatários o que eles davam ao povo. (Tributo a Virgulino, 1995)

Percebe-se clara, lendo-se o texto, a presença de ideologia no agir de Lampião. Por ele, estaria o cangaceiro engajado em um ideal previamente definido. Ou seja, Lampião estabeleceria leitura do seu mundo e, posterior a ela, convencido da exploração sofrida pelos da sua classe, empreendera, então, ação. Seria, pela ótica marxista, a vivência, por parte do cangaceiro, de uma ação política consciente e transformadora, de uma práxis.<sup>9</sup>

Outro exemplo do reflexo das ponderações de Facó (1983) é observado na cidade de Triunfo, localizada no Sertão pernambucano do Pajeú. Ali, o significado positivo da imagem de Lampião resulta de trabalho exercido por um grupo cultural intitulado Lampeônico.

Também no ano do centenário de nascimento de Lampião, Ruy Trezena Patu, juiz aposentado e vereador, apresentou projeto à Câmara de Vereadores de Triunfo, onde objetivava, dentre outras coisas relacionadas ao cangaço, a construção de uma estátua de Lampião, que seria esculpida pelo artista plástico pernambucano Aberlardo da Hora, autor de peças grandiosas da cultura popular, como a de Frei Damião de Bozzano, em Guarabira, na Paraíba.

A atitude do vereador repercutiu significativamente na imprensa de Pernambuco e lhe gerou, dentre outras críticas, a proveniente de Ariano Suassuna que, em artigo publicado no Diário de Pernambuco, de 24 de agosto de 1999, contrapontou o vereador, afirmando não ser Lampião merecedor da homenagem do povo triunfense. Revidando à crítica, em documento chamado Carta de Patu (*apud* SÁ, 2006, p. 179), o vereador diz que Lampião foi o “maior guerrilheiro da

---

<sup>9</sup> Pela ótica marxista, conjunto de atividades que visam a transformar o mundo e, em particular, os meios e as relações de produção, sobre as quais repousam as estruturas sociais.

América Latina e o maior andarilho com armas na mão que se conhece no mundo e, por esta e outras razões, Lampião merece ser estátua, se não fora os preconceitos dos políticos e das elites reacionárias”.

Sua leitura do cangaço se aproxima das linhas gerais da historiografia marxista do cangaço, onde as ações cangaceiras são efeitos da estrutura injusta. Chamar Lampião de guerrilheiro é interpretação do cangaço que encontra respaldo na invenção de uma tradição revolucionária, realizada por pensadores e artistas de esquerda dos anos 1950 e 1960, que, segundo Sá (2006, p. 180), viam os cangaceiros como a “ante-sala da revolução” e marcou, indelevelmente, o imaginário social.

## 1.2. Lampião, o cangaceiro burguês escudado na ética

Na obra *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil* (2004), Frederico Pernambucano de Mello, defende ter sido Lampião um cangaceiro que se insere no rol dos que fizeram do cangaço um meio de vida e, para justificar sua escolha, lançaram mão da cultura da honra e da vingança como escudos éticos.

À compreensão da afirmação feita, pensa-se ser necessário deixar claro que, dentro do universo chamado cangaço, houve práticas de cangaços diferenciadas. Ou seja, no que se refere ao cangaço epidêmico ou independente, três, pelo menos, foram às formas por que existiu: meio-de-vida, vingança e refúgio. Segundo Mello (2004, p. 89), os tipos são assim explicados:

A primeira forma caracteriza-se por um sentido nitidamente existencial na atuação dos que lhe deram vida. Foi a modalidade profissional do cangaço, que teve em **Lampião** e Antônio Silvino seus representantes máximos. O segundo tipo encontra no finalismo da ação guerreira do seu representante, voltada toda ela para o objetivo da vingança, o traço definidor mais forte. Foi o cangaço nobre, das gestas fascinantes de um Sinhô Pereira, um Jesuíno Brilhante ou um Luís Padre. Na terceira forma, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava nada mais que um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas. (Grifo nosso).

Não se deve negar que, em um primeiro momento, o ingresso no cangaço foi, para os irmãos Ferreira, inclua-se Virgulino, decorrente do desejo de vingança, uma

vez que, direta e indiretamente, teriam os seus pais morrido em decorrência da questão travada com Zé Saturnino, latifundiário à época.

Todavia, a longevidade cangaceira vivenciada por Lampião – cerca de mais ou menos vinte anos – contraria a característica que perpassava a vida cangaceira motivada pela vingança. Segundo Mello (2004, p. 116), os vivenciadores desse tipo de cangaço não se tornaram celebridades em armas e, muito menos, elatedores da vida errante que marcava o cotidiano de um cangaceiro:

Não se deve atribuir nesse campo importância tão dilatada à vingança como força emuladora de vocações para o cangaço. Os bandidos que **sinceramente** a esta se dedicaram não foram os de maior celebridade nas armas. **Tiveram período de lutas de duração relativamente pequena**, quase nunca ascendendo à chefia de grupo [...] Por outro lado, não tendo interesses além da simples realização da sua vindita, não lhes assistiam as qualidades de verdadeiro administrador requeridas aos chefes de grupo. (Grifos nossos).

O escasso período de atividade devia-se ao fato de que, realizada a vingança ou constatada a possibilidade de levá-la a efeito, tornavam à vida normal, uma vez que o dia a dia cangaceiro era algo que, normalmente, estabelecia contraste com o cotidiano anteriormente vivenciado. Exemplo significativo é, segundo Mello (2004, p. 127), o de Sinhô Pereira que, após matar Antônio da Umburana, não vacilou em entregar o grupo a um sucessor – Lampião – e abandonar o Pajeú.<sup>10</sup>

Uma leitura mais meticolosa sobre o fenômeno do cangaço mostra que a tese da vingança ter sido o motivo exclusivo para o adentramento à vida cangaceira e a permanência nela não se sustenta, bem como não se sustenta ter sido o cangaço meramente um veículo de vingança. Ou seja, a vida do cangaço era algo querido, desejado. Na opinião de Mello (2004, p.116-117), a realidade do Sertão era algo determinante à adesão à vida cangaceira, enquanto meio por que se experimentaria aventura:

Num Sertão profundamente conturbado pelas disputas entre chefes políticos, lutas de famílias, ausência de manifestações rígidas e

---

<sup>10</sup> Sinhô Pereira, na verdade Sebastião Pereira da Silva, foi chefe de cangaceiros na região do Pajeú pernambucano. Seu cangaço era o de vingança contra membros da família Carvalho. Sebastião Pereira foi o precursor do cangaço serra-talhadense, que se constituiu a partir de desavença entre os clãs Pereira e Carvalho. Foi quem acolheu os irmãos Ferreira, quando de seu retorno ao Pajeú, vindos de Alagoas, com o objetivo de vingar-se de José Saturnino, desafeto seus. O cangaceirismo empreendido por Sinhô destoava do lampeônico, uma vez que era estimulado exclusivamente por desejo de vingança em relação à família Carvalho, não se observando a pilhagem, a extorsão e o sadismo, traços característicos daquele protagonizado por Lampião. (FERREIRA JR. 2007<sub>a</sub>, p. 2)

eficazes de um poder público longinquamente litorâneo; Sertão povoado por um tipo de homem individualista, sobranceiro, autônomo, desacostumado a prestar contas dos seus atos, influenciado pelos exemplos de bravura dos cavaleiros medievais; Sertão que tinha no épico seu gênero maior, fazendo vivas as páginas de um *Carlos Magno e os Doze Pares de França* [...] num Sertão assim anormal a olhos urbanos, o cangaço representava, na verdade, uma ocupação aventureira, um ofício epicamente movimentado, um meio de vida, ou até mesmo um amadorismo divertido de jovens socialmente bem situados, carentes de afirmação.

Para Macedo (1975), a vida livre e autônoma do cangaceiro, bem como a acessibilidade à riqueza e às mulheres era algo que empreendia sedução a muitos jovens da época. Na concepção de Sobreira (1969, p. 20), naqueles idos, “ostentar valentia, desmanchando sambas<sup>11</sup> e espalhando terror nas festas, era o melhor roteiro que um rapazinho imberbe descobria para se notabilizar entre os seus conterrâneos”. Ferraz (1978, p. 92), corrobora com Macedo (1975), quando afirma que “rapazes das melhores famílias, sem motivo aparente, sumiam de seus lares e se uniam a grupos de bandidos, levados por excessiva imaginação a uma atividade em que julgavam encontrar heroísmo e fama”. Significativo é o depoimento do deputado estadual pernambucano Maviael do Prado (*apud* MELLO, 2004, p.152), transcrito no relatório sobre o ano de 1928 da Repartição Central de Polícia de Pernambuco:

E enquanto, por um lado, a ação do cangaceirismo perturbava, por essa maneira, o império da justiça e da ordem, levando pavor aos seios das famílias e criando uma segurança arruinadora ao comércio do Nordeste, cujos comboios de mercadorias eram assaltados e saqueados nas estradas, por outro lado, quem quer que percorresse o sertão constatava um fenômeno social gravíssimo: entre os adolescentes, entre a flor em botão da mocidade, as façanhas dos bandoleiros, repetidas com vivas cores de bravura e arrojo, despertavam um entusiasmo deletério, predispondo as almas mal formadas para aquela vida aventureira e trágica do cangaço.

O gostar da vida do cangaço era claramente perceptível em Lampião, fato que contraria o paradigma de honra e vingança construído por Vera Ferreira, neta do cangaceiro, que, segundo Santos (2009, p. 32), “é o referente daquele representado em folhetos de cordel, sobretudo, os editados até meados da década de 1930”.

---

<sup>11</sup> Samba é nomenclatura que, costumeiramente, em algumas partes do sertão nordestino, funciona como equivalente a forró.

Quando se afirma gostar Lampião do que fazia, faz-se embasado em falas suas, nas quais, mais de uma vez declarou ser o cangaço, para ele, um meio de vida, um negócio. Uma dessas ocasiões é registrada por Rodrigues de Carvalho (1977, p. 313), sendo o cenário dela a casa do sogro de Lampião, Zé de Felipe, na fazenda Malhada da Caiçara, à época pertencente ao município de Santa Brígida e hoje, ao de Paulo Afonso, ambos localizados no Sertão do Médio São Francisco, no estado da Bahia. Ali teria se travado o seguinte diálogo:

Felipe lhe disse a guisa de conselho:

---- “Home, dêxe essa vida! Corte esses cabelos, tire esses orco, mande fazer dois ou três liforme di gasimira da boa, jogue esse fuzí i essas cartuchêra pro meio dus inferno, i abra nu oco du mundo! Óia rapais, u mundo é mole i nós semo duro. A gente fura ele di meio a meio”.

A resposta foi negativa. Lampião olhou para o mosquetão encostado num canto de parede. As cartucheiros pendentes de um torno, pensou um instante e disse com certa indiferença:

---- “Quá u quê, Zé. **Eu já to tão acostumado cum essa vidinha...**”. (Grifos nossos).

Em outra ocasião, dessa feita na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, onde se encontrava a convite do padre Cícero Romão Batista para ingressar nas Forças Legais e empreender combate à Coluna Prestes – coisa que nunca fez -, Lampião deixou claro que, para ele, o cangaço era um negócio, no qual se dava bem e não pretendia abandoná-lo imediatamente. Isto se encontra registrado em entrevista concedida ao médico Otacílio Macedo, da cidade do Crato, que foi publicada no Jornal *O Ceará*, edição de 17 de março de 1926. De acordo com Mello (2004, p. 118), quando perguntado sobre a possibilidade de abandonar o cangaço, Lampião responde fazendo outra pergunta:

---- Se o senhor estiver em um **negócio** e for-se dando bem com ele, pensará porventura em abandoná-lo?

---- Está claro que não! – responde o jornalista. O bandido então arremata:

---- Pois é exatamente o meu caso, **porque vou me dando bem com este negócio não pensei em abandoná-lo.**

---- Em todo caso, pretende passar a vida toda neste “negócio”?

---- Não sei... Talvez... **Preciso trabalhar ainda uns três anos.** Tenho alguns “amigos” que quero visitá-los, o que ainda não fiz, esperando uma oportunidade. (grifos nossos).

Outro testemunho acerca do cangaço como meio de vida ter sido praticado por Lampião encontra-se nas memórias de Optato Gueiros, em seu livro *Lampião: memórias de oficial ex-comandante de forças volantes* (1953). Nesta obra, registra Gueiros (1953, p. 86) que Lampião, ao ser perguntado por que não fez fogo contra uma volante que passara nas proximidades do lugar onde estava acampado, em Serrote Branco, Pernambuco, teria assim se expressado: “Ah! Menino! Isso aqui é meio de vida. Se eu fosse atirar em todos os macacos que eu vejo, já teria desaparecido”.

De outra feita, ainda no livro citado, Gueiros (p. 128), revela, com mais detalhes, o uso do cangaço, por parte de Lampião como meio de vida. Pormenoriza uma das práticas componentes do lucrativo negócio empreendido pelo “Rei do Cangaço”: a sua atuação como revendedor de munição aos seus cabras.

Recebia Lampião em seu bivaque **cargas e mais cargas de munições adquiridas a cinco mil réis à bala, que era distribuída aos seus fiéis servidores a dez mil réis**. Na proporção que estava sendo gasta a munição revendida por ele, **ganhando cem por cento, seria o bastante para Lampião enriquecer, acumulando milhões [...] calcula-se haver durado esse estado de coisas quatro anos**, até quando foi morto, na toca da fazenda Angicos, seu covil mais privilegiado. (Grifos nossos).

Verificando-se a excepcionalidade do cangaço ser veículo por que se efetivaria vingança e, verificando-se a contundência do uso do mesmo para o usufruto de benefício próprio, convém examinar o que necessariamente significava o uso da terminologia vingança enquanto elemento justificador do ingresso de alguém no cangaço, uma vez que, majoritariamente, atribui-se a ela a vocação cangaceira, sendo isto elemento que perpassa grande percentual da literatura que trata do fenômeno.

No Sertão, território onde a desfeita não se deixa de lado, não é discurso estranho à justificativa da vingança para o ingresso no cangaço. Ali, era sobremodo receptivo pelo sertanejo o desejo de vingança que exista em alguém, decorrente de ofensas sofridas. No imaginário daquela gente era perfeitamente justificável matar, quando tal ação tinha como causa uma ofensa sofrida, fosse moral ou física. Todavia, roubar era atitude imperdoável. Sobre isto formula Mello (op. cit. p. 126):

Muito se tem falado nos paradoxos da chamada moral sertaneja. No Nordeste, talvez melhor que em qualquer outra região, sente-se à existência desse quadro de valores inconfundível em muitos dos seus aspectos. Chega a ser quase impossível, por exemplo, explicar ao homem do Sertão do Nordeste as razões por que a lei penal do país – informada por valores urbanos e litorâneos que não são os seus – atribui penas mais graves à criminalidade de sangue, em paralelo com a que comina punitivamente para os crimes contra o patrimônio. **Não se perdoa o roubo no Sertão, havendo, em contraste, grande compreensão para com o homicídio.** (grifos nossos).

A parte em negrito no excerto parece trazer à tona uma contradição tremendamente significativa: como aceitar o cangaceiro se, para sua sobrevivência e ou acúmulo de riqueza, empreendia roubos? A esta pergunta existe resposta que, no ideário sertanejo à época era desconstrutora do iminente paradoxo: cangaceiro não roubava, tomava pelas armas. Veja-se a confirmação no diálogo travado, segundo Macedo (1975, p. 213), entre o cangaceiro Jararaca e o coronel Sabóia, em Mossoró, Rio Grande do Norte, depois de fracassada investida contra a cidade, que resultou na prisão desse membro do grupo de Lampião:

---- Você é um cabra forte e, ao invés de viver defendendo a legalidade, anda por aí, assaltando, matando, roubando, seu ladrão!

O bandido estremeceu ao ser chamado de ladrão.

---- Não sou ladrão, não senhor, coronel. Me chame de assassino, mas não me chame de ladrão. Eu não furto, coronel, eu tomo pelas armas! E quando encontro um mais forte, veja o que acontece: estou preso...

Entende-se que, ao invocar razões de vingança, o cangaceiro colocava os seus crimes e desmandos protegidos dos olhares críticos da população. Alardeando desejo de vingança, tornava sua missão algo pretensamente justificável. Ou seja, escudava-se eticamente e, com isso, tinha as suas atrocidades ocultadas discursivamente e, ao mesmo tempo, enaltecidos gestos de bravura e de bondade.

No concernente a Lampião, não se fazia diferente. Justificava-se o cangaceiro, lançando mão da vingança, sua vida de crimes. Ou seja, alegando velhas questões, nelas incluindo o assassinato do seu pai, José Ferreira, citava, constante e respectivamente, José Saturnino e José Lucena de Albuquerque Maranhão, como responsáveis pelo seu ingresso no cangaço. Gueiros (op. cit. p. 26)

registra uma fala de Lampião, quando era ainda membro do grupo de Sinhô Pereira, ocorrida em um encontro nas proximidades da vila de Bom Nome, Pernambuco: “Eu hoje me queixo de estar nesta vida, agradeço àquele peste (José Saturnino) e ao tenente José Lucena”.

Não raros são os discursos lampeônicos onde os nomes citados aparecem como jurados de morte. Todavia, conquanto alardeada, a essa vingança prometida não se seguia ação que buscasse contemplá-la. Em outras palavras, pode-se até afirmar que Lampião jamais tentou, com denodo, destruir os seus dois grandes inimigos.

Contrariando as suas bravatas em relação a José Saturnino, segundo Mello (2004, p. 121), de acordo com o depoimento do cangaceiro Miguel Feitosa, Lampião, em 1923, “teria aceitado uma proposta de acomodação feita por José Saturnino e intermediada por José Clementino de Souza, boiadeiro velho, residente na Matinha, perto das Pedreiras, em Serra Talhada”. Mesmo que não haja registro de que tal acomodação se concretizou, é sobretudo difícil o entendimento da razão de não ter havido a execução da vingança lampeônica em relação a José Saturnino, uma vez que as condições materiais eram totalmente favoráveis ao cangaceiro para sua execução. Veja-se o dito por Mello (Idem, loc. cit.):

Quanto a José Saturnino, o Saturnino das Pedreiras, cabe lembrar que em nenhum momento sentiu necessidade de abandonar a sua fazenda Pedreiras [...] palco das questões iniciais entre ele e Virgulino, no ano de 1916. Isto pudemos ouvir dele próprio, em conversas que mantivemos na fazenda Maniçoba, também de sua propriedade e próxima ao velho reduto das Pedreiras, em março de 1970. Em 22 anos de vida no cangaço chegando em certo período a praticamente dominar o Sertão de Pernambuco, através da chefia do mais aguerrido grupo de cangaceiros de que se tem notícia; protegido por fortíssimas alianças celebradas com coiteiros poderosos, fazendeiros, comerciantes e homens públicos entre os quais se incluía até mesmo um interventor federal, Lampião não conseguiria dar cabo daquele a quem considerava seu inimigo número um. Até 1980, transcorridos, portanto muitos anos da morte do grande bandoleiro na gruta do Angico, Sergipe, continuava Saturnino a criar os seus curiós mesmo encosto de serra em que ambos nasceram e foram meninos juntos.

Acerca de José Lucena, também teria Lampião vivenciado acomodação. Todavia, dessa feita, a iniciativa teria sido do cangaceiro e, o intermediário, o fazendeiro Gérson Maranhão, dono da fazenda Angico Torto, no município de Águas

Belas, Pernambuco. Sabendo do parentesco de Gérson com Lucena, Lampião, segundo informa Gérson, citado por Mello (2004, p. 122), teria proposto o seguinte acordo: “Lucena não mais o perseguiria, nem os seus irmãos, particularmente o mais moço, de nome João, que sempre se conservara fora do cangaço. Em troca, ‘o meu mosquetão não atira mais nele’”.

Também não se sabe se a proposta do cangaceiro foi acatada pelo oficial da polícia alagoana. Todavia, existe indício significativo de resposta positiva, sendo isso verificado em uma atitude protagonizada por Lampião, informada pelo cangaceiro Miguel Feitosa e que, Mello (2004, p. 123), registra:

Em princípios de 1938, o cabra Pedro Barbosa da Cruz, conhecido vulgarmente por Pedro Miúdo, encontra-se com o bando de Lampião na fazenda Riacho Fundo, perto da localidade Antas, no município de Águas Belas. O chefe, sabendo-o cabra disposto e no permanente esforço de recrutamento a que se entregava, convida-o a acompanhá-lo, ao que Pedro Mudo responde com uma proposta de “coisa melhor”. Conhecia bem José Lucena, fora soldado de uma volante por ele comandada, e o mataria por “cinco contos de réis”. Surpreso, Lampião agradece a oferta com um raro gesto de prodigalidade: dá-lhe de presente uma faca de cabo trabalhado. Em seguida, dirigindo-se ao cabra, devolve-lhe a surpresa com a seguinte confidência: **“Deixe disso. Essas questões já estão velhas”**. (grifo nosso).

Percebe-se que as ações lampeônica de supostamente aceitar a acomodação proposta por José Saturnino e de propô-la a José Lucena, não se perfazem sinonímicas de covardia, uma vez que a sua valentia era sobremodo reconhecida, podendo-se citar, enquanto elemento a reforçar tal afirmação, testemunho de atores seus contemporâneos. Tome-se a fala de um desses atores: José Osório de Farias, o coronel Zé Rufino. Acerca da coragem de Lampião, diz o coronel e registra Santos (op. cit. p. 39-40): “Lampião, no dia que ele tava com vontade de brigar, brigava [...] dizer a verdade: nenhum homem era mais valente que Lampião”.

Levando-se em conta que covardia não era traço presente na personalidade de Lampião e, ao mesmo tempo, sendo-se sabedor de que buscou acomodação com as pessoas de quem se declarava inimigo mortal; sabendo-se que, concretizada a vingança, elemento justificador do seu ingresso no cangaço, a coerência o impeliria ao abandono das armas, uma vez que não mais se poderia amparar sua imagem no escudo ético que a vingança lhe proporcionava; chega-se a conclusão de que não era, para Lampião, negócio bom se vingar, uma vez que,

assim o fazendo, teria que deixar o bom negócio que lhe era permanecer no cangaço.

Deve-se ter em mente que a vingança não deve ser desprezada enquanto elemento justificador da entrada de Lampião no cangaço. Isto, de fato, parece ter sido determinante. Cabe acrescentar que Virgulino era, como muitos em sua época, produto de um meio hostil, onde a honra era considerada um valor inofismável. Assim, forçado a abandonar seu lugar e, somado a isto, tendo vivenciado a perda do pai por assassinato ocasionado por uma polícia embrutecida em suas ações, muito difícil seria, em tais circunstâncias, não haver, por parte do jovem Ferreira, desejo de se vingar.

Todavia, defender que tal desejo foi também o elemento justificador para a vivência de mais de duas décadas de assassinatos, saques, extorsões, seqüestros e barbaridades, como, por exemplo, a castração de gaveta<sup>12</sup> (RODRIGUES DE CARVALHO, 1985), é sobretudo um reducionismo, que oculta a real intenção do cangaceiro.

Pensa-se que, no concernente a Lampião, justapor os dois tipos de cangaços em discussão seria o mais acertado de ser feito. Ou seja, Lampião teria entrado na vida cangaceira movido por vingança e, nela continuado, por verificá-la profícua, ainda que a vingança continuasse sendo o seu motivo, seu escudo ético.

### **1.3. Lampião: alianças com coronéis, homens de confiança, elites e polícia**

Na tentativa de se explicar a longevidade de Lampião – mais de duas décadas escapando das polícias de sete estados nordestinos – muitas são as justificativas por que se tenta explicar o sucesso do cangaceiro. Acredita-se que, quando levado em consideração, o depoimento de Antônio Silvino dado ao folclorista cearense, Leonardo Mota, em 1930, e reproduzido por Queiroz (1977, p. 93), possa se tornar elemento principiador do esclarecimento de tal longevidade;

---

<sup>12</sup> A castração de gaveta consistia em colocar os testículos da vítima dentro de uma gaveta, fechá-la e trancá-la a chave, deixando-lhe, ao alcance das mãos, uma faca. Lampião, então, dava, à vítima, um prazo de tempo e esta, escolhia entre morrer nas mãos do cangaceiro ou, cortando os próprios testículos e escapando da prisão da gaveta, tentar fugir da sua sanha assassina. Também era praxe de Lampião, quando dessa prática de tortura, atear fogo na casa. Dessa forma, o torturado escolhia entre morrer queimado ou escapar das chamas, mediante a auto-emasculação.

O folclorista cearense, Leonardo Mota, entrevistou, em 1930, **Antônio Silvino**, então preso na penitenciária do Recife:

-----Silvino, que é você me diz de Lampião?

-----Ah, seu doutor, **Lampião é um Prinspe!**

-----Príncipe por quê?

-----Veio depois de mim. Os tempos são outros. As armas estão mais aperfeiçoadas. Não falta quem venda tudo. Caixeiro viajante não é besta para se esquecer de levar presente de bala para ele. **A polícia quer é só se encher de dinheiro no Sertão [...]** Não tenha dúvida, Lampião é um **Prinspe!** (Grifos nossos).

Duas, talvez, possam vir a serem as óticas por que se possa enxergar essa declaração de Antônio Silvino: talvez quisesse dizer o cangaceiro que ele fosse o rei e Lampião, por sua vez, alguém menos importante e, portanto, um príncipe; a segunda, talvez a mais acertada, levando-se em conta a denúncia feita pelo cangaceiro na continuidade da entrevista e sendo a que vai aqui ser considerada, quisesse dizer que o tratamento recebido por Lampião era semelhante àquele recebido por um príncipe.

Tomando-se como referência Julio José Chiavenato, em seu livro *Cangaço: a força do coronel* (1990), percebe-se que, de fato, o tratamento dado a Lampião era o de um príncipe, no que tange às benesses recebidas pelo cangaceiro a partir de acordos tácitos feitos com oficiais da polícia, de acolhida cedida por ricos e poderosos fazendeiros e da amizade travada com homens públicos.

Na obra de Chiavenato, Lampião é visto como alguém inteligente que, sabendo ser a sua sobrevivência dependente de acordos, tratou de fechá-los e, quando oportunidade teve de se beneficiar com alguma situação, não se fez de rogado, beneficiou-se.

Desse modo, oportunista é um dos adjetivos conferido por Chiavenato a Lampião. O teórico, assim falando, mostra a inteligência que perpassava a pessoa do cangaceiro que, nada obstante ser semi-analfabeto, soube estabelecer leitura significativa de um momento histórico conturbado da República Velha, onde o poder central – presidência de Artur Bernardes – estabelecia confronto com a Coluna Prestes, que, à época, 1926, fazia sua peregrinação pelo Nordeste. Atesta Chiavenato (1990, p. 76):

Em 1926, a Coluna Prestes percorria o Nordeste. Forças do governo perseguiram-na com total incompetência. Ela passou a ser prioridade de repressão. Os cangaceiros folgaram [...]. **O governo não só**

**deixou os cangaceiros em paz como os aliciou para combaterem a Coluna.** O padre Cícero e Floro Bartolomeu receberam armas e dinheiro para pagar e municiar mercenários. Tinham autoridade legal para engajar criminosos e bandidos no chamado Exército Patriota, formado especificamente para evitar que os “revoltosos” invadissem o Ceará. (grifos nossos).

Artur Bernardes, presidente da República, acatando ponderações do seu ministro da Guerra, Setembrino de Carvalho, que por sua vez acolhia sugestão de seus amigos, o padre Cícero Romão Batista e o médico e deputado federal Floro Bartolomeu, autorizou a formação do Exército ou Batalhão Patriótico. Segundo Chiavenato (op. cit. p.76), “o presidente Bernardes comissionou Floro Bartolomeu como general, deu-lhe quase dois mil contos de réis, dois mil fuzis, munição e fardamento para dois mil homens”.

A estratégia de Floro Bartolomeu foi um fracasso total. Recrutou jagunços, deu-lhes fardas e armas e, na cidade cearense de Campo Sales, na divisa com o Piauí, instalou o seu quartel-general e buscou apoio militar do 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei. Somado a isso, Floro e o padre Cícero dispuseram cerca de dois mil jagunços em torno da cidade de Juazeiro do Norte, para protegê-la em caso de ataque dos revoltosos. O fracasso se revela no fato de que a Coluna Prestes atravessou o Ceará sem ser molestada e, dessa maneira, revelava-se a fragilidade da segurança proposta por Floro Bartolomeu. Isto causava pânico nos latifundiários, que temiam uma revolução comunista. É nesse momento que, segundo Chiavenato (1990, p. 77), vem à tona o oportunismo de Lampião:

O Ceará, o Cariri em particular, estava aberto aos “revoltosos”. Lampião divertia-se com o pânico de seus amigos. Zombeteiro, ameaçava “dar uma ajuda” à Coluna, doando dinheiro ou emprestando guias aos revolucionários. Dando-se ares de estrategista, mostrava aos fazendeiros que o hospedavam que a inépcia dos “patriotas”, “sem disciplina militar”, os levaria à derrota. Os coronéis temendo a “revolução comunista”, informaram a Floro das críticas do cangaceiro. O deputado-general convenceu-se: Lampião estava certo. Conferenciou com o padre Cícero e mandou chamá-lo.

Chegando ao Juazeiro do Norte, Lampião foi incorporado ao Batalhão Patriótico e recebeu a patente de capitão. Nascia, assim o Capitão Virgulino Ferreira da Silva. Embora a patente gozasse de pseudo-legalidade, uma vez que nunca foi

reconhecida pelos militares legais, os fuzis e a munição recebidos eram reais, bem como os cem contos de réis que pararam nos bolsos do cangaceiro. Ademais, sabedor que seria recebido em Pernambuco, à bala, Lampião, agora mais bem armado e bem mais rico, quebra o acordo feito, “alegando desconfiança das promessas de anistia e o fato que os militares legais recusavam-se a respeitá-lo como oficial de verdade”. (CHIAVENATO, 1990, p. 78).

O ocorrido em Juazeiro traz à tona a íntima aliança que havia entre cangaço e coronelismo, não havendo por parte da maior autoridade da República, o presidente Artur Bernardes, qualquer acanhamento em protagonizar uma farsa, aliando-se a bandidos e os tornando em oficiais do Exército, tudo isto à base do patrocínio do dinheiro público. A aliança citada fica claramente explicitada na entrevista dada por Lampião, em 1926, ao médico e jornalista Otacílio Macedo, que Souza (2006, p. 126), reproduz, citando a resposta dada por Lampião, quando indagado sobre as pessoas com quem gostava de se relacionar:

Gosto geralmente de todas as classes. Aprecio de preferência as classes conservadoras – agricultores, fazendeiros, comerciantes – por serem homens de trabalho. Tenho veneração e respeito pelos padres, porque sou católico. Sou amigo dos telegrafistas porque alguns já me tem salvo de grandes perigos. Acato os juizes porque são homens da lei e não atiram em ninguém. Só uma classe eu detesto: a dos soldados, que são meus constantes perseguidores. Reconheço que muitas vezes eles me perseguem porque são sujeitos a isso, e é justamente por essa causa que ainda poupo alguns quando os encontro fora da luta.<sup>13</sup>

O relato de Lampião deixa claro sua preferência por estar ao lado das elites e isto, por sua vez, pela voz do próprio cangaceiro, promove desconstrução do discurso que ao cangaceiro confere a condição de guerrilheiro. Geralmente, não se concebe um guerrilheiro mancomunado com os mandatários e, em muitos casos, promotores da prática da injustiça, contra a qual, geralmente luta o guerrilheiro.

Na concepção de Chiavenato (1990, p. 81), Lampião foi “terrorista” e não guerrilheiro. Ou seja, através de práticas atroztes subjugou as massas aos seus caprichos. Não se nega a sua capacidade estratégica, fato que decorria de sua inteligência acima da média em relação àqueles que o cercavam, Nestes termos, acrescenta Machado (1978, p. 41):

---

<sup>13</sup> A declaração de Lampião foi totalmente acomodada dentro da sintaxe pelo entrevistador.

Consciente de sua posição de mais fraco, Lampião jamais abdicou, por isso mesmo, da condição de mais astuto. Homem ignorante, mas de espantosa percepção intuitiva, o cangaceiro, a cujos olhos ou ouvidos jamais a floraram as teorizações eruditas de qualquer estrategista consagrado, aproveitava tão somente as sugestões e ensinamentos do cotidiano duro e agressivo da vida sertaneja, desenvolvendo as mais lúcidas e eficientes técnicas da ação militar. Assim, observado, com rara inteligência, os próprios condicionamentos e os do inimigo, agia em total acordo com as circunstâncias de cada qual, procurando empreender a luta de modo vantajoso para sua gente.

Todavia, não se constitui acerto atribuir somente à capacidade estratégica de Lampião a sua longevidade. Outros fatores foram determinantes para que a sua vida criminosa se elastecesse por mais de duas décadas nos sertões nordestinos, sendo uma delas suas alianças com homens de confiança, que quando entrevistado, o cangaceiro fez questão de dizer haver, como o reproduz Souza (2006, p. 125): “tenho bons amigos em toda parte e estou sempre avisado dos movimentos das forças, tenho também um excelente serviço de espionagem, dispendioso, embora utilíssimo”.

Nesse pormenor de arregimentar informantes, principalmente àqueles da classe pobre, entra em cena o exercício de poder de Lampião, visto que, segundo Rodrigues de Carvalho (op. cit. p. 243), não existia opção para aquele que, pelo cangaceiro, era definido como seu coiteiro, senão obedecer:

Recebida a primeira incumbência, que era dada sem perguntar se o freguês a aceitaria ou não, e teria que ser executada. O celerado deixava de saber se o “encarregado” da tarefa gostaria ou não de aceitá-la, ou mesmo se estaria em condições de cumpri-la. E não aceitava desculpas! [...] Fugir de uma ordem sua era lavar a própria sentença de morte. Isso podia ser uma semana, um mês ou um ano depois. Esperava com paciência beneditina e rancor diabólico a primeira oportunidade. E nesses casos a vingança era exercida com requinte de crueldade inquisitorial.

De acordo com Chiavenato (1990), essa eficiente rede de coiteiros, a qual Lampião acreditava possuir, era elemento revelador da dependência do cangaço em relação ao coronelismo. Ou seja, aqueles que tinham a responsabilidade de abastecer os cangaceiros com comida e armas e mantê-los informados sobre os deslocamentos das volantes eram prepostos dos grandes fazendeiros, isto é,

moravam nas terras dos coronéis. Verdade é que um ou outro coiteiro vivenciou independência, todavia a articulação não teria existido sem que houvesse consentimento do coronel local.

Acerca da repressão policial sobre esses coiteiros, uma leitura mais detalhada dos sertões nordestinos daquela época revelará que se processava de maneira relativa. Ou seja, a polícia sabia quais coiteiros deveriam ser perseguidos e quais deveriam ser ignorados. Atesta Chiavenato (1990, p. 81-82):

As prisões e torturas ficavam para os pobres; os proprietários raramente eram incomodados. Quando a autoridade via-se obrigada a pressionar um coiteiro de posses, desculpava-o alegando que ele era forçado a ajudar Lampião, para não sofrer represálias. A energia policial, não raro “para mostrar serviço”, caía sobre os pequenos, que eram presos, surrados e às vezes mortos, se nenhum coronel intercedesse por eles.

Perseguição maior por parte da polícia se dava sobre os vaqueiros que, internados na caatinga, eram obrigados a trabalhar como espíões ou mensageiros dos cangaceiros. Todavia, ainda segundo Chiavenato (*Ibidem*, loc. cit.), “a perseguição se dava nas raras zonas sem acordo entre cangaceiros e policiais”. Aqui, revela-se uma outra maneira da manutenção da longevidade lampeônica: as alianças que exercia o cangaceiro com grande parte dos seus perseguidores.

Um das maneiras de se obter vistas grossas da polícia sobre seus feitos era a manutenção de alianças com grande parte da oficialidade policial, sendo exemplo marcante a sua relação com tenente João Bezerra, da polícia alagoana, a quem a história oficial concedeu a glória de ter “matado” Lampião. Este oficial - segundo relatos de Davi Jurubeba, nazareno e membro de volante que efetivamente perseguiu Lampião – mantinha com o cangaceiro amizade de longas datas, como registra Sá Neto (2004, p. 184):

Uma das provas de sua amizade com Lampião estava em seus encontros com o bandido na fazenda de Audálio Tenório, em Águas Belas, onde chegava a jogar cartas com ele madrugada a dentro até o amanhecer, o que levava Audálio a morrer de rir, mangando deles, ao vê-los com os olhos avermelhados e as caras pintadas com a fumaça dos candeieiros. Lampião se queixava a Audálio ao dizer-lhe que João Bezerra o havia roubado nas cartas.

A relação entre Lampião e o tenente João Bezerra era tão forte que, de acordo com as declarações de Davi Jurubeba, registradas por Sá Neto (2004, p. 186), os dois, objetivando retirar de João Bezerra a desconfiança de seus superiores, forjaram combates e, em um deles, por indicação de Lampião, teriam sido mortos “dois cangaceiros sem muita valia em uma emboscada da polícia”. Isto, obviamente, deixava “clara” a relação antagônica entre os atores do processo e, “assim, Bezerra aparecia como inimigo de Lampião, relevando a desconfiança de seus superiores”.

Outra maneira justificadora da convivência policial com as práticas de Lampião era o tráfico de armas que ocorria na Caatinga. De acordo com Chiavenato (1990, p. 82), “os policiais foram os grandes fornecedores de Lampião, sendo vários os testemunhos de vaqueiros que assistiram ao tráfico de armas, até em caravanas de burros”. Percebe-se que, nesse caso, o desvio de armas para as mãos do cangaceiro não era decorrente da corrupção vivenciada por uma pequena gama de oficiais, mas, de acordo com Chiavenato (1990, p. 82), era parte da aliança entre o cangaço e o coronelismo:

O contrabando de armas do governo para o cangaço tinha o aval de importantes chefes políticos, como no caso da família e do próprio governador Eronildes de Carvalho, de Sergipe. Por isso, os cangaceiros dispunham de fuzis em quantidade, nunca lhes faltava munição e quase sempre contavam com material tão moderno quanto o da polícia.

Desse modo, Lampião conseguia sucesso no meio de vida que abraçou, o cangaço. Sustentava-se pelo suborno e pelos tratos entre o cangaço e o coronelismo, que definiam zonas livres de perseguição e indicavam áreas onde os cangaceiros podiam cometer seus assaltos. Evidentemente, tais áreas pertenciam a desafetos dos protetores de Lampião, que se constituíam de políticos e/ou famílias rivais.

Inegável era o poder de articulação que possuía Lampião. Isto, segundo Chiavenato (1990, p. 84), “o fez singular no banditismo mundial, uma vez que, durante mais de duas décadas, contando somente com algumas dezenas de homens, conseguiu atuar em sete estados nordestinos”. Uma guerrilha para conseguir essa façanha teria de usar milhares de combatentes, ocupar os espaços

de suas vitórias, fazer adeptos que defendessem sua ideologia e, enfim, tentar chegar a um objetivo político.

Desprovido de qualquer compromisso social e aterrorizando para se impor, Lampião, em loucas correrias e sem plano pré-estabelecido, senão o de fugir da polícia após assaltos e seqüestros, tornou-se, de fato, Rei num Sertão sem lei. Raramente foi surpreendido pelas volantes, não estando isto ligado ao seu “sexto sentido”, acreditado mágico pelas massas ignaras, mas às alianças que, direta ou indiretamente, fez chegar à grande parte da polícia que o perseguia, oficialmente.

Percebe-se, mediante o que se falou sobre Lampião, não ser, de fato, possível, enquadrá-lo em uma única ótica. As ações do cangaceiro são tão diversificadas que há a possibilidade de enxergá-lo por diversos olhares. A inserção deste capítulo nesta pesquisa busca mostrar a polissemia discursiva que há sobre Lampião. Ou seja, procura-se mostrar o multifaceamento que perpassa a figura do chamado Rei do Cangaço.

No capítulo que segue, verificar-se-á o que os seus conterrâneos dizem a respeito dele e, semelhantemente ao que se observou neste capítulo teórico, constatar-se-á inexistir confluência de falas, mas diversidades delas, acerca da imagem de Lampião, em Serra Talhada.

## II. ENUNCIADOS E PENSAMENTOS DO SERRA-TALHADENSE SOBRE A IMAGEM DE LAMPIÃO

### 2.1. O que se diz sobre Lampião em Serra Talhada...

Nacional e mundialmente conhecida como a “Terra de Lampião”, ainda que a sua identidade oficial seja “Capital do Xaxado”, Serra Talhada, ao contrário do que se possa deduzir, não vivencia um consenso no que diz respeito ao discurso envolvendo a imagem lampeônica. Ou seja, nada obstante a dicotomia herói/bandido perpassar de maneira significativa à discussão acerca do cangaceiro, e tal dualismo ser o que predomina nas conversações observadas no cotidiano serra-talhadense, um perscrutar mais metucioso revela que o que se pensa e o que se diz sobre Lampião é algo que extrapola essa dicotomia.

Pela ótica da promoção da atração, do chamamento de atenção dos de fora, da visibilidade que promove a Serra Talhada, a dicotomia herói/bandido é algo que produz efeito significativo, uma vez que a polarização é via na qual se pode vivenciar comodidade discursiva. Em outras palavras, os envolvidos em tal discussão a nenhuma outra coisa lançam mão senão dos fatos protagonizados pelo cangaceiro. Fatos que, mesmo quando reais, não se constituem, quando somente são trazidos à lembrança o seu desenrolar, elementos que viabilizem questionamento daquilo que está colocado como verdade.

Ainda se percebe no cotidiano serra-talhadense outra variável que atravessa o discurso sobre Lampião: aquela que o retira da discussão bipolar herói/bandido e lhe promove ao ser somente história, um símbolo de memória e identidade. Isto, por sua vez, procura ofuscar as atrocidades cometidas pelo cangaceiro e seus comandados, porquanto retira de cena a pormenorização dos acontecimentos e enfatiza o fato histórico em si mesmo.

Esta concepção tem em Anildomá Willians de Souza (popularmente conhecido como Domá e, de agora em diante, assim identificado), produtor cultural serra-talhadense e presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião<sup>14</sup>, seu

---

<sup>14</sup> Instituição fundada em 1994 por Anildomá Willian. Dedicada às coisas do cangaço lampeônico, desenvolve trabalho de inclusão social usando a expressão cultural xaxado. Possui o Grupo de Xaxado Fundação Cabras de Lampião que tem se apresentado em várias partes do Brasil e, por duas vezes, na Venezuela. Também cabe a esta Instituição a fundação e manutenção do Museu do Cangaço de Serra Talhada.

maior defensor. Ele mesmo reivindica para si a primazia dessa ação, ao comentar acerca de um dos momentos significativos da resignificação da imagem de Lampião em Serra Talhada – o plebiscito de 07/09/1991:

A Casa da Cultura realizou o plebiscito que foi um movimento que chamou muito a atenção da mídia nacional e internacional. Havia muita emoção, como em toda eleição. Eu estava à frente do MTP – Movimento de Teatro Popular – e fomos nós que fizemos a carta, pedimos voto pra Lampião. **Fui eu quem puxei a campanha do “Diga sim a Lampião”, com o slogan “Nem herói nem bandido, ele é história. Diga sim a Lampião”.** (O negrito é nosso). (Entrevista realizada com Anildomá Willans de Souza, em 14/04/2009).

O slogan “Nem herói nem bandido, ele é história”, referindo-se a Lampião, foi algo que se construiu a partir da necessidade que entendiam existir, os organizadores do referido plebiscito, de se emitir contraponto ao discurso midiático, que dizia estar existindo em Serra Talhada o julgamento de Lampião. Ou seja, àquilo que surgiu para levar a população a decidir sobre a colocação ou não, em praça da cidade, de estatuetas de Lampião, Maria Bonita e Corisco, estava sendo dada outra conotação<sup>15</sup>. Verifique-se tal assertiva na formulação de Tarcísio Rodrigues, comerciante, produtor cultural e diretor da Casa da Cultura de Serra Talhada:

A pergunta do plebiscito era a seguinte: **você aceita uma estátua de Lampião na cidade?** Você votava sim ou não. A imprensa deturpou. Começou pelas ruas e o resto adorou: Lampião está sendo julgado se é **herói ou bandido**. A imprensa foi quem criou e não deu pra gente tirar. Por mais que a gente fosse pra imprensa dizer não, só estamos perguntando a população se quer uma estátua ou não. Isso não adiantou. A própria população foi na da imprensa e achou que estava julgando ser Lampião herói ou bandido. Mas, a “pergunta no plebiscito era essa: aceita ou não a estátua”. (Os negritos são nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009)

Não se sabe precisar a razão por que a mídia deu esse redirecionamento ao plebiscito. Todavia, a repercussão foi significativa. Aportaram em Serra Talhada repórteres representantes de veículos midiáticos nacionais e internacionais. Ou seja, de certa maneira, pode-se dizer que a mídia, mediante a exploração da imagem de

<sup>15</sup>Estas estatuetas, de criação do artista plástico serra-talhadense, Juracy Jussé, foram encomendadas pelo vereador Louro Eliodório que as queria colocar em uma Praça de Serra Talhada. Duas dessas estatuetas (Lampião e Maria Bonita) se encontram na Casa da Cultura de Serra Talhada. A outra, de Corisco, quebrou-se. Informações prestadas por Tarcísio Rodrigues.

Lampião, mostrou Serra Talhada ao mundo. Acerca do interesse midiático demonstrado pelo suposto julgamento do cangaceiro famoso, comenta Tarcísio Rodrigues:

O plebiscito foi ótimo, excelente. Teve uma repercussão que a gente esperava regional e terminou sendo a nível internacional. Eu fui entrevistado por jornalistas franceses, ingleses, jornais do Uruguai. Repercutiu mais do que a gente esperava. Toda imprensa do centro-sul do sudoeste, do sul... Toda imprensa dali, no dia do plebiscito estava aqui. Aqui virou um pandemônio! Foi nesse mesmo prédio a apuração. Estavam montadas, na época, três rádios, três links de rádio: a Rádio Jornal do Comércio, a Rádio Clube de Pernambuco e a Rádio Diário do Nordeste, de Fortaleza. Tinha jornalista do Estado de São Paulo, da rede Globo, aliás, da rede Globo essa não se fala, né, transmitiu ao vivo pro Fantástico, já naquela época. E do Jornal O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo... Não da sucursal do Recife, de lá... Quando terminou o plebiscito, o Sindicato dos Jornalistas de Brasília patrocinou uma passagem minha para Brasília, para brigar pelo projeto em Brasília (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Concluído o plebiscito, houve anuência significativa dos votantes para que fosse colocada, em uma Praça de Serra Talhada, uma estátua de Lampião, pois, ao final do plebiscito, aprovou-se por 79% dos votantes a proposta de se erigir uma estátua homenageando Lampião” (SOUZA, 1995, p. 73).

Todavia, o que se expressou nas urnas não se constituía elemento demonstrador da opinião de toda Serra Talhada. Ao contrário do alardeio midiático, o chamado “heroísmo lampeônico” era algo que não encontrava repercussão local.

A disparidade entre o que se anunciava e o que se vivenciava era claro. Não foram poucas as vozes contestadoras do resultado. Vozes que, em grande parte, eram advindas de pessoas que, direta ou indiretamente, foram vítimas de Lampião. A esse respeito, um outro informante, Camilo Melo, músico e engenheiro de som, votante no plebiscito afirmou que “teve uma família que disse que ia detonar a estátua, caso ela fosse erigida e ia detonar com dinamite” (entrevista realizada em 20/01/2009).

Corroborando com o músico, em entrevista concedida em (07/01/2009), atesta o professor da rede pública estadual, Dierson Ribeiro: “Eu li num jornal. Uma pessoa dizendo que... Um aviador... Que jogaria um avião em cima da estátua. Se

não me engano, é de Floresta ou de Nazaré<sup>16</sup>, o camarada que disse isso. Eu vi num jornal”.

Também houve vozes contrárias ao resultado do plebiscito que eram provenientes de outras fontes, de pessoas que, se não foram ou não tiveram familiares vitimados por Lampião, embasavam em outras justificativas os seus discursos. Atesta Clemente (2006, p. 52):

As vozes opostas argumentavam que “um homem só é herói quando faz obras, como o governador Agamenon Magalhães que também nasceu aqui”. O próprio juiz da comarca, José Machado de Azevedo, posicionou-se contra o plebiscito, invocando um argumento mais sóbrio: “é ruim exaltá-lo [exaltar Lampião] numa terra onde andar com um revólver na cintura ainda é símbolo de status e demonstração de machismo”.

Não se deve esquecer que, concomitante à campanha contrária à colocação da estátua de Lampião na praça da cidade, havia, por parte daqueles que estiveram à dianteira do processo que culminou no plebiscito, atuação contundente em levar adiante o que fora decidido pelos votantes. Iniciava-se, talvez, o processo de ressignificação que passaria a memória de Lampião. Ou seja, dava-se início à construção de uma nova memória alusiva a Lampião<sup>17</sup>.

Parece que a contraposição àquilo que foi dito pelo plebiscito serviu como mola propulsora ao empenho que passou a existir em dar a Lampião uma nova imagem em Serra Talhada<sup>18</sup>. Em 1994, quando Domá era Diretor de Cultura do município, foi criado o “Tributo a Virgulino”. Agora, de maneira oficial, passava a existir, em Serra Talhada, louvação à memória de Lampião. Domá explica como se deu a criação do evento citado:

---

<sup>16</sup> Floresta é um município pernambucano que dista 100 quilômetros de Serra Talhada e se localiza às margens da rodovia PE – 360. Este município, juntamente com o seu distrito, Nazaré, exerceu papel significativo na história do cangaço lampeônico. Dali, saíram célebres soldados de volantes, perseguidores de Lampião, como, por exemplo, Manoel Neto, Odilon Flor, Davi Jurubeba, João Gomes de Lira e Manoel de Pautília. Os dois últimos ainda estão vivos.

<sup>17</sup> Memória construída é uma categoria discursiva proveniente de Michael Pollak, em “**Memória e Identidade Social**”. Formula o sociólogo austríaco que a memória possui elementos constitutivos e são eles: 1) Acontecimentos vividos pessoalmente; 2) Acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer; 3) Personagens; 4) Lugares e 5) Organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento. Este último elemento constitutivo “mostra que a memória é um fenômeno construído”. (POLLAK, 1992, p. 204)

<sup>18</sup> Imagem aqui é considerada segundo Roger Gerard Schwartzberg, em “**O Estado Espetáculo**”. O teórico trabalha com a noção de uma imagem construída, uma “imagem de marca” que se destina à venda” (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 13).

Em 1994, nós recebemos a informação de que a cangaceira Sila<sup>19</sup> estava no Recife. E que estava com dois dias disponíveis para um amigo meu da Universidade. Como ele desistiu de fazer esse evento na Universidade, então ele disse: vamos fazer um evento em Serra Talhada. Aí foi quando nós criamos o “Tributo a Virgulino”, 56 anos da morte de Lampião. Eu ainda tenho o folder, um pequeno cartaz e algumas matérias de jornais, televisão e tudo. E foi quando Sila veio a Serra Talhada, pela primeira vez. Aconteceu, então, em 1994, o primeiro “tributo a Virgulino”, aproveitando essa vinda de Sila. (entrevista realizada com Anildomá Willans de Souza, em 14/04/2009)

Realizado na Praça Sérgio Magalhães, o “Tributo a Virgulino” aconteceu nos três anos subseqüentes, sendo que, em 1997, ano do centenário de nascimento de Lampião, foi a última vez que esse evento foi realizado na área urbana.

A comemoração centenária – mesmo existindo a discussão se Lampião nascera em 1897 ou 1898 - deu à população de Serra Talhada e das cidades circunvizinhas, uma programação festiva significativa e, com ela, a constatação, por parte de quem promovia o evento, da quase que total inexistência de interesse pela temática cangaço lampeônico. Ou seja, percebeu-se que o interesse popular era meramente festivo. Atesta Anildomá Willans:

Em 1997, era o centenário de Lampião. Apesar da polêmica se seria em 97 ou 98, nós fizemos em 97 e trouxemos um grande volume de cangaceiros e volantes e historiadores. Nós colocamos cerca de dez mil pessoas na rua, na sexta-feira à noite, segundo informações da Polícia Militar. Tinha como atração o trio elétrico “Asas da América”. No dia seguinte, às nove horas da manhã, tinha palestra e eu vou dizer quem tinha: Sila, Candeeiro (ex-cangaceiros), Davi jurubeba, João Gomes de Lira (ex-volantes), Mocinha Ferreira (irmã de Lampião) Expedita Ferreira (filha de Lampião), Vera Ferreira (neta de Lampião), Antônio Amaury, Gutembergue Costa, Jovenildo Pinheiro (escritores) e vários outros e na platéia tinha **nove pessoas**. Tinha mais gente em cima do palco do que em baixo. **Nove pessoas** para assistir à palestra do “Tributo a Virgulino”. Com propaganda na televisão, dois mil cartazes distribuídos no estado, vinte mil panfletos e folders, faixas, propaganda de rádio. Foi quando eu percebi que não era festa que nós tínhamos que fazer. Era palestra. Era debate. (Os negritos são nossos e se devem ao fato de o informante ter dado ênfase significativa à fala nesse momento). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009)

---

<sup>19</sup> Sila era o apelido de Ilda Ribeiro de Souza, que foi cangaceira do bando de Lampião e mulher do cangaceiro Zé Sereno. Sobrevivente da chacina de Angico.

A partir de então, por iniciativa do próprio Domá, o “Tributo a Virgulino” passou a ser realizado em um distrito serra-talhadense chamado São Miguel, que dista trinta e cinco quilômetros de Serra Talhada. Lá se encontra o “Sítio Passagem das Pedras” e, nele, os espaços alusivos à memória de Lampião, como a casa (restaurada) de sua avó, onde nasceu; as ruínas da casa sede da Fazenda Pedreira, pertencente a Zé Saturnino, primeiro inimigo; as pedras, onde se deu o primeiro tiroteio entre os irmãos Ferreira e Zé Saturnino e um pequeno museu, dentro da casa onde nasceu Lampião. Segundo Domá, a decisão surtiu efeito. Mesmo com a dificuldade de locomoção, houve significativa participação do público ouvinte:

Nós reeditamos o “Tributo a Virgulino” e eu não botei nenhuma banda na rua. Foi só palestra e, com um detalhe, todas no sítio. Todas lá no clube da Fazenda São Miguel. Quem quiser ver palestra sobre o cangaço e sobre Lampião, agora é lá. Aqui na cidade não faço mais festa. As pessoas têm que aprender a ir atrás. Resultado: o clube cheio de gente. As pessoas iam ouvir as palestras lá. Ficaram reclamando por que tiramos daqui, mas era uma construção que nós estávamos fazendo. Então, foi quando nós começamos a desenvolver a prática de fazer palestra, fazer seminário, de se pensar Lampião e o cangaço. Tem a parte folclórica, mas tem a parte científica, que é quem fundamenta as outras. (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

O “Sítio Passagem das Pedras”<sup>20</sup>, lugar de nascimento de Lampião, através de contrato de comodato, passou a ser administrado pela Fundação Cultural Cabras de Lampião, que, desde então, promove exploração dos espaços citados. Espaços que se constituem lugares de memórias.

Os lugares de memória, categoria proposta por Pierre Nora (1993) são, segundo ele, lugares materiais, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais, porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e, por último, são lugares simbólicos, onde essa memória coletiva – pode-se dizer, essa identidade – se expressa e se revela.

Esta tríade que perfaz um lugar de memória é encontrada em Serra Talhada e significativamente explorada na glorificação da memória de Lampião, dentro do processo de invenção da nova tradição, que lhe promove uma nova imagem.

<sup>20</sup> Pertencente ao empresário carioca Carlos Eduardo Gomes, que o adquiriu em visita feita a Serra Talhada, em 2001, o Sítio Passagem das Pedras, através de contrato de comodato de duração de dez anos, passou a ser administrado pela Fundação Cabras de Lampião. In: **Jornal do Comércio**. Disponível em [www.serratalhada.net](http://www.serratalhada.net). Acesso em 19/07/2009.

Quando se afirma isto, faz-se embasado na constatação de em tal lugar ocorrer prática ritualística, elemento imprescindível à confirmação de um lugar como sendo lugar de memória, segundo Nora (1993, p. 22) <sup>21</sup>. Essa significativa atenção dada pelo citado autor à necessidade de ritualização da memória, estimula pensar na função que o ritual exerce nas sociedades.

De acordo com a Enciclopédia Britânica (1953, p. 778), o ritual é mostrado como sendo “uma forma de se definir ou descrever os homens. Sendo assim, pode ser visto como um sistema de atos simbólicos baseados em regras arbitrarias” <sup>22</sup>. Disso se deduz que o rito ou a ritualização de algo tem concentrada sua intencionalidade na ação de formar. Lançando-se mão do Guia Prático de Antropologia (1971, p. 171), verifica-se que os ritos são “representantes do modo tradicional de comportamento em que se refletem, ao mesmo tempo, crenças, idéias, atitudes e sentimentos implícitos e explícitos”. Por essa ótica, deduz-se que aos ritos cabe a reprodução de uma essência e que se expressa culturalmente. Por sua vez, Lévi-Strauss *apud* Detienne (1989, p. 72), quando define o rito, promove a existência de um elemento importante quanto a função desta categoria nas sociedades:

O rito distingue até o infinito, atribui valores discriminativos aos menores elementos, mas também se abandona a uma orgia de repetições. Através das palavras proferidas, gestos cumpridos, objetos manipulados, o ritual tanto introduz diferenças no seio de operações que poderiam parecer idênticos, como reproduz interminavelmente o mesmo enunciado, mostrando assim estar estranhamente habitado por uma obsessão: refazer o contínuo a partir do descontínuo, evitar toda a interrupção da continuidade do vivido.

Pela definição supra, o ritual teria o papel narrativo de consolidação e totalização, reunindo-se, mediante sua prática, elementos característicos de um grupo, conferindo-lhe sentido, unificando-o.

Decorrente do que se obteve a partir das definições conhecidas sobre ritual, pretende-se ser possível construir algumas considerações. Assim, tradicionalmente, ao ritual pode-se conferir-lhe o ser possuidor de função social, porquanto lembra aos

---

<sup>21</sup> No Sítio Passagem das Pedras, local onde nasceu Lampião, realiza-se, sempre no último final de semana do mês de julho, a celebração do cangaço, que se encontra etnografada no capítulo segundo desta dissertação.

<sup>22</sup> Tradução livre de “it is thus possible to view ritual as a way of defining or describing man. Ritual may be viewed as a system of symbolic acts that is based upon arbitrary rules”.

membros do grupo seus princípios; atribuir-lhe o ser ferramenta de construção de uma totalidade para o grupo e ver-lhe como sendo possuidor, enquanto característica, da capacidade de formar indivíduos envolvidos em um grupo.

Desse modo, a existência de lugares de memória e, neles, a prática de um ritual alusivo à memória que representam, viabiliza a identificação, a unificação e o reconhecimento, por parte dos homens modernos, de que são agentes de seu tempo, pois, a lei da lembrança porta em si um intenso poder de coerção interior, uma vez que “obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente” (NORA, 1993, p.p, 17, 18).



Figura 1: Cancela de acesso ao Sítio Passagem das Pedras  
Fonte: [www.diariodonordeste.globo.com](http://www.diariodonordeste.globo.com) .

Dentro do “Tributo a Virgulino” há um momento considerado pelos organizadores como sendo o momento apical: a “Celebração do Cangaço”. Trata-se de uma celebração religiosa feita no terreiro da casa onde nasceu Lampião. Este entrelaçamento entre ritual e lugar material parece reforçar ser tal espacialidade lugar de memória, pois, segundo Nora (1993, p.22), “só entra na categoria se for objeto de um ritual”.

A celebração citada, que ocorre desde 1994 e sempre na última semana do mês de julho, na qual se lembra a morte de Lampião, em 28 de julho de 1938,

realiza-se por meio de uma missa tracejada por características singulares. Abaixo, uma descrição da mesma, a partir da nossa observação realizada em julho de 2009:

*Os cânticos da missa são todos voltados para a temática opressão e injustiça, buscando dar ao cangaço um viés de insurreição e, principalmente a Lampião, um perfil revolucionário, no qual, o povo, descrito como vítima da seca e dos coronéis latifundiários, faz-se representado. Os dançarinos e dançarinas de xaxado, pertencentes ao “Grupo de Xaxado Cabras de Lampião”, devidamente paramentados<sup>23</sup>, interagem com a celebração recitando textos e, em alguns momentos, estabelecendo diálogo entre si. O ofertório, uma das partes apicais da celebração cristã católica, é constituído de oferendas específicas: chapéus, sandálias, embornais, cartucheiras, lenços, rifles etc. Todos esses objetos são depositados no altar por “cangaceiros e cangaceiras”<sup>24</sup>, não sem que haja falas dos ofertantes. Falas que se voltam contra a desigualdade que perpassava o mundo lampeônico e que, fazem questão de frisar, é característica contemporânea. Com o término da missa, inicia-se uma apresentação de xaxado, onde se observa, além da dança, uma dramatização, que tem como ápice as falas de Lampião contra as injustiças protagonizadas pelos coronéis latifundiários, bem como sua justificativa do porquê se ter tornado cangaceiro. Toda a celebração e, posteriormente, a apresentação de xaxado, tem acompanhamento musical feito com sanfona, zabumba e triângulo, instrumental que celebrizou o chamado “forró pé-de-serra”.<sup>25</sup> Após a apresentação do xaxado, as pessoas presentes são convidadas a participarem da festa. Empreende-se, então, um baile na caatinga, à moda cangaceira, regado por cachaça e comidas típicas, além de muita música e dança.<sup>26</sup>*

A imprescindibilidade de Lampião enquanto símbolo que promove visibilidade a Serra Talhada é algo que quase não é contestado por parte do serra-talhadense. Ou seja, há significativa anuência ao fato de que sem Lampião a celebridade de Serra Talhada não existiria, ainda que se lançasse mão de ícone como Agamenon

<sup>23</sup> “A indumentária é aquela que se caracterizou como sendo cangaceira: roupa de caqui, chapéu e sandálias de couro, lenços coloridos, cartucheiras de couro cruzadas no peito, embornais, cabaças, anéis diversos e, nas mulheres, maquiagem carregada. O uso do rifle, geralmente uma imitação feita de madeira, nem sempre é uniforme podendo, em alguns grupos, ser usados apenas por homens. Neste caso, caberia às mulheres o uso de armas menores, como os revólveres, por exemplo. Há grupos, porém, onde todos os dançarinos se apresentam portando rifles. Estes últimos, durante toda a apresentação não são deixados de lado, constituindo-se em parte imprescindível das coreografias apresentadas”. (FERREIRA JÚNIOR, 2007<sub>b</sub>, p. 1).

<sup>24</sup> Membros do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, que pertence à Fundação Cultural Cabras de Lampião.

<sup>25</sup> Termo usado para designar o forró que a tradição considera original e, por conseguinte, para diferenciá-lo do chamado forró estilizado, que se caracteriza pelo uso de instrumental eletrônico: guitarra, contrabaixo, bateria, teclado, etc. (Cf. FERREIRA JÚNIOR, 2007<sub>a</sub>, p. 1)

<sup>26</sup> Observação realizada pelo autor, em 26/07/2009, no Sítio Passagem das Pedras.

Magalhães<sup>27</sup>. Verifique-se o que diz Camilo Melo, músico engenheiro de som, quando compara o cangaceiro e o político, no que concerne à visibilidade dada a Serra Talhada:

Não estão no mesmo patamar não. Acho que Agamenon não chega nem perto (risada). Se colocar a coisa num nível racional... Agamenon... Se você perguntar... Chegar numa escola pública da periferia e perguntar quem é Agamenon Magalhães, vão dizer... Alguém que morar perto da rua que tem o nome dele, vai dizer: è o nome de minha rua... Agora, se perguntar prum garoto qualquer quem é Lampião... A conversa é diferente. Não tem patamar não... Agamenon ta muito distante de Lampião em relação a isso. (Entrevista realizada com Camilo Melo, em 20/01/2009).

Dierson Ribeiro, professor da Rede Estadual de Ensino, diz que “gostaria que Serra Talhada fosse conhecida como terra de poetas [...] não pela forma como sempre ela é conhecida, como a terra de Lampião”. Todavia, não nega o professor entrevistado que, embora lhe desagrade o fato, Lampião é sobretudo importante no referente à revelação de Serra Talhada ao mundo.

Embora de uma forma tortuosa, o nome de Lampião fez com que Serra Talhada ficasse bem mais conhecida lá fora. Eu vejo assim... Que através de reportagens de jornalistas, de redes de TV que sempre estiveram por aqui à procura de conhecimento... Escritores nacionais e até internacionais, que passaram por aqui, fazendo matérias, pesquisas e levando a cidade pra outros estados, pra outros países. Eu vejo a divulgação do nome de Serra Talhada, através de Lampião, dessa forma. (Entrevista realizada com Dierson Ribeiro, em 07/01/2009).

Na região pernambucana do Pajeú, onde se encontra, a cidade de Serra Talhada é detentora da maior população<sup>28</sup>, possui comércio significativo e, no que concerne à oferta educacional, oferece um leque significativo de opções<sup>29</sup>. Costuma-se chamá-la cidade-pólo. Todavia, mesmo que o falado já pudesse ser considerado

<sup>27</sup> Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães foi deputado constituinte, em 1932; Ministro do Trabalho, Interventor Federal em Pernambuco e Ministro da Justiça, na Era Vargas; foi autor da primeira lei brasileira de orientação anti-truste, celebrizada como Lei Malaia; foi deputado constituinte em 1946 e governador de Pernambuco, eleito por voto direto, em 1950. (FERREIRA JÚNIOR, 2007<sup>a</sup>, p. 5).

<sup>28</sup> Em 2007, segundo o IBGE, sua população era de 99.198 habitantes. Disponível em [www.pajeunews.no.comunidades.net](http://www.pajeunews.no.comunidades.net). Acesso em 20/07/2009.

<sup>29</sup> No espaço urbano serra-talhadense há 09 escolas da rede pública estadual, oferecendo Ensino Fundamental e Ensino Médio; 14 escolas da rede municipal, que oferecem Ensino Fundamental Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada - FAFOPST; Faculdades Integradas do Sertão – FIS; Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Centro Tecnológico do Pajeú/Moxotó, que oferece vários cursos profissionalizantes.

significativamente importante, enquanto elemento que lhe promova destaque em relação às outras quinze cidades que compõe a região, a figura de Lampião completa a imagem sobre a cidade;

Lampião faz parte da história nordestina e nacional... Então, ele, como cangaceiro, como bandido até, ou herói, ele está fazendo parte da nossa história... Está trazendo turista... Está desenvolvendo nossa cidade. (Entrevista realizada com Alessandra Amorim, em 19/01/2009).

Já outro informante, Camilo Melo, é ainda mais contundente, quando questionado acerca da possibilidade de se imaginar Serra Talhada divorciada da associação com a imagem de Lampião: “não há como negar, Serra Talhada não é Serra Talhada sem a figura de Lampião”. Por sua vez, outra depoente, Maria da Conceição Souza Alves, concorda acerca da imprescindibilidade do vínculo entre Lampião e a cidade, sob pena de sofrer diminuição em sua importância regional:

Continuaríamos sendo um povo sertanejo, povo lutador, povo guerreiro... Mas, nos faltaria um pontinho ali... Cultural sim... Faltaria o xaxado... Acho que faltaria um marco histórico, porque geralmente, quando se fala em Serra Talhada, fala-se Terra de Lampião e, por Lampião ser um marco histórico... É tanto que os europeus continuam investigando sobre Lampião, inclusive os alemães, que apesar de terem Hitler, preferem Lampião... Obviamente, ele tem um destaque histórico fortíssimo. A cidade teria menos destaque. (Entrevista realizada com Maria da Conceição Souza Alves, em 16/01/2009).

Desse modo, a interligação que existe entre Lampião e Serra Talhada se revela, segundo os depoimentos citados, como sendo algo a que não cabe dissociação. Ou seja, o cangaceiro é elemento promotor de benefício à cidade, é viabilizador de renda.

Esta situação beneficiadora é promotora de ocorrência de fatos praticamente inimagináveis de serem vivenciados há duas décadas, quando havia uma clara postura de antagonismo à celebração da memória lampeônica. Somente para se ter uma noção da rejeição que havia à celebração da memória Lampeônica, em Serra Talhada, veja-se o dito por Tarcísio Rodrigues:

Quando nós lançamos o plebiscito nas ruas, apareceu inimigo de Lampião de tudo que é trincheira, sabe (risos). A gente não esperava que fosse tão recente a coisa, que tivesse tão à flor da pele, tão viva

[...] Apesar de ter dado 72% favoráveis, no corre-corre do dia-a-dia a coisa foi dura. Os contras trabalharam. **Eu recebi ameaças. Teve um cara que fez um cordel e me chamou de Satanás, Barrabás, de tudo que for bíblico ele botou.** Matéria em jornal... Tinha um cara, um tal dum Hélio, esqueci o nome agora, que até hoje esse cara me persegue. Basta eu lhe dizer que agora, há pouco tempo atrás, há pouco tempo, uns dois anos atrás, esse cara, de graça, eu abro o jornal... Esse cara descobriu que eu estou na Casa da Cultura de novo, e meteu a lenha. Eu cheguei inclusive a começar mover uma ação contra ele. Meteu a lenha em mim, de graça<sup>30</sup>. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Também merece destaque a contraposição ao movimento dada por parte de familiares daquele que, em toda e qualquer narrativa histórica que envolva Lampião, aparece como sendo o seu maior inimigo e, não são raras às vezes, até como sendo o elemento causador da transformação de Virgulino em Lampião, o fazendeiro José Alves de Barros, historicamente conhecido como Zé Saturnino. Sobre isto, atesta Álvaro Pereira, policial civil e fotojornalista:

Na época em que o plebiscito foi posto em votação, a mídia toda se voltou para Serra Talhada. **Existia uma verdadeira guerra.** Familiares do maior inimigo de Lampião, o Zé Saturnino, disseram que, caso o monumento fosse levantado, eles iriam demolir, iriam destruir. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Álvaro Pereira, em 11/01/2009).

Quando se afirma ser hoje a cidade de Serra Talhada palco de acontecimentos impensáveis de serem vivenciados em um passado próximo, e que este hoje é assim delineado pela ressignificação que se deu à imagem de Lampião, toma-se, como exemplo de corroboração, exatamente as ações protagonizadas por aqueles que, a pouco menos de duas décadas, mostravam-se totalmente contrários a qualquer que fosse a ação que viesse a promover glorificação a Lampião: os familiares de Zé Saturnino. Veja-se, novamente, o que afirma Álvaro Pereira:

Hoje, quem vai ao São Miguel, quem vai ao sítio Passagem das Pedras **é muito bem recebido e muito bem assistido pelos familiares de Zé Saturnino**, que hoje, talvez tenham sido dos primeiros a enxergar que Lampião é uma ferramenta agregadora, que Lampião é um elemento que pode possibilitar uma mudança positiva, porque eles ganham com a visita dos turistas. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Álvaro Pereira, em 11/01/2009).

<sup>30</sup> Expressão pejorativa que significa: criticou-me sem razão.

Além de viabilizarem bem-estar ao turista, familiares de Zé Saturnino fazem coro à cristalização da ressignificação que se tem dado, em Serra Talhada, à imagem de Lampião. Tarcísio Rodrigues atesta:

**A própria família de Zé Saturnino, hoje, começa, exatamente, a participar da direção do grupo Cabras de Lampião.** Quer dizer, um neto de Zé Saturnino, o grande inimigo de Lampião. Inclusive, através da exploração de Lampião, eles estão tentando ativar o Museu de Zé Saturnino. Quer dizer, é o outro lado da moeda. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Percebe-se significativo este agir dos familiares do arqui-inimigo de Lampião, pois coloca por terra, ou, pelo menos, procura ocultar um repúdio ao cangaceiro que remonta há décadas. Este repúdio pode ser resumido no que está escrito em placa colocada nas proximidades das ruínas da casa-sede da Fazenda Pedreira, de propriedade de Zé Saturnino.

**“Aqui, no passado, a casa grande da fazenda Pedreira, onde nasceu José Alves de Barros, que entrou para a história com o nome de Zé Saturnino, primeiro inimigo de Lampião. Foi um intrépido combatente de cangaceiros, exemplo de honra para a família e amigos”.** (Negritos nossos)

Fonte: [www.diariodonordeste.globo.com](http://www.diariodonordeste.globo.com)

O que resta da casa é preservado por descendentes de Zé Saturnino e, na figura seguinte, compartilha a companhia de facheiros e mandacarus<sup>31</sup>. Esta casa serviu de refúgio para Zé Saturnino, parentes e empregados, quando de um tiroteio travado com Lampião e seu bando. Visíveis são as marcas das balas nas paredes, como também as torneiras<sup>32</sup>. Não conseguindo êxito, o cangaceiro matou parte do gado de Zé Saturnino e queimou cercas e moradias de trabalhadores (Cf. Souza, 1995).

<sup>31</sup> Cactáceas xerófilas, típicas do bioma Caatinga.

<sup>32</sup> Buracos feitos intencionalmente nas paredes das casas pelos moradores. Através deles, os que estavam dentro dela, ofereciam resistência, à bala, àqueles que a atacassem.



Figura 2: Ruínas da Casa-sede da Fazenda Pedreira  
 Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com>

A mudança de atitude de familiares de Zé Saturnino em relação a Lampião é, por parte de determinados serra-talhadenses, entendido como algo que decorre da constatação de que se poderia tirar proveito, economicamente falando, dessa rivalidade. Ou seja, percebeu-se que o cangaceiro é, como o diz Álvaro Pereira (entrevista realizada em 11/01/2009.), “uma ferramenta agregadora” e, por conseguinte, poderia lhes trazer benefícios, ao que tudo leva a crer, a chamada “indústria do turismo” fomenta a construção de um novo Lampião e de um novo Zé Saturnino, ressignificados nas teias de uma tradição inventada.<sup>33</sup>

Ademais, A polidez eufemística de nosso informante Álvaro Pereira é contraposta pela veemente declaração de outro informante, Camilo Melo que, em sua fala, atesta que, à presença do dinheiro, vai-se toda e qualquer rivalidade, por mais forte que o seja:

[...] Embora, que quando o dinheiro vai caindo... Já sei de casos aí de grandes inimigos que agora, o turismo começou a se instalar e as pessoas estão vindo gastar e, agora, **quem ficava doidinho quando ouvia falar no nome, agora fica feliz e faz festa, porque o dinheiro está começando entrar.**(Grifos nossos). (Entrevista realizada com Camilo Melo, em 20/01/2009).

<sup>33</sup> Tradição inventada é uma categoria proposta por Eric Hobsbawm & Terence Ranger, que a conceituam como sendo “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores de normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”. (HOBSBAWM; RANGER, 2002, p. 9).

Quando solicitado a dar exemplo, o mesmo informante dispara, referindo-se aos familiares de Zé Saturnino:

O pessoal lá próximo onde ele nasceu... **Tinha muita gente ali que não queria nem ouvir falar... Mas, agora, lá faz parte da rota do cangaço e, muitos turistas... 40, 50 turistas gastando dinheiro mesmo... Isso deixa todo mundo feliz.** Eu acho uma coisa boa, porque Lampião fez tanto mal a essas famílias que agora está na hora de trazer algum dividendo. (risos). (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Camilo Melo, em 20/01/2009).

Não se tem como precisar se a adesão ao movimento glorificador da memória lampeônica, por parte de descendentes do maior inimigo de Lampião, deriva-se da convicção de que a rixa entre as famílias foi coisa de outrora e que, por conseguinte, o hoje é uma realidade diferenciada da época de Zé Saturnino.

Talvez a ação dos Nogueira<sup>34</sup> decorra do processo de fragmentação identitária por que passa o sujeito pós-moderno<sup>35</sup>. Ou seja, exista uma representação de uma identidade que, na verdade, não venha a corresponder à realidade e, por conta disso, constitua-se meramente em uma fachada social<sup>36</sup>.

A verdade é que as visitas ao Sítio Passagem das Pedras não ocorrem somente quando do “Tributo a Virgulino”, mas, durante todo o ano, não se tendo notícias de qualquer visitante que tenha se queixado de maus-tratos advindos dos moradores locais, no caso, os parentes de Zé Saturnino.

Uma comprovação da existência de amálgama contemporâneo envolvendo os inimigos de ontem e “amigos” de hoje, Zé Saturnino e Lampião, é o que se observa quando se deixa a rodovia PE-390, antiga estrada de Floresta e agora chamada “Estrada Virgulino Ferreira da Silva”, e busca-se chegar ao Sítio Passagem das

<sup>34</sup> Família à qual pertencia Zé Saturnino.

<sup>35</sup> A concepção de sujeito fragmentado identitariamente é a defendida por Stuart Hall, em “**Identidade Cultural na Pós-Modernidade**”, que afirma inexistir, contemporaneamente uma identidade unificada e estável a ser vivenciada pelo sujeito, mas a vivência de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. A identidade, segundo o teórico citado, “torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p.p, 12, 13)

<sup>36</sup> O conceito de fachada social é o utilizado por Erving Goffman em “**A Representação do Eu na Vida Cotidiana**”. Ali, o sociólogo afirma ser a terminologia fachada sinônimo de representação e a usa para se reportar “a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência [...] à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. (GOFFMAN, 1985, p. 29)

Pedras, onde nasceu Lampião: o acesso se dá por uma estrada vicinal chamada “Estrada Zé Saturnino”.



Figura 3: Estrada que dá acesso ao Sítio Passagem das Pedras  
Fonte: [www.diariodonordeste.globo.com](http://www.diariodonordeste.globo.com)

Ou seja, a estrada que promove acesso aos lugares de memórias lampeônicas e onde se realiza a ritualística da “Celebração do Cangaço” tem o nome do maior inimigo de Lampião.

Percebe-se, com base no exposto que, ainda que haja resistência à glorificação que se tem dado à memória de Lampião em Serra Talhada, há um agir contundente em fazê-la continuada. Percebe-se grande, em Serra Talhada, a quantidade de signos<sup>37</sup> que remetem à lembrança de Lampião e à sua glorificação. Domá, assim explica:

Serra Talhada tem uma rua que se chama Virgulino Ferreira; tem uma praça, que não é Praça Lampião – pra mim isso é mais forte ainda – é Praça Miguel Nunes de Souza, mas todo mundo conhece somente como Praça Lampião; tem um Encontro Nordestino de Xaxado; tem o Museu do Cangaço na casa onde nasceu Lampião, que foi restaurada, a casa de Dona Jacosa e nela foi instalado um museu; tem o museu do cangaço, da Fundação Cultural Cabras de Lampião; tem o “Tributo a Virgulino”; tem sete ou oito grupos de xaxado; tem um ponto de cultura do governo federal que se chama ponto de cultura “Artes do Cangaço”; a identificação artística de

<sup>37</sup>Segundo Mikhail Bakhtin, em “**Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**”, a situação social é algo que se revela na simbologia presente na sociedade, pois “o signo e a situação social estão indissolivelmente ligados. Todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela”. (BAKHTIN, 2002, p. 16).

Serra Talhada é toda fundamentada no cangaço, pois nossos cantores cantam músicas do cangaço [...] tem estradas com nomes Zé Saturnino, Lampião, Zabelê, Teófanos Torres. Nós temos escritores, poesias, livros, sobre o cangaço e sobre Lampião. **O que é que falta mais? Mudar o nome de Serra Talhada para Lampeonópolis?** Eu não vejo mais o que fazer sobre Lampião. Eu sou muito questionado sobre isso. As pessoas dizem: rapaz deveria ter muito mais coisas por aqui. O quê? Porque nós temos matéria nacional sobre eventos alusivos ao cangaço ou a Lampião. Seminários. Teses de mestrado e monografias, livro e tudo mais. Idas ao exterior. **Fazer o que mais? Não falta nada. A não ser canonizar Lampião ou empurrá-lo de uma vez por todas pro inferno.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009)

Diante da presença destes signos, eventos culturais, produções artísticas atestadores da glorificação à memória lampeônica, e da visibilidade que Lampião tem dado a Serra Talhada, tornando-a conhecida mundialmente, poder-se-ia pensar que, salvo as contestações que decorrem daqueles que foram, direta ou indiretamente, vítimas de Lampião, há em Serra Talhada significativa concordância a ressignificação dada à imagem do cangaceiro. Todavia, a mesóclise no futuro do pretérito é usada providencialmente, pois este tempo verbal costuma ser relacionado às noções de hipótese, incerteza e irrealidade.

Desse modo, caso haja aquiescência automática àquilo que se revela no cotidiano serra-talhadense, o que até aqui foi mostrado aponta para uma quase que unanimidade acerca da glorificação dada à memória de Lampião. Todavia, as prenoções devem-se sistematicamente descartar<sup>38</sup> e, no exercício do ofício de sociólogo, duvidar da realidade do que é apresentado<sup>39</sup>.

O contato com os cidadãos serra-talhadenses levou ao levantamento de hipótese de que, em Serra Talhada, no que se refere a sua identificação com Lampião, há posicionamentos controversos. Ou seja, ainda que se tenha dado

<sup>38</sup> Aqui a reportagem é feita a Émile Durkheim, em “**As Regras do Método Sociológico**”, quando enfatiza a postura que deve envergar o sociólogo diante do seu objeto de pesquisa: “É preciso, portanto, que o sociólogo, tanto no momento em que determina o objeto de suas pesquisas, como no curso de suas demonstrações, proíba-se resolutamente o emprego daqueles conceitos que se formaram fora da ciência e por necessidades que nada têm de científico. É preciso que ele se liberte dessas falsas evidências que dominam o espírito do vulgo, que se livre, de uma vez por todas, do jugo dessas categorias empíricas que um longo costume acaba geralmente por tornar tirânicas” (DURKHEIM, 2007, p.p. 32, 33)

<sup>39</sup> Reporta-se a Erving Goffman: “Num dos extremos encontramos o ator que pode estar inteiramente compenetrado de seu próprio número. Pode estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade. Quando seu público está também convencido deste modo a respeito do espetáculo que o ator encena – e esta parece ser a regra geral – então, pelo menos no momento, somente o sociólogo ou uma outra pessoa socialmente descontente terão dúvidas sobre a “realidade” do que é apresentado. (GOFFMAN, op. cit. p. 25).

ressignificação à imagem de Lampião e este se tenha transformado em patrimônio municipal<sup>40</sup>, identificar-se com o cangaceiro famoso não é algo do qual se orgulhe parcela do serra-talhadense, em outras palavras, não existe uma unanimidade quanto a imagem de Lampião, seja positiva, seja negativa .

Desse modo, percebe-se no espaço serra-talhadense a existência de um discurso resistente e que tem como referente o imaginário do cangaceiro sanguinário, construído em meados de 1930, especificamente nos folhetos de cordel da época (SANTOS, 2009). Isto se encontra somado às memórias de moradores da própria Serra Talhada, que não se renderam à economia e lucro construídos em torno da imagem positiva de Lampião.

## 2.2. O Que se pensa sobre Lampião em Serra Talhada

Sendo perceptível a existência de uma forte representação de que Lampião é imprescindível a Serra Talhada no que diz respeito à promoção da visibilidade da cidade, não deixa de ser paradoxal a constatação de que há igualmente uma forte representação, por parte do serra-talhadense, em não querer se identificar com Lampião.

A recusa em identificar-se com Lampião é, por significativa parte dos cidadãos serra-talhadenses entrevistados, algo que se justifica em decorrência do estigma <sup>41</sup> que lhes recai ou recai em razão da conterraneidade desfrutada com o cangaceiro. Também se ressentem tais informantes da depreciação que chega a possuir a cidade por ser batizada de terra do “Rei do Cangaço”. Percebe-se, dessa maneira, que tanto individual, como coletivamente, a recusa em identificar-se com Lampião é evidente.

A rejeição, como já se disse, possui justificativa em situações negativas vivenciadas por parte dos informantes entrevistados, ainda que, no presente tempo,

---

<sup>40</sup> Lei Municipal nº 621 de 19 de dezembro de 1986 de autoria do vereador Expedito Eliodório (Louro Eliodório).

<sup>41</sup> Estigma aqui é usado como o quer Erving Goffman, em “**Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**”. Diz o sociólogo que ainda que tríplice e nitidamente diferente seja o estigma (abominações do corpo, culpas de caráter individual e os relacionados com a origem do sujeito), ele possui a mesma característica sociológica: “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto”. (GOFFMAN, 2008, p. 14).

tais informantes reelaborem as suas visões em decorrência do apelo turístico que a imagem de Lampião pode oferecer para a cidade. Isto pode ser visto nas falas de Dalma Régia Freire Magalhães. A informante não nega ser positivo o “serviço” prestado por Lampião, sua identificação com o xaxado, com a cidade de Serra Talhada:

Pra trazer divisas... Econômica. Está se tornando conhecida, muito conhecida [...] eu tenho um irmão que mora em São Paulo e, quando a gente chega lá, “Ah, você é da terra do xaxado”? “Traga fotografia...”, “O que é que você conta”? Quer dizer... Até o mundo lá fora, o mundo do cenário nacional vê dessa forma. A coisa é forte! (Entrevista realizada com Dalma Régia Freire Magalhães, em 14/01/2009).

Todavia, essa informante mostra-se contrária à questão da identificação com Lampião, tomando para seu embasamento discursivo um acontecimento anedótico, porém traumático (POLLAK, 1992), marcante em sua memória, que dista do tempo presente significativamente:

De jeito nenhum! Porque esse infeliz me deu foi dor de cabeça lá fora... Perdi foi emprego (risos). Eu casei há trinta anos atrás... Eu chegava em São Paulo... Fui morar lá... Tentava arranjar trabalho e até que arranjava... Quando se sabia que eu era de Serra Talhada... “De Serra Talhada”? “Mulher valente, Maria Bonita”... E, sem ter nem pra quê... Eu sabia que tinha me saído muito bem na prova escrita, mas na entrevista, meu nome era cancelado. Por quê? Porque eu era de Serra Talhada. E meu esposo passou muito por isso daí, sabe... E muita gente carregou isso nas costas, naquela época. (Entrevista realizada com Dalma Régia Freire Magalhães, em 14/01/2009).

Transportando-se para dias mais atuais, tome-se como exemplo a experiência vivenciada por Maria da Conceição Souza Alves, citada anteriormente. Esta informante, em início da década de 1990, deslocou-se para a cidade de Recife e, ali, vivenciou pessoalmente o estigma de ser conterrânea de Lampião:

Eu estudei em Recife e eu lembro que as pessoas diziam: é de Serra Talhada, terra de Lampião... É braba, é valente. Então, nós somos sempre associados... Vistos por esse paradigma: o povo de Serra Talhada é um povo agressivo por conta dessa ligação lampeônica, dessa associação. (Entrevista realizada com Maria da Conceição Souza Alves, em 16/01/2009).

O estigma de agressivo é automaticamente atribuído ao serra-talhadense, ainda que este, em sua personalidade, não possua necessariamente este traço comportamental <sup>42</sup>. É quase como se fizesse uma referência a que o sangue de Lampião corresse nas veias de todo aquele que habita em Serra Talhada. Poderia se comparar esse fenômeno, em termos de estigma, com o que ocorre com a mulher paraibana que, em virtude da música *Paraíba*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, passa a ser vista, automaticamente, como mulher-macho. Também se poderia comparar com o estigma chegado ao caruaruense que, por morar na Capital do Forró, tem necessariamente que gostar de forró e saber dançá-lo.

Decorrente da vivência dessa memória traumatizante, a informante evocada, ainda que se renda à imprescindibilidade do vínculo entre Lampião e Serra Talhada, quando diz, “sem esse vínculo, a cidade não seria o que é hoje”, rejeita qualquer que seja a identificação sua com o cangaceiro, e acrescenta: “eu me envaideço de morar em Serra Talhada. Eu acho Serra Talhada uma cidade fantástica... Agora, não necessariamente por ser a terra de Lampião, mas por ser a minha terra” (Maria da Conceição Souza Alves, entrevista realizada em 16/01/2009).

Quando se dirige o foco para a cidade, também é perceptível o ressentimento de significativa parte dos serra-talhadenses no que concerne à deteriorização identitária que lhe promove o fato de estar vinculada a Lampião. Observe-se o dito por Lucila Cavalcanti Lima, dona de casa e artesã, quando indagada se preferia ver a cidade desatrelada da imagem de Lampião:

Preferiria, com certeza. Porque ele foi um bandido e dá uma imagem a Serra Talhada... Eu vou lhe contar uma rápida história, que aconteceu conosco... Eu morava na Bahia e meu esposo tinha um amigo médico, Dr. Saumison que era casado com uma moça daqui de Serra Talhada e que a família dela tinha saído daqui por causa de problemas... Saíram pra não morrer... Um dia meu marido convidou esse casal pra vir a Serra Talhada... Ele disse: “eu vou, Tadeu... Mas, antes, eu tenho que comprar duas joelheiras”. Aí, Tadeu disse: “duas joelheiras”? Ele disse: “é... Porque quando eu entrar na cidade, eu me ajoelho e peço a Deus proteção pra não levar um balaço” (risos)... Quer dizer, isso aí... Qual é a fama de Serra Talhada? Lugar

---

<sup>42</sup> Para Goffman (2008, p. 12): “as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas ‘efetivamente’, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização ‘efetiva’, uma **identidade social virtual**. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua **identidade social real**. (Negritos nossos).

de bandido. (Entrevista realizada com Lucila Cavalcanti Lima, em 23/01/2009).

O relato da informante revela que ainda perdura, no que concerne à identidade serra-talhadense, o estigma de espaço violento que a associa com a imagem de Lampião.

Convém acrescentar que Serra Talhada não figura entre as dez cidades mais violentas de Pernambuco <sup>43</sup> e que, por parte do próprio serra-talhadense ou, por uma gama significativa destes, inexistente orgulho em dizer-se conterrâneo de Lampião a fim de angariar o temor de outras pessoas. Acerca disto, **formula** um de nossos informantes, Tarcísio Rodrigues:

Não gosto quando se associa a cidade a Lampião apenas para explorar o lado da violência. Até porque Serra Talhada apesar de já ter figurado entre as dez cidades... Já chegou a ser a mais violenta do estado, depois ficou entre as dez mais violentas do estado. Hoje, Serra Talhada figura entre as dez mais pacatas. Quer dizer, esse tempo já passou. Esse tempo de que muito serra-talhadense usava de chegar fora daqui e dizer “eu sou da terra de Lampião”, apenas pra mostrar que era macho ou que era brabo... (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Percebe-se, desta maneira, que prevalece, para os de fora, sobre Serra Talhada, a identidade social virtual em detrimento da identidade social real (GOFFMAN, 2008). Ou seja, dá-se à cidade um epíteto que, na realidade, atualmente inexistente. A prioridade do virtual em detrimento do real é, pode-se dizer, decorrente do vínculo identitário que o espaço urbano mantém com Lampião. Esta constatação é fortalecida na fala de outro informante, Dierson Ribeiro:

Porque ninguém quer ver sua cidade tida como a terra do crime, a terra de bandidos. As pessoas querem sua cidade vista como uma cidade de gente inteligente, de sábios, de cientistas, de escritores, de poetas e não como terra de bandido, como sempre foi vista Serra Talhada. Quando se falava, por aí, que era de Serra Talhada, as pessoas se afastavam e o cara ficava sozinho. (Entrevista realizada com Dierson Ribeiro, em 07/01/2009).

---

<sup>43</sup> Em [www.pebodycount.com.br](http://www.pebodycount.com.br) encontra-se a lista das dez cidades mais violentas de Pernambuco: 1) Recife; 2) Jaboatão; 3) Cabo de Santo Agostinho; 4) Aliança; 5) Rio Formoso; 6) Itamaracá; 7) Amaraji; 8) Caruaru; 9) Goiana; 10) Olinda.

Esta incômoda realidade, que como já se mostrou, produz significativo prejuízo – tanto individual quanto coletivamente – funciona como elemento promotor de repulsão, no que concerne à identificação do cidadão serra-talhadense como o seu conterrâneo mais famoso. De maneira jocosa, porém demonstrando sinceridade, uma de nossas informantes, Lucila Cavalcanti Lima, reagiu da seguinte maneira, quando indagada a responder se gostaria de ter parentesco com Lampião:

Deus me livre! De gente ruim, minha família já está cheia... Botar mais Lampião? Aí eu estou ferrada (risada). Tem gente que tem um orgulho de dizer: eu sou parente de Lampião... Meus pêsames. (risada)... Meus pêsames. (Entrevista realizada com Lucila Cavalcanti Lima, em 23/01/2009).

Já Camilo Melo, em sua fala, expressa uma total ojeriza à ligação que a cidade mantém com a pessoa de Lampião. Convém lembrar que este informante atesta ser impraticável se pensar Serra Talhada sem que exista Lampião. Veja-se o que ele diz, quando foi questionado sobre a importância do cangaceiro para a cidade:

**Tirando ele do seu contexto histórico e de sua popularidade, ele não tem importância nenhuma pra cidade. [...] Exemplarmente, nenhuma. O exemplo dele é 100% negativo.** A figura dele como pessoa e como emblema educacional ou cultural é zero, é totalmente fora de qualquer padrão social aceitável. Agora sim, historicamente a importância dele é grande e as pessoas gostam do espetacular, do fora do comum e, no contexto de se trazer dividendos pro lugar, aproveitar que **infelizmente ele nasceu aqui**, porque podia ter nascido em outro canto e morrido muito mais longe do que morreu e se nunca tivesse passado por aqui aprontando, também seria muito bom, se o exemplo dele não tivesse influenciado tantas guerras, levado a tantas mortes... A essa cultura violenta que a gente tem aqui, a cultura da vingança barata, da violência gratuita. Essa pseudo-honra nordestina, que de honra não tem nada... O homem é honrado por si... Esse tipo de honra apregoada por cangaceiros não serve pra nada, só traz prejuízo... Acredito que fora isso, só tem a questão turística... Aproveita-se isso aí pra trazer dividendos pro lugar... Aproveita-se que tem muita gente besta no mundo e que gosta de ver esse tipo de coisa, entendeu? (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Camilo Melo, em 20/01/2009).

Diante dessa realidade – divergências existentes entre o que se diz e o que se pensa sobre Lampião, em Serra Talhada –, percebe-se, mediante a rejeição por parte dos habitantes serra-talhadenses em relação à sua identificação com Lampião,

que a glorificação que se dá à imagem do cangaceiro não é algo que remonte ao passado histórico da cidade, mas a uma ação social que se construiu, uma tradição inventada.

O termo tradição inventada, de acordo com Hobsbawm (2002, p. 9), “é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido”. Assim, ainda segundo o historiador inglês, (op. cit. p. 12), é perfeitamente possível se determinar o início da invenção de uma tradição, principalmente se ela é “deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador” e ou quando tem sua origem em “cerimônias oficialmente instituídas e planejadas, uma vez que provavelmente elas estarão bem documentadas”.

Em Serra Talhada, atribui-se, quase que unanimemente, a Anildomá Willans de Souza, o Domá, a ressignificação dada à imagem e Lampião. Ou seja, apropriando-se de Hobsbawm e levando-se em conta o que se ouve por parte considerável de serra-talhadenses entrevistados, pode-se dizer que Domá “inventou uma nova tradição” alusiva a Lampião. Atitudes protagonizadas pelo produtor cultural citado são elementos que corroboram com a afirmação feita. A nomenclatura que Serra Talhada possui, “Capital do Xaxado”, e que lhe dá identidade, é de sua autoria, como se observa em sua fala:

Em 1993 ou 1994 eu fiz alguns adesivos para carros que tinha “Serra Talhada: Terra de Lampião e Capital do Xaxado”. Um amigo nosso me convidou. Fazia parte da gestão do governo conosco e eu tinha muito carinho do mundo com essa pessoa e ele disse: “Olhe, você está mexendo com muita gente com esse negócio de Terra de Lampião. Por que você não usa somente Capital do Xaxado?”. Eu... Sinceramente, eu gostei da idéia. **Eu não vou provocar as pessoas e todo mundo vai assimilar que está ligado a Lampião.** Pronto. Aí, eu fui ao cartório e registrei. Mas, se você pegar hoje qualquer correspondência minha, vou até te mostrar, está aqui na minha mão, eu uso “Serra Talhada: Terra de Lampião e Capital do Xaxado. Eu fui registrar porque a prefeitura, os comerciantes, as emissoras de rádio estavam utilizando. De 1993 até hoje, todas as gestões e rádios tem usado o slogan Capital do Xaxado. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willans de Souza, em 14/04/2009):

Outro de nossos informantes, Dierson Ribeiro, corrobora com a fala de Domá. Atesta que tal nomenclatura não existiu de maneira impensada, mas veio à tona mediante um intento previamente deliberado por este, que buscava concretizar um

objetivo. Ou seja, tratou-se de uma ação social do tipo racional com relação a um objetivo <sup>44</sup>:

**Esse título aí foi uma coisa criada por Anildomá. É uma questão de marketing, do trabalho dele**, certo? Ele tem grupo de xaxado, há muito tempo e, foi ele quem criou isso e, divulgou muito e pegou a idéia. Até outras pessoas têm se apropriado disso indevidamente, inclusive, políticos. Mas, foi uma criação de Domá. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Dierson Ribeiro, em 07/01/2009).

Na opinião de Camilo Melo, a atitude de Domá é algo que se revela como sendo digna de reprovação e, ao mesmo tempo de louvor. Segundo ele, o produtor cultural quando nomeia a cidade de Capital do Xaxado está pleiteando em causa própria. Porém, ao mesmo tempo, está contribuindo positivamente no que concerne a dar ao cangaço humanização. Ou seja, para Camilo Melo a atitude de Domá traz à tona a discussão antropológica do cangaço, mostrando-o como sendo composto por homens e mulheres que, nada obstante a crueldade praticada em muitas situações, eram seres humanos, gente de carne e osso;

**Isso aí não é tradição nenhuma. É uma forçada de barra gigantesca. Isso é uma tentativa de reforçar essa visão que coloca a cidade no contexto do cangaço.** Então, já foi um... Já que o homem nasceu aqui, então, vamos botar o xaxado como uma coisa daqui, a coisa principal. Acho que é mais uma tentativa de se atrelar às coisas, de se atrelar uma rede envolvendo todo o contexto do cangaço e associá-lo à cidade. Eu acho isso muito ruim. Serra Talhada tem outros potenciais que deveriam ser explorados e, o próprio cangaço em si, poderia ser explorado diferente. **Mas, isso traz também uma coisa boa... Não se tem a visão do cangaço só como o homem e as armas... Tem também essa coisa da dança, da arte.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Camilo Melo, em 20/01/2009).

Tarcísio Rodrigues corrobora com Camilo e, embasado na lógica comercial, atribui a Domá elogio significativo no concernente à sacada de marketing que teria havido da parte do produtor cultural. Para Tarcísio, houve benefício para a cidade, quando da adoção da identidade “Capital do Xaxado”:

---

<sup>44</sup> À luz de Weber, uma ação social com sentido. Segundo o sociólogo, quatro são os seus tipos: ação racional com relação a um objetivo; ação racional com relação a um valor; ação efetiva e ação tradicional. (WEBER, 2002).

O título de capital do xaxado tem duas coisas. Primeiro, houve uma busca incessante, que aí **eu quero parabenizar até o pessoal de Domá, por se tentar tirar do cangaço a parte mais alegre, pra tentar vender a cidade. Porque vender a cidade apenas com o lado mais violento, ficava ruim.** E, tem pesquisa etc. [...] Então, **atrelar Serra Talhada à dança xaxado foi excelente, muito bom e eu acho que cabe a Serra Talhada.** Nenhuma outra cidade da região poderia ficar com esse título, senão Serra Talhada [...] E, pra completar, devido a isso, Serra Talhada tem nove grupos de xaxado. Nenhuma cidade tem esse tanto de grupos de xaxado. Assim como o frevo se tornou uma dança de Pernambuco, o serra-talhadense hoje se orgulha de... Nem que não saiba, diz que sabe dançar xaxado. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Convém acrescentar que não se deve confundir, em Serra Talhada, as ênfases dadas ao Cangaço e a Lampião. Ou seja, torna-se necessário não esquecer que o Cangaço, enquanto instituição, é muitíssimo anterior a Lampião<sup>45</sup>. Deste modo, desde a década de 1960, com Manoel Lopes de Melo (Manoel Martins), já se falava de Cangaço, no contexto das festas populares<sup>46</sup>.

Todavia, sobre Lampião propriamente dito somente se começou a falar, em Serra Talhada, na década de 1980. Houve, na década anterior, a continuidade de alusão feita ao cangaço através de peças teatrais de autores locais. Porém, segundo Domá, o marco inicial do “resgate de Lampião em Serra Talhada” é o ano de 1984, quando, por iniciativa sua, protagoniza-se a primeira ação enfatizadora da pessoa de Lampião;

Nós tivemos vários momentos importantes com as coisas do cangaço em Serra Talhada. Primeiro, nós tivemos o grupo de xaxado criado por Manoel Martins que foi uma grande alusão ao cangaço e foi de onde nasceu à idéia de criação dos grupos. Depois, nós tivemos, nos anos 70, montagem de peças de teatro alusiva ao cangaço. Não necessariamente a Lampião, mas ao cangaço. **Em 1984, foi quando nós imaginamos fazer alguma coisa focando**

<sup>45</sup> Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, em “**Os Cangaceiros**”, a gênese do cangaço data de aproximadamente 1840 e se constituía de grupos de homens que prestavam proteção a coronéis e também favores a famílias e amigos contra parentelas rivais. (QUEIROZ, 1977). Frederico Pernambucano de Mello atesta ser este cangaço o do tipo dependente ou “endêmico” que, por sua vez, difere do independente ou “epidêmico”. Este se constituía em um tipo de banditismo social, típico do Nordeste brasileiro rural, que se contrapunha à ordem estabelecida e, por sua própria conta, buscava subsistir. (MELLO, 2004, p. 85).

<sup>46</sup> Segundo Tarcísio Rodrigues, produtor cultural, Manoel Lopes de Melo ou Manoel Martins, como era chamado, foi o fundador do “Grupo Folclórico e Teatral: Lampião e o Cangaço no Nordeste”, composto por 15 homens, onde o papel de Lampião era desempenhado pelo próprio fundador do grupo. Disponível em [www.jornaldesafio.com.br/meio/xaxado](http://www.jornaldesafio.com.br/meio/xaxado).

**mesmo Lampião e intencionalmente resgatar a figura de Lampião. Não era mais só falar de cangaço, mas um falar de cangaço focando a imagem de Lampião e trazendo à tona a imagem de Lampião.** Como não tínhamos nenhum texto de teatro que fosse compatível com as nossas condições financeiras para montar um espetáculo grandioso, **nós pegamos um texto nosso chamado “A Chegada de Lampião no Inferno”**, que foi baseado na literatura de cordel, já que o personagem central era Lampião [...] **Foi o primeiro trabalho que nós imaginamos ser Lampião. Vamos resgatar a imagem de Lampião em Serra Talhada.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

Retomando Hobsbawm, que afirma ser possível detectar o início da invenção de uma tradição quando ela ocorre em “cerimônias oficialmente instituídas e planejadas” (HOBSBAWM & RANGER, 2002, p.12), percebe-se que Domá se constitui precursor do movimento e que Lampião promove uma nova imagem em Serra Talhada.

A construção dessa nova imagem de Lampião é perpassada pela existência de preocupação, por parte de quem a constrói, em concentrar esforços em fazê-la crida, comprada, não se importando se o que se diz acerca da personalidade que se reveste desta imagem é condizente com a verdade ou, pelo menos, mantém proximidade com ela. Exemplo disto é o conteúdo de um folheto, onde se estampa a figura do cangaceiro, referente à primeira edição do “Tributo a Virgulino”, em 1994. Escrito por Domá, o folheto mostra a razão da transformação de Virgulino em Lampião:

Vendo seus irmãos tombarem de fome, pela falta de terra, mão-de-obra semi-escrava, os coronéis mandando e desmandando nos sertões, o jovem Ferreira passou a ser uma esperança de claridade entrando nas vilas, povoados e cidades, fazendo justiça e clamando em alto e bom tom, que era preciso devolver aos mandatários o que eles davam ao povo (TRIBUTO A VIRGULINO, 1994).

O conteúdo do documento além de justificar a metamorfose de Virgulino em Lampião, também retoma um discurso vivenciado na década de 1960, por Ruy Facó, onde se enfatiza existir consciência política no agir de Lampião (FACÓ, 1963). Tal fato, não se pode negar, contraria a imagem lampeônica decorrente da construção da memória coletiva apresentada pela historiografia oficial: a de bandido sanguinário (RODRIGUES DE CARVALHO, 1974; SÁ, 2001; SÁ NETO, 2004).

Ao que tudo leva a crer, a intenção do grupo capitaneado por Domá é construir a imagem de Lampião como líder politizado, possuidor de consciência dos problemas do seu entorno e imbuído em transformar o seu mundo. Importa apresentar a nova faceta do cangaceiro, ou seja, a imagem construída pela nova tradição inventada, possui o traço de justiceiro como um de seus principais componentes. Em outras palavras, trata-se de oferecer uma imagem ao mercado, a “indústria do turismo” e, neste pormenor, não existe uma preocupação com a existência de outras imagens que porventura se conflitua, importa fazê-la aceita e, nesse intento, dá-se a essa imagem contornos atrativos, que decorrem de uma invenção previamente definida<sup>47</sup>.

Desse modo, em Serra Talhada, principia-se o processo de construção de uma nova imagem de Lampião que, como se verá adiante, será perpassado por ações executadas por Domá que, quando examinadas, revelam claramente a sua intenção: inventar uma nova tradição alusiva à memória de Lampião.

O cidadão serra-talhadense, por sua vez, nada obstante reconhecer a importância da imagem de Lampião para a sua cidade, renega a sua conteraneidade. Ou seja, concorda que, sem a imagem de Lampião atrelada à cidade, esta não usufruiria da visibilidade que desfruta. Todavia, não demonstra qualquer que seja o interesse em identificar-se com o conterrâneo famoso. Assim, percebe-se que na concepção dos informantes, Lampião é uma espécie de mal necessário a Serra Talhada.

No capítulo que segue, buscar-se-á demonstrar, mais minuciosamente, como se deu o processo de invenção da memória de Lampião em Serra Talhada. Em outras palavras, pretende-se elencar as ações protagonizadas pelos produtores culturais locais que tiveram como objetivo ressignificar a imagem de Lampião.

---

<sup>47</sup> “Mas pouco importa a realidade em si mesma. O importante é que acreditem nela e a aceitem. Ainda que seja uma imagem inteiramente inventada. Embelezada ou retocada. Como o pintor ‘retoca’ seu modelo de nobre estirpe. De que se trata? De manipular a opinião, para levá-la a comprar uma certa marca. De ‘vender’ uma imagem no mercado. Ainda que seja necessário enganar e iludir. Indo além da verdade ou falseando-a. A verdade já não tem valor. Torna-se um conceito obsoleto para certos profissionais que confundem a imagem e a imaginação” (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 14, 15).

### III – A INVENÇÃO DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA EM SERRA TALHADA

A região do Pajeú, onde se localiza Serra Talhada, foi palco privilegiado das ações de Lampião e, por conseguinte, espaço que contém muitas memórias sobre ele.

Ainda que não se possa negar o fato de ter havido boas ações protagonizadas ali por Lampião, é significativa a constatação de que em detrimento de tais ações, prevaleceram as negativas e altamente reprováveis: extorsões, torturas, exposição de autoridades ao ridículo e mortes violentas<sup>48</sup>.

Desse modo, em tal espaço prevalecem às memórias lampeônicas traumáticas. Tais memórias foram quase que herdadas pelos descendentes das famílias ultrajadas por Lampião e, nos dias atuais, reverberam enquanto elemento impeditivo de qualquer menção honrosa feita ao cangaceiro<sup>49</sup>.

Na cidade de Serra Talhada, especificamente, não são poucas as pessoas que, ainda que já se tenha passado quase que dois terços de século da morte do cangaceiro, são contrárias a toda e qualquer intencionalidade de louvação à sua imagem. Sobre essa questão, nos informou Lucila Cavalcanti:

Essas pessoas são pessoas que tiveram um passado de sofrimento com Lampião. Tiveram os avós mortos, torturados... Aqui, nós temos uma professora que o avô dela... A fazenda dele foi invadida por Lampião... Ele tinha no corpo marcas de bala causadas pelo bando de Lampião [...] Então, essas pessoas que são ligadas a famílias que tiveram entrevero com Lampião, elas abominam, não querem nem ouvir falar da figura de Lampião... Quando se fala de Serra Talhada puxar pra Lampião, eles ficam realmente revoltados. Aí na praça ouve uma apresentação do grupo de Domá (Cabras de Lampião) e do Manoel Martins... Muito bonita, por sinal, e na hora, **tinha uma dessas pessoas e, ela saiu esbravejando, dizendo horrores... Que aquilo devia ser proibido, que não era possível... Que**

<sup>48</sup> As alusões aos bons feitos de Lampião são vistas em “**Lampião: o rei dos cangaceiros**”, de autoria de Billy Jaynes Chandler. O autor, todavia, referindo-se ao cangaceiro, faz alusão ao fato de que “embora fosse capaz de atos de bondade, eles não constituem o fator predominante de sua carreira [...] era um homem em quem o sentimento de bondade humana nunca secou completamente. Apesar das influências brutalizantes de sua profissão, conservou-se um homem normal, com os impulsos de um homem normal” (CHANDLER, 2003, p. 271).

<sup>49</sup> Quando se fala em memória quase que herdada, refere-se a Michael Pollak (op. cit. p. 201), que afirma: “é perfeitamente possível que, por meio da socialização política ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcam tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

**Lampião era um bandido e o povo estava fazendo homenagem a um bandido.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Lucila Cavalcanti Lima, em 23/01/2009)

Essa “memória herdada” encontra respaldo na fala de Tarcísio Rodrigues que acrescenta um outro elemento a negar Lampião, a “memória e valentia sertaneja” que passando de pai para filho, não perdoa agravos recebidos, sejam tais agravos diretos ou indiretos:

Existem algumas famílias que abominam e eu não tiro a razão, porque, apesar de estar na terceira geração ou mais, pessoas que tiveram o avô morto sangrado, morto friamente, barbaramente, por Lampião... Isso vem passando de pai pra filho e é difícil de você não, é... O sertanejo não apaga assim tão fácil uma coisa dessas. Então, têm famílias que vêm por esse lado e eu não tiro a razão deles não. (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Também há ainda algumas pessoas vivas em Serra Talhada que diretamente vivenciaram o drama da atualidade lampeônica e que, enquanto herança da época, vivenciam uma existência atormentada, povoada por divagações e até reações violentas, que se atrelam ao passado, onde mantiveram contato direto com Lampião. A informação prestada por Erinaldo Amorim da Silva é contundente, porque **ele** se mostra como sendo vítima de uma “vítima psicológica” de Lampião<sup>50</sup>.

Seu Zé Quincas foi uma pessoa com quem eu convivi por mais de um ano... Seu Zé Quincas é engraçado porque... Eu morava na mesma casa... **Ele se acordava de madrugada... Duas ou três vezes ele colocou o revólver na minha cabeça, dizendo que vai me matar, que eu parecia com Lampião e dizia: “você viu Lampião”, “onde ele está, onde ele está?”... Eu ficava assustado e tremendo...** Na primeira vez, na segunda vez... Na outra, eu disse, Seu Zé Quincas, deixe de besteira e vamos dormir que é melhor... **Em alguns momentos ele dizia: “Não se preocupe, mas não deixe a porta totalmente aberta, porque eles estão vindo aí”... Quem é que está vindo? ... Isso de madrugada, 2 da manhã, 3... Mas, quem é que está vindo?... “Os cabras de Lampião”, “esses nojentos... Vamos matá-los ainda hoje... Vamos fazer uma emboscada”... Na verdade, a emboscada que ele fazia era comigo... Com o revólver na cabeça...** Eu ficava um tanto perturbado e colocava pra família dele... Não, é por causa da idade, ele ta caducando... Não sei se estava caducando ou sonhando e, quando acordava, procurava Lampião e não encontrava [...] **Ele foi volante. Foi soldado.** Acho que a família dele deve ter fotos dele...

<sup>50</sup> Nesta época de sua vida, o informante prestava serviço de acompanhamento a pessoas idosas.

Ele apontava e dizia: “Ali, a gente fez uma emboscada e não pegou... Foi pra tal lugar...” Ele contava todas as histórias. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Erinaldo Amorim da Silva, em 23/01/2009)

Diante do observado, a normalidade apontaria para a inexistência de possibilidade de qualquer que fosse a louvação que se quisesse fazer a Lampião em solo serra-talhadense. As ações marginais e as maldades do “Rei do Cangaço” eram práticas indelévels na memória de muitas famílias e, por conseguinte, qualquer que fosse a alusão feita ao cangaceiro, senão a de bandido, recebia repulsa quase que unânime junto aos habitantes de Serra Talhada.

Exemplo significativo da repulsa que se dava à memória de Lampião, ainda na década de 1960, pode ser visto quando se traz à tona o agir precípua, no que se refere à alusão ao cangaceiro, protagonizado pelo ex-volante Manoel Lopes de Melo, conhecido como Manoel Martins, que fundou o “Grupo Folclórico e Teatral: Lampião e o Cangaço no Nordeste”. Segundo Tarcísio Rodrigues, havia por parte significativa da população reprovação contundente ao agir do ex-volante:

Ainda não se falava em Xaxado como expressão cultural. **A dança dos cangaceiros era vista com olhares “atravessados”, até porque a herança violenta do cangaço ainda estava recente. Feridas ainda não haviam cicatrizado. Nadando contra a correnteza, mas com uma visão futurista do movimento cultural, Manoel Lopes de Melo, ex-volante, admirador de Lampião, enxergou na dança criada pelo “Comandante das Caatingas”, o que naquela época seus conterrâneos teimavam em não enxergar.** Assim, enfrentando discriminações, mas com determinação, começou a confeccionar vestimentas de cangaceiros. Com fidelidade reproduzia em suas peças a autenticidade do que de fato se usava no cangaço [...] E assim Manoel Martins levou longos dez anos, ou mais, para confeccionar toda guarda roupa que achava necessário para colocar seu sonho na rua, e conseguiu. Em outubro de 1975 teve sua estréia. (Disponível em [www.jornaldesafio.com.br/meio/xaxado](http://www.jornaldesafio.com.br/meio/xaxado) Acesso em 12/10/2008). (Grifos nossos).

Convém lembrar que a pretensão de Manoel Martins não era estabelecer nenhuma louvação a Lampião, mas somente trazer à baila a dimensão artística do cangaço: o xaxado. Ainda assim, sua ação era rechaçada socialmente. Xaxado lembrava Lampião e, por conseguinte, era digno de repulsa porquanto lembrava alguém repulsivo.

Todavia, é nesse palco que se constrói a invenção de uma tradição que, a Lampião, transporta da condição de malfazejo à de patrimônio cultural municipal. É nessa situação caracterizada pela oposição a qualquer que seja a intencionalidade de celebração feita à memória de Lampião, que se processa o constructo de sua ressignificação imagética<sup>51</sup>.

Assim, diante do desfavorecimento até então atribuído a Lampião, cabe agora indagar como foi possível à sua metamorfose em ícone serra-talhadense.

### 3.1. A disputa da memória lampiônica nas cidades de Triunfo e Serra Talhada

Havia cangaceiros no grupo de Lampião que eram oriundos de Triunfo, sendo três os mais conhecidos: Félix Caboge, do sítio Mata Redonda; Sabino, da fazenda Abóboras e, o mais célebre de todos, Luís Pedro, do sítio Retiro, um dos onze mortos em Angicos<sup>52</sup> e, segundo a opinião de grande parte dos estudiosos do cangaço lampeônico, o cangaceiro que gozava da maior confiança de Lampião.

Não há registros de qualquer hostilidade protagonizada por Lampião na cidade de Triunfo, fato que evidencia ter havido a manutenção de relação amistosa entre o cangaceiro e os triunfenses. Estes, em seu imaginário, criaram a justificativa para a inexistência de agressividade de Lampião àquele espaço, qual seja, a religiosidade que perpassava o cangaceiro. Desse modo, segundo a concepção que prevalece para alguns habitantes do lugar, Lampião não atacava Triunfo por ser devoto e afilhado da padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores<sup>53</sup>.

Essa identificação positiva com Lampião talvez tenha sido a mola propulsora do processo de glorificação recebida por ele na cidade e que tem seu início em

---

<sup>51</sup> Em seu livro **“Serra Talhada: 250 anos de história, 150 anos de emancipação”**, Luiz Lorena de Conrado e Sá, escritor serra-talhadense, demonstra o repúdio à idéia de a Lampião querer se dar um outro epíteto, senão o de bandido: “Meu amigo Anildomá Willans de Souza (Domá) [...] Inclusive tem o seu trabalho o objetivo de mudar de forma radical, a imagem negativa de crueldade, ostentada pela figura maior que centralizou em torno de si as atenções da nação no seu tempo, Virgulino Ferreira da Silva – Lampião. **Dizer-se que Lampião foi a figura mais ilustre de Serra Talhada, significa inversão de valores ou pretender alterar a ordem natural das coisas. Um contra-senso que a história jamais aceitaria**” (SÁ, 2001, p.251). (Negritos nossos).

<sup>52</sup> Acontecimento ocorrido na madrugada de 28 de julho de 1938, na fazenda Angicos, no município sergipano de Poço Redondo. Neste lugar morreram também Lampião e Maria Bonita.

<sup>53</sup> Afirma Deodato Nunes Pereira, ex-delegado: “aqui ele nem entrava e nem atacava por causa de Nossa Senhora”. (Jornal do Comércio *apud* Clemente, 2006, p. 53).

1973, quando sob a orientação da professora Aglaê Lima de Oliveira<sup>54</sup>, estudantes normalistas do Colégio Sttela Maris (Instituição fundada por freiras alemãs), nos dias 14, 15 e 16 de setembro, realizaram entrevistas com habitantes da zona rural triunfense que teriam convivido com Lampião<sup>55</sup>.

Os dados das entrevistas realizadas foram utilizados como elementos apoiadores ou manuscritos fundadores da constituição do Museu do Cangaço e da Cidade de Triunfo, criado em 11 de junho de 1975. Esta instituição, logo que foi criada, teve suas atividades regulamentadas pelo estatuto da Sociedade Mantenedora do Museu do Cangaço que esclarecia a finalidade do museu que, dentre suas funções, objetivava:

Promover a pesquisa, a coleta, a classificação, o registro, a exposição e a divulgação de objetos, documentos, fotos e filmes, depoimento e informações sobre o **fenômeno do cangaceirismo no Pajeú** (Grifos nossos).<sup>56</sup>

Percebe-se que originalmente não havia, por parte do estatuto regulamentador do museu triunfense, ênfase dada a Lampião especificamente. Usavam-se expressões genéricas como, por exemplo, “banditismo”, “cangaceirismo”. Todavia, indiretamente falava-se de Lampião, uma vez que, na região do Pajeú, não houve outro movimento cangaceiro, senão o protagonizado por ele.<sup>57</sup>

Fica claro, na região do Pajeú, a existência de vanguarda triunfense no processo de glorificação dada à memória de Lampião. Antes disso, não havia na região citada qualquer que fosse a ação destinada a este fim. Isto é corroborado por Domá:

---

<sup>54</sup> Aglaê Lima de Oliveira escreveu o livro “Lampião, Cangaço e Nordeste”, em 1970. Nessa mesma década, empolgou o Brasil respondendo sobre a vida de Lampião, na extinta TV Tupi, no programa de J. Silvestre.

<sup>55</sup> O conteúdo das entrevistas se encontra disponibilizado em textos mimeografados sob a guarda do Museu do Cangaço e da Cidade de Triunfo.

<sup>56</sup> (Estatuto do Museu do Cangaço *apud* Clemente, 2006, p. 57).

<sup>57</sup> Quando se afirma não ter havido outro movimento cangaceiro no Pajeú, senão o de Lampião, refere-se ao fato de não ter existido outro movimento com as características possuídas pelo comandado por Lampião. Verdade é que, anterior a Lampião, houve o grupo de Sinhô Pereira que, inclusive, teve Lampião como participante. Todavia, os agires de Sinhô Pereira eram voltados exclusivamente contra desafetos da família Carvalho, de quem a família Pereira, a quem pertencia, era ferrenha inimiga.

Em 1975, lá foi criado o Museu do Cangaço, no Lar Santa Elizabete. Em Serra Talhada não se falava nada sobre Cangaço. **Triunfo partiu na frente.** Então, lá foi criado o Museu do Cangaço. Era um pequeno museu, mas muito bem mostrado. (Negritos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009)

A atitude em Triunfo repercutiu negativamente entre os que, naquela época, em Serra Talhada, estavam envolvidos com o movimento artístico-cultural. Havia, à época, um grupo teatral chamado TAST – Teatro Amador de Serra Talhada<sup>58</sup>, que empreendeu significativa resistência ao feito triunfense. Defendiam os membros desse grupo que quem deveria ter um museu do cangaço era Serra Talhada e não Triunfo, uma vez que Lampião era serra-talhadense. Parece estar na vanguarda triunfense o embrião da disputa pela memória de Lampião, na região do Pajeú. Verifique-se o dito por Tarcísio Rodrigues, à época membro-fundador do TAST:

O TAST, naquela época, estava em plena atividade e foi extremamente contra... Nada contra Triunfo... Mas, **nós fomos extremamente contrários...** Só que éramos um bando de meninos e ninguém deu ouvidos. **Nós achávamos uma injustiça que Triunfo... Inclusive foram freiras alemãs que conseguiram isto, pois o museu estava no Lar Santa Elizabete... Está montando um museu do cangaço quando a terra de Lampião era aqui [...]** Nada tinha sobre lampião. O grupo TAST não era meramente um grupo de teatro... Nós tínhamos uma preocupação muito grande com a questão cultural da cidade como um todo, tanto que nossa briga era ter o teatro como pano de fundo para a criação da Casa da Cultura de Serra Talhada. Então, **na época, a gente foi muito contra esse museu do cangaço em Triunfo.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Na primeira metade da década de 1980, mais especificamente em 1984, em Serra Talhada, de acordo com Domá, deu-se o primeiro passo para a caminhada que buscava trazer a memória de Lampião à lembrança e atrelá-la a Serra Talhada: Apresenta-se a peça teatral, “A Chegada de Lampião no Inferno”. O texto tinha a intencionalidade deliberada de dar novos contornos à imagem do cangaceiro;

Como não tínhamos nenhum texto de teatro que fosse compatível com as nossas condições financeiras para montar um espetáculo

---

<sup>58</sup> Grupo de teatro amador criado em 1973, por Tarcísio Rodrigues, Bartolomeu Rodrigues e Antônio Carlos Rocha. Segundo Tarcísio, em entrevista concedida em 14/08/2009: “foi o TAST quem, em 1977, deu o ponta-pé inicial para a fundação da Casa da Cultura de Serra Talhada”.

grandioso, **nós pegamos um texto nosso chamado “A Chegada de Lampião no Inferno”**, que foi baseado na literatura de cordel, já que o personagem central era Lampião [...] **Foi o primeiro trabalho que nós imaginamos ser Lampião. Vamos resgatar a imagem de Lampião em Serra Talhada.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

Todavia, a primazia reivindicada por Domá recebe contestação de Tarcísio Rodrigues. Para ele, o fato de Domá ter criado e dirigido a peça teatral supracitada não é elemento indicador da sua precursão no que se refere a ressignificação dada à imagem de Lampião, em Serra Talhada. Ou seja, para Tarcísio Rodrigues, o fato de Domá ter feito a peça em nada o diferencia de qualquer outro ator e/ou diretor que, sendo do teatro, dispõe-se a interpretar e ou dirigir qualquer personagem ou trabalho:

Depois, no grupo dele, o GTAST, ele fez “A Chegada de Lampião no Inferno”. Mas não que ele explorava aquilo... Ele fez uma caricatura... Pegou a figura do cordel e fez uma caricatura. **Hoje ele costuma dizer que já explorava... Aí, cita esse caso da Chegada de Lampião ao Inferno... Não. Ele também fez João Grilo e ele não é um defensor de João Grilo.** Então é o seguinte, fez porque em teatro a gente termina fazendo tudo [...] É quase impossível um serra-talhadense, principalmente da minha geração, Domá é praticamente da minha geração também, dizer que desconhece as históricas lampeônicas. Até porque, naquela época não tínhamos televisão, o rádio pegava muito mal e nós vivíamos de escutar os mais velhos sentados contando histórias e escutávamos muitas histórias de Lampião [...] Mas, **ele, não foi um estudioso do cangaço na sua infância.** A gente escutava por que era da nossa região. A história da nossa gente. (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009) (Os grifos são nossos).

Posteriormente, o vereador Expedito Eliodório, conhecido como Louro Eliodório, objetivando colocar em praça pública estatuetas de Lampião, Maria Bonita e Corisco, confecciona um projeto de Lei e o leva à apreciação de seus pares, de quem consegue aprovação do que veio a ser a Lei Municipal nº 621 de 19 de dezembro de 1986. No texto da referida Lei, o vereador deixa clara a sua intencionalidade de se trazer à lembrança aquilo que, segundo ele, vivenciava o descaso: personagens principais da história de Serra Talhada, dentre eles, Lampião. Veja-se o excerto da referida Lei:

A terra que à nação lançou homens, entre outros, da estirpe dum Agamenon Magalhães e **Virgulino Ferreira da Silva (Lampião)**,

vegeta no limbo da insensibilidade. Pouco ou nada foi realizado a fim de que se arrancasse dos terreiros desolados dos seus filhos o joio da desinformação sobre suas origens; sua casa; sua memória [...] Nem tudo está perdido. Em toda a perdição sempre resta algo para servir de testemunho, de memória ao que se perdeu e ao que sobrou. (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE SERRA TALHADA, 1986). (Grifos nossos).

Percebe-se, quando coloca Agamenon Magalhães e Lampião no mesmo patamar de importância, que o referido vereador, não se sabe se intencionalmente ou não, reforçava, em Serra Talhada, o movimento de glorificação à memória de Lampião.

A partir de então, passa a existir, mediante a ação de grupos específicos, o início da construção de uma nova concepção sobre os valores do cangaço e sobre a personalidade de Lampião em Serra Talhada. Estabelece-se, a partir do início do processo de glorificação dada à memória de Lampião, uma contraposição àquilo que se cristalizara acerca da imagem do cangaceiro, em solo serra-talhadense: a de bandido sanguinário. Ocorre, assim, mediante essa invenção, um deslocamento de imagem envolvendo Lampião (HALL, op. cit.), pois da condição de facínora ascende a de patrimônio cultural municipal. Verifica-se uma transgressão da lei do lugar<sup>59</sup>.

Com a fundação da Casa da Cultura de Serra Talhada, em 1987, segundo Tarcísio Rodrigues, um sonho do TAST, a instituição, à época presidida pelo informante citado, passou a empreender busca por algo que viabilizasse, a Serra Talhada, afluxo turístico. Nesse momento, Lampião é reivindicado para vir a ser o elemento atrativo dos olhares para Serra Talhada. Ocorre o plebiscito de 1991, capitaneado pela Casa da Cultura de Serra Talhada.

**A casa vivia procurando um mote pra vender Serra Talhada turisticamente.** Vivíamos procurando esse mote. Antes nós fizemos a Missa do Poeta, após a morte de Zé Marcolino, que era conselheiro da Casa também. Fizemos três edições ainda, mas descobrimos que a Missa do Poeta não era o mote ideal. Não vendia como nós queríamos. E Serra Talhada é berço de Virgulino Ferreira e a gente, como pesquisadores, a gente sabia que Virgulino era pesquisado no mundo inteiro. **A gente estava ali, vendo o filão, passar despercebido, sem ser utilizado. No mundo inteiro.**

<sup>59</sup> Reportagem feita a Michel de Certeau, em “**A Invenção do Cotidiano: arte de fazer**”, que afirma: “A memória mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do momento oportuno (*Kairós*), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um ‘golpe’ modifica a ordem local” (CERTEAU, 1996, p. 161).

**Principalmente os inimigos de Lampião ganhando dinheiro com Lampião e, Serra Talhada, terra de Lampião, sem usufruir disso.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

No depoimento de Tarcísio Rodrigues encontra-se revelada a intenção única do plebiscito: encontrar uma maneira de chamar a atenção dos de fora para Serra Talhada e, a partir disso, trazer para a cidade o usufruto de renda que tal elemento promotor dessa atenção, no caso, Lampião, promoveria. Veja-se, novamente, partes da fala de Tarcísio Rodrigues:

**Então, o plebiscito, na verdade, foi uma maneira de chamar a atenção e de... Foi um piloto... Uma maneira de experimentar a coisa.** O tiro foi maior do que a gente esperava (risos). **A repercussão foi maior do que a gente esperava e aí sim, Serra Talhada descobriu em definitivo, o principal cartão postal, aliás, não é nem cartão postal, o principal produto turístico da cidade que é Virgulino Ferreira.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Há por parte do informante a preocupação em deixar clara a posição da Casa da Cultura, à época do plebiscito, que era principalmente testar a possibilidade de venda da cidade a partir do atrelamento dela com a figura de Lampião. Tarcísio Rodrigues é enfático neste pormenor:

Em momento nenhum a Casa defendeu que Lampião era herói. Nós sempre defendemos a questão histórica. A figura lendária de Lampião a gente sempre soube que tinha que ser explorada como ponto turístico. (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Um fato significativo nessa empreitada da Casa da Cultura foi a atuação de Domá no processo de campanha pelo sim da população a Lampião. À época somente ator de teatro, Domá foi elemento significativo no processo do plebiscito, pois, havia, por parte dos organizadores, o desejo de vitoriar. A verificação de que a oposição se mostrava renhida, bem como o impedimento ético de abertamente demonstrar esse desejo, fez com que houvesse, por parte dos organizadores, o chamamento de Domá para, extra-oficialmente, em nome do interesse da Casa da Cultura, empreender campanha pelo sim à estátua de Lampião, em Serra Talhada:

**A Casa da Cultura estava promovendo o plebiscito e a verdade era essa: tínhamos interesse em que o plebiscito fosse aprovado.** Mas, como organizadores do plebiscito, a gente não podia fazer campanha. Jamais poderíamos fazer campanha, mas tínhamos interesse. **Então eu, a pessoa física, Tarcísio Rodrigues, não o presidente da Casa da Cultura, convidei Domá pra fazer a campanha em prol de Lampião,** porque contra nós já tínhamos muita gente fazendo, que eram os inimigos de Lampião: Ferraz, Novaes, o pessoal de Floresta que mora aqui em Serra Talhada. Esse pessoal já estava a todo vapor, fazendo campanha contra em rádio e etc. Então, **precisava se fazer uma campanha a favor de Lampião. E eu chamei Domá e pedi pra fazer.** Até por ser uma pessoa de teatro e também porque ele sabia as intenções da Casa. Nossa intenção era criar o produto turístico. Então, esse é o primeiro contato mais direto e mais profundo que Domá tem com o cangaço. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Durante o plebiscito, em decorrência do assédio da imprensa, Tarcísio Rodrigues empreendeu pesquisa bibliográfica acerca da vida de Lampião. Após o término do evento, deu continuidade à busca de informes sobre o, agora produto turístico de Serra Talhada, Lampião. Após juntar material informativo significativo sobre o cangaceiro, Tarcísio desiste de sua pretensão – escrever um livro sobre Lampião – passando as mãos de Domá todo o material que juntara, assim ele nos explicou:

Durante o plebiscito, eu vi a necessidade de estudar Lampião, porque estavam as pessoas me procurando, eu tinha que dar entrevistas... Eu tive que estudar Lampião... Fazer um intensivo (risos). Depois do plebiscito, eu me interessei em fazer pesquisa e caí em campo atrás de materiais. **Nessas idas eu levava Domá. Domá ia comigo.** Cheguei a ter mais de 60 horas de fitas gravadas, VHS e cassete, de depoimentos, de parentes de Lampião, de volantes. Na época eu pretendia escrever um livro [...] Terminei não escrevendo esse livro. Fui embora de Serra Talhada, por problemas pessoais. **E, Domá, um dia vai à minha loja em Recife, pediu o meu material e eu dei. Ele escreveu “O Comandante das Caatingas”<sup>60</sup>.** Apesar de no livro dele sequer cita meu nome, mas a verdade é essa. **E, naquela época ele me disse: Tarcísio, eu não vou mais procurar emprego não. Eu vou ser produtor cultural e viver de pesquisa de Lampião.** Foi o que ele fez e hoje tá muito bem. Parabéns. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

---

<sup>60</sup> Livro escrito por Anildomá Willians de Souza.

A partir de então, começa a caminhada de Domá no processo de invenção da nova tradição sobre Lampião em Serra Talhada. Gradativa e progressivamente, o agora produtor cultural vai desenvolvendo práticas que dão a Lampião lugar de destaque e, por conseguinte, a Serra Talhada, visibilidade nacional e internacional.

### 3.2. A invenção da tradição lampiônica e o papel dos agentes culturais

Após o plebiscito, passados os arroubos midiáticos, não foi possível levar adiante o projeto da estátua de Lampião em decorrência da negativa da maioria dos cidadãos de Serra Talhada, some-se a isso as dificuldades geradas pelo momento econômico vivenciado no país<sup>61</sup>, fato que também se transformou em elemento impedor da consecução do projeto idealizado pela Casa da Cultura; assim nos esclareceu o idealizador do plebiscito, nosso informante Anildomá:

Saiu dois domingos consecutivos no Fantástico. Saiu no Jornal Nacional. Saiu no Jornal da França. Saiu no jornal da Inglaterra. Saiu no jornal da Argentina. A imprensa do Brasil inteiro aqui em Serra Talhada. Foi uma coisa fantástica. **O que aconteceu é que no dia seguinte, ninguém falou mais nada. Morreu tudo. Veio de Plano Collor, de plano disso e daquilo, da confiscação das poupanças, da extinção dos recursos das fundações, principalmente da Fundação Banco do Brasil, que ia ser uma das envolvidas nessa história toda. Mas, morreu. Morreu porque a população não tinha se apoderado da idéia como deveria se apoderar.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

Explicou-nos ainda, o citado informante, que uma outra razão para tal fiasco e para a não apropriação da idéia por parte da população se deveu à inexistência de conhecimento sobre o Cangaço e, principalmente, sobre Lampião. Dessa maneira, o produtor cultural resolveu voltar suas ações para a invenção de eventos que viabilizassem informações acerca das temáticas citadas, buscando oferecer aos cidadãos de Serra Talhada o acesso a esse conhecimento:

Em 1993, nós começamos a pensar diferente [...] **Todo mundo, aqui em Serra Talhada, sabe quem foi Lampião, mas nenhum da**

<sup>61</sup> Era época da vigência do Plano Collor. Findara-se o governo Sarney e ficara, para o governo Collor, uma alta inflação somada a uma enorme dívida externa.

**gente está preparado pra discutir o cangaço e discutir Lampião.** Nós não temos nenhuma bagagem pra gente convencer as pessoas do valor ou não de uma estátua. **Por que nós não vamos começar a discutir a possibilidade de se fazer uma grande biblioteca sobre o cangaço? Por que a gente não faz uma sala de projeção de filmes e documentários sobre o cangaço? Por que a gente não faz um grande museu do cangaço para as pessoas estudar.** Então, depois de ter tudo isso, se achar que deve ter uma estátua bota uma, duas, três, dez estátuas. Bota uma de Lampião, de Maria Bonita, de Zabelê. Aí, entope de estátuas, o tanto de estátuas que se quiser. Mas, vamos primeiro se fundamentar cientificamente, porque o mundo hoje cobra essas informações. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

Para Domá é, pois, imprescindível a existência de informações acerca das temáticas citadas, para que o serra-talhadense possa, com propriedade, falar aos de fora, acerca daquilo que era seu. Principia-se, desse modo, a construção da invenção de uma memória de Lampião, revelando tal constructo as preocupações pessoais de seu idealizador <sup>62</sup>;

Então, **em 1993, nós criamos o Seminário “Sertão, Beatos e Cangaceiros”**. Veio, inclusive, Federico Pernambucano de Melo, veio Paulo Gastão, veio Gutembergue Costa, veio Jovenildo Pinheiro. Vários historiadores compareceram. Esse seminário aconteceu no auditório do colégio Municipal Cônego Torres. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

Os nomes citados denunciam a existência de preocupação com o debate sobre cangaço e, especificamente, sobre Lampião. Pela primeira vez, em Serra Talhada, cientificamente, estabelece-se discussão sobre Lampião.

---

<sup>62</sup> Segundo Michael Pollak, em **“Memória e Identidade Social”**, a memória é um fenômeno construído, sendo isto decorrente do fato de que é organizada em função das preocupações pessoais e políticas do momento. (POLLAK, 1992).

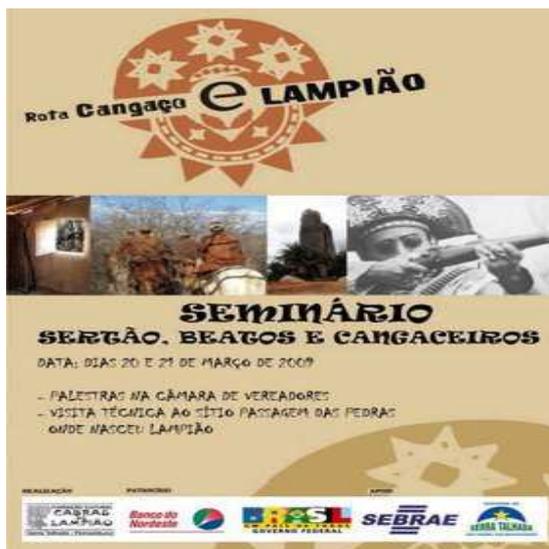


Figura 4: Cartaz Sobre Seminário Sertão, Beatos e Cangaceiros  
 Fonte: <http://cabrasdelampiao.zip.net/index.html>

Em 1994, na gestão do prefeito Augusto César Carvalho, Domá torna-se Diretor de Cultura de Serra Talhada e, dessa maneira, pôde, com mais desenvoltura, dar continuidade ao seu projeto de destinar a Lampião lugar de destaque na cultura serra-talhadense. Concomitante ao exercício de Diretor Municipal de Cultura, Domá começa a empreender um novo projeto: trazer à existência um novo grupo de xaxado: Os Cabras de Lampião<sup>63</sup>:

Em 1994, nós passamos o ano todinho ensaiando, com os dançarinos, o “Grupo de Xaxado Cabras de Lampião”. Em 1992, tem uma matéria de jornal que diz: “está surgindo um grupo de xaxado chamado “Cabras de Lampião”. Então, a gente vinha trabalhando isso há muito tempo. Então, em 20/03/1995, nós estreamos o “Grupo de Xaxado Cabras de Lampião”. (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009).

Crítico das ações de Domá, Tarcísio Rodrigues, todavia lhe dirige elogios no que se refere à criação de um novo grupo de xaxado. Segundo o atual presidente da Casa da Cultura de Serra Talhada, Domá descobriu a maneira de, mesmo existindo o atrelamento inevitável entre a cidade e Lampião, “vender” uma imagem da cidade que não fosse agressiva, apologética do crime, assim ele nos explicou:

<sup>63</sup> Até então, em Serra Talhada, havia somente o Grupo de Xaxado Manoel Martins.

Domá fez uma grande coisa que eu vou aplaudi-lo eternamente... Toda vez que se tentava vender a imagem de Serra Talhada atrelada a Lampião, vinha sempre à apologia ao crime... **E Domá descobriu o filão, descobriu o xaxado. Então, Serra Talhada virou a Capital do Xaxado e se passou a vender o cangaço de uma forma alegre, de uma forma dançante.** Tiraram-se os tiros e entrou a zabumba. Então, nisso, eu tenho que aplaudir ele eternamente. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009)

Ainda segundo nosso informante Tarcísio Rodrigues, o mérito de Domá não reside somente no fato dele ter descoberto a maneira alegre de apresentar o cangaço, mas, principalmente, na resignificação que deu ao modo de dançar o xaxado. Ou seja, para Tarcísio, a maneira como até então se dançava o xaxado – Grupo de Xaxado Manoel Martins – não era algo que chamava a atenção:

E aí vem outra coisa favorável a Domá, **ele teve a visão de chamar um professor de dança e coreografar os passos com passos mais teatrais. Até então, o xaxado Manoel Martins, que era feito pela filha de Manoel Martins, era muito ligado à tradição, a como era dançado o xaxado original... Que não tem graça, a verdade é essa... Pra vender como produto, não.** Então Domá teve essa visão de explorar o lado alegre do cangaço que é o xaxado e, conseguir dar uma conotação teatral ao xaxado. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Ainda na mesma entrevista, Tarcísio Rodrigues contrapõe a sua fala elogiosa emitida a Domá no concernente à divulgação do xaxado, tanto local quanto nacional e internacionalmente. Isto ele o faz ao ser inquirido sobre o fato de ser conferida a Domá a higienização da imagem de Lampião e esta ter sido fato determinante à aceitação do xaxado, em Serra Talhada e de sua divulgação no país e no mundo. Em sua opinião, a ação de Domá em se empenhar a dar ao xaxado uma forma atrativa, não é algo que de se possa dizer ter um fim em si mesmo, mas um meio por que intenciona obtenção de benefício próprio:

[...] vou até dar um passo atrás aqui numa coisa: essa higienização entre aspas que você diz aí... **Na verdade, Domá criou não para dar conotação ao xaxado... O próprio xaxado ele usou pra vender os livros dele.** Essa higienização, essa reformulação da imagem de Lampião foi o filão que ele descobriu pra vender. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Controvérsias, porém, à parte, não se deve esquecer, todavia, que essa invenção de dançar xaxado teatralizado não produziu somente a divulgação do lado artístico do cangaço, mas, proporcionou, enquanto símbolo, a perpetuação da lembrança do seu suposto autor, Lampião. Dessa forma, quando da apresentação da dança, massifica-se a imagem do cangaceiro famoso.

Em Serra Talhada é discurso cristalizado que o xaxado é uma dança de origem cangaceira lampeônica, sendo isso revelado na vestimenta dos dançarinos, nas coreografias empreendidas, bem como nas músicas executadas quando da apresentação da dança. A literatura local sobre o xaxado não se propõe discutir a origem do mesmo, apenas referenda a versão corrente de que se trata de uma criação lampeônica. Veja-se o dito por Domá (2004, p. 128 – 129), em seu livro “Nas Pegadas de Lampião”:

O que é o xaxado? É uma dança de guerra e entretenimento **criada pelos cangaceiros de Lampião, no início dos anos vinte, do século XX, em Vila Bela, atual Serra Talhada**. Ainda na época do cangaço, tornou-se popular em todos os bandos espalhados pelos sertões nordestinos. Era uma dança exclusivamente masculina [...] faziam da arma a dama. Dançavam em fila indiana. O da frente, sempre o chefe do grupo, puxava os versos cantados e o restante do bando respondia em coro, com letras de insultos aos inimigos, lamentando mortes de companheiros ou enaltecendo suas aventuras e façanhas (Grifos nossos).

Diante do que se atesta sobre a origem da dança xaxado, um exame mais detalhado da questão remete à conclusão que não se enfatiza a dança somente enquanto expressão artística, que se destaca por sua plasticidade e pela performance desenvolvida pelos dançarinos. Há uma supervalorização da dança que decorre do fato de supostamente ter sido a mesma uma invenção cangaceira lampeônica. Assim, quem está em destaque é Lampião, não a dança em si.

Desse modo considerado, percebe-se não ser o xaxado algo que possua um fim em si mesmo, mas um meio por que se divulga uma ideologia que, por sua vez, cristaliza uma memória oficial e promotora de uma identidade à cidade de Serra Talhada. Assim, mediante um agir artístico (a dança), transmite-se uma ideologia, um “estoque de verdades” (ALBUQUERQUE Jr, 1999, p. 22), que se revela a partir de uma complexidade semiótica, observada, por exemplo, na indumentária dos dançarinos xaxadeiros (FERREIRA JÚNIOR, 2007<sub>a</sub>). Pode-se concluir haver relação

entre o estético, o corpo, a indumentária e dança com interesses e ideologia (BAKHTIN, 2002.).

Infere-se, por conseguinte, haver, em Serra Talhada, justaposição entre xaxado e Lampião, de forma que o primeiro é via por que se expressa o segundo. Verifique-se o dito por Maria Auricleide de Andrade Bezerra, professora da Rede Pública Estadual:

**Quando a gente lembra do xaxado, a gente lembra de Lampião.** Nem sempre quando a gente lembra de Lampião, a gente lembra do xaxado. Mas, **quando a gente fala de xaxado, aqui, em Serra Talhada, como também aqui, na região do Pajeú, a gente associa...** Então, é uma relação, talvez, intrínseca, entre xaxado e Lampião. Não entre Lampião e o xaxado. Lampião é uma figura. A história do cangaço é uma figura. **Mas, quando se fala de xaxado, se associa a Lampião.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Maria Auricleide de Andrade Bezerra, em 08/01/2009).

Álvaro Severo Pereira Lima, policial civil e fotojornalista, salienta a impossibilidade de dissociação entre xaxado e Lampião, uma vez que, segundo ele, a musicalidade que rege a dança é significativamente caracterizada por composições que, em sua maioria, são do próprio cangaceiro e, por conseguinte, para o informante, xaxado e Lampião são inseparáveis:

**Eu acho que é impossível desassociar a dança do xaxado do cangaceiro Lampião. Até porque as letras que são cantadas, pra ilustrar a musicalidade do xaxado, são muitas derivadas de poemas e de versos do cangaceiro,** que por incrível que possa parecer para algumas pessoas, também era poeta. Apesar de ser um homem simples, que campeava na caatinga, pegando gado, que trabalhou como tropeiro, vendendo mercadorias do estado de Pernambuco para o de Alagoas e Sergipe, no lombo de tropas de mulas, esse homem também tinha talento pra pensar e expressar em versos e em palavras a sua poesia e, por conta disso, é impossível... **Como músicas, como “Mulher Rendeira”, como “A Morte de Cacheado”...** São músicas que nasceram das conversas, dos combates, dos poemas, do imaginário e dos sentimentos do cangaceiro Lampião. **É impossível desassociar.** (Grifos são nossos). (Entrevista realizada com Álvaro Severo Pereira Lima, em 11/01/2009).

Na metade da década de 1990, estréia o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, sendo que isto não ocorreu sem que houvesse certa resistência por parte

da população. Fazia-se referência ao precursor do xaxado em Serra Talhada, Grupo de Xaxado Manoel Martins. Ou seja, reportava-se a uma velha tradição que, naquele instante se mostrava obsoleta em relação à pretensão dos atores sociais envolvidos no processo de venda do produto turístico da cidade, Lampião.

A nova tradição inventada, ainda que se reportasse ao passado histórico, ocupava o espaço da tradição antiga, satisfazendo os interesses de quem a inventara<sup>64</sup>. Veja-se a fala de Domá:

[...] foi quando surgiu o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, em 1994, mas só estreamos em 95, no dia 20 de março de 1995, em praça pública. Houve uma reação muito grande porque as pessoas diziam: “não há necessidade de mais um grupo de xaxado em Serra Talhada, seria bom reestruturar o Grupo de Xaxado Manoel Martins”. **Mas, aí não era o nosso papel, porque o que nós estávamos querendo era pegar o xaxado, o cangaço de Lampião e dar uma conotação social. Porque nós também, ao mesmo tempo, estávamos querendo dizer às pessoas, através de um espetáculo de dança, que o Sertão não tinha mudado, que as mesmas feridas sociais que tinham gerado o cangaço no final do século XIX e início do século XX estavam abertas ainda hoje. Então a gente ia ser somente folclore?** Os coronéis e os fazendeiros, no passado, acabaram como os nossos pais e avós, transformando-os em cangaceiros e mataram todos eles, que culminou com a morte de Lampião em Angicos e aí nós somos folclore? [...] **Então foi pensando em tanto folclore, que a gente não queria mais ser folclore.** O que a gente queria era marcar um espaço diferente com a história dos nossos antepassados. (Grifos nossos) (Entrevista realizada com Anildomá Willians, em 21/10/2008).

Percebe-se na fala do informante a clara intenção de legitimar sua invenção a partir da resignificação da tradição anterior. Ou seja, em um campo determinado (Serra Talhada) e tendo em mãos um capital simbólico (xaxado reinventado) (BOURDIEU, 2005), pretende Domá estabelecer justificativa ao seu invento, quando o anuncia como veículo por que se daria à transmissão de uma contestação da história oficial, da denúncia do continuísmo. Agindo assim, Domá atribui ao Grupo de

<sup>64</sup> Refere-se a Hobsbawm; Ranger (op. cit. p. 12), que atestam haver mais freqüência de surgimento de novas tradições quando: “uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta”

Xaxado Manoel Martins, até então o único existente em Serra Talhada, a mera conceituação de folclórico e, segundo se pode perceber em sua fala, destituído de qualquer politização.



Figura 5: Grupo de Xaxado Cabras de Lampião  
Fonte: <http://www.nacaocultural.pe.gov.br>.

O espetáculo produzido pelo Grupo de Xaxado Cabras de Lampião é, segundo o seu proprietário, o reflexo daquilo que ele, Domá, pensa ser necessário transmitir ao espectador. Para ele, o espetáculo produzido por seu grupo de xaxado é perpassado pela perfeição:

O nosso objetivo era esse. Era de chamar a atenção. Nós pegamos músicas do cangaço, músicas originais do cangaço. Pegamos umas músicas da MPB, **porque montar o espetáculo com toda originalidade, com toda autenticidade**, mas não poderíamos perder de vista a estética artística. Pra poder, ficar bom, ótimo, para o expectador ver, para ele gostar do espetáculo [...] uma indumentária feita a partir das dos cangaceiros. Pegamos uma poesia atribuída a Lampião e intercalamos no espetáculo. [...] treze anos depois, o mesmo espetáculo de 1995, está até hoje, não mudamos nada. Hoje, quem assiste ao espetáculo, tem uma noção da vida de Lampião, tem uma noção da nossa identidade cultural e tem uma noção da mensagem social que nós estamos passando, quando a gente fala da terra, da cidadania, do trabalho, da questão da seca, da miséria, etc. [...] também não perdemos de vista a questão romântica, a questão cordelesca, a questão do imaginário popular, a própria questão do folclore pra puder a mensagem ficar assimilável para o espectador, pois **tem gente que vai assistir pra**

**ver o folclore. Nós não deixamos o cara sair frustrado não. Tem gente que vai assistir pra ver uma mensagem política. Ele também não sai frustrado. Agora, pra ir ver falar somente daquela coisa do imaginário bem distante, daquele folclore do Saci-Pererê e da Mula-sem-Cabeça, aí o cara vai sair decepcionado, porque eu não vou perder tempo fazendo essas gracinhas.** Eu quero falar de coisas que estejam ligadas a nossa vida. (Grifos nossos) (Entrevista realizada com Anildomá Willians, em 21/10/2008).

Verificam-se na declaração de Domá duas convicções, sendo uma perfeitamente revelada – o uso do xaxado como meio por que se questiona o contexto social – e a outra, por sua vez, subentendida nas entrelinhas da sua fala: nenhum outro grupo de xaxado serra-talhadense é portador da mensagem que o seu grupo exterioriza. Desse modo, parece existir preocupação exclusiva por parte do produtor cultural em somente coadunar a tríade: espetáculo, contestação do social e satisfação do espectador. Assim, aparentemente, o xaxado seria um fim previamente buscado e plenamente executado.

Todavia, falas de outros atores sociais, também envolvidos no campo da cultura, dão conta de que o agir de Domá não é perpassado pelo desinteresse como parece sê-lo, mas marcado pela busca de satisfação de demandas, uma delas, talvez a principal, a financeira. Isto se revela claramente na fala de Margarida Maria Silva e Lima, que, embora não cite o nome de Domá, afirma haver monopólio, em Serra Talhada, da memória de Lampião, sendo a finalidade desse agir o benefício próprio. Diz a informante:

Pessoas que estão dentro de alguns grupos, estão financeiramente se tornando muito bem e que querem, assim... Deter a memória de Lampião pra si próprio... Como se fossem donos da figura de Lampião... Que eu acho isso um absurdo... Lampião é uma figura pública... Então, eu acho que o interesse é muito grande, mas, em benefício próprio [...] **Eu pensei que eram até filhos de Lampião... Parecem ser filhos de Lampião...** Eu acho que isso não é bom. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Margarida Maria Silva e Lima, em 13/01/2009).

Reportando-se ao momento em que surgiu o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, Telma Rejane de Sá Duarte, líder do Grupo de Xaxado Manoel Martins, corrobora com o que diz Margarida e depõe em contraposição ao discurso de Domá. Segundo a informante, o surgimento do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião e a

sua emergente visibilidade decorreram do uso ou abuso, em benefício próprio, do cargo de Diretor Municipal de Cultura, exercido pelo seu líder de 1994 a 1996:

Fazer parte de uma diretoria de cultura é simples, mas você ter articulação política e um segmento político que divergencie da visão deles é ruim. Então, acho que nessa época Domá tinha uma visão política igual e isso beneficiava. Então ele, com todo seu poder de articulação... Eu digo isso porque **quem ligava, quem contratava, quando chegava lá dizia: “mas, eu chamei o Grupo Manoel Martins”. “Ele não existe mais, ele dizia”. A gente sabia disso. Quando alguém ligava e dizia “eu quero o grupo de Serra Talhada”, pois até, então, era o Manoel Martins, ele levava o grupo dele... Os Cabras de Lampião iam no nosso lugar...Por ter a máquina na mão, por ser o diretor de cultura, por ter toda essa estratégia...E quando chegava lá, perguntavam: “cadê D. Maria Rita”? “Não, o grupo dela não existe mais”**. Era feito dessa forma. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Não é nosso interesse na presente dissertação trazer à tona as tensões existentes no campo da cultura serra-talhadense. A contraposição citada deveu-se somente à necessidade de ter que se mostrar existir discursos contrários àquele proferido pelo inventor da nova tradição em Serra Talhada, como, por exemplo, o proferido por Maria da Conceição Souza Alves que, ao contrário de Margarida Lima, termina citando o nome de Domá, enquanto monopolizador da imagem de Lampião na cidade. Assim ela nos explica:

**É como se determinadas pessoas, determinadas figuras serraltalhadenses tivessem se apropriado da imagem de Lampião... Assim: Lampião é meu. Só eu falo sobre ele. Só eu produzo sobre ele... A imagem é minha...** Eu acho que isso tem distorcido, tem estragado muito a pesquisa, a pesquisa propriamente dita sobre a figura de Lampião [...] **Quem lidera é Anildomá e sua esposa**, que chegou a escrever livros, peças, que inclusive, em minha adolescência cheguei a participar de algumas e, por isso, eu conheço bem esse lado. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Maria da Conceição Souza Alves, em 16/01/2009).

Verifica-se, ainda falando sobre o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, haver, por parte de seu líder, uma preocupação em disciplinar os membros do grupo nos assuntos Cangaço e Lampião. O objetivo é, de acordo como que se verá na fala

que segue, construir um sentimento de identidade com o grupo<sup>65</sup>. Em suma, ao que tudo indica o que pretende Domá é que os seus dançarinos estejam sobremodo engajados e identificados com ele, no processo iniciado por ele em Serra Talhada: ressignificar a imagem de Lampião<sup>66</sup>. Assim explica Domá, referindo-se àquele ou àquela que dança xaxado em seu grupo:

**Duas vezes por ano nós fazemos o provão do cangaço, que é uma prova com 50 questões, porque o cara só dança se ele responder, no mínimo, 70% da prova.** O pessoal recebe apostila em cordel e uma apostila própria que nós temos, chamada “Guia Cultural dos Cabras de Lampião” [...] então, o dançarino, ele precisa, antes de mais nada, saber o que é que ele está fazendo [...] **Pelo menos umas três ou quatro vezes, por ano, o pessoal assiste filme e documentários sobre Lampião e o Cangaço [...] nós queremos um pessoal que enxergue um palmo do nariz [...]** Você faz parte de um grupo de dança [...] em que registra a história, em que registra e fortalece a identidade cultural e fora do palco você não saber dizer nada, tenha paciência. **O cara só dançar numa ilustração cênica, nós não queremos [...] Porque o dançarino ele passa a ser um defensor de unhas e dentes do grupo que está participando. Então, ele começa a arranjar notícias. Ele começa a arranjar projetos. Ele começa a dar idéias.** Porque vai despertar um amor muito grande pelo que está fazendo. E isso não é coisa pertinente a grupo não. Qualquer pessoa quando conhece a história da sua empresa, da sua escola, da sua cidade, do seu bairro, ele passa a desenvolver um sentimento mais estreito. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 21/10/2008).

Após a apresentação primeira do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, Domá procede ao registro em cartório do mesmo. Todavia, orientado por seu contador, registra como Fundação Cultural Cabras de Lampião, passando, dessa maneira, o Grupo de Xaxado cabras de Lampião a pertencer à instituição registrada.

Segundo Domá, o registro foi ocasional. Ou seja, não havia qualquer pretensão de vir a existir uma instituição promotora de eventos. Todavia, segundo o produtor cultural, verificou-se resistência feita ao seu trabalho, refletida na existência de boicote, por parte da direção de cultura municipal seguinte à sua gestão, em relação a oportunidades cedidas ao seu grupo de xaxado. Parece que se refletia, de

<sup>65</sup> Sentimento de identidade no sentido da “imagem de si, para si e para os outros [...] para ser percebido da maneira como quer ser percebida pelos outros”. (POLLAK, op. cit. p. 204).

<sup>66</sup> “Identidade pode ser entendida como um conceito que explica certos dados da realidade, mas que não é uma entidade dotada de existência própria, ainda que se constitua num referencial para a percepção do social e do indivíduo. Por isso mesmo, enquanto conceito ordenador e classificador, é passível de utilização ideológica-manipuladora, propagandística, além de ter um forte conteúdo simbólico” (GUILLEN, 2006, p. 177).

maneira institucionalizada, a resistência popular empreendida à nova tradição inventada por Domá;

Aí, veja só, a gente até dizia, prá gente aparecer com o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião é preciso a gente criar os nossos próprios eventos, porque os eventos que eles tinham na cidade a gente não tinha como aparecer. Não botavam a gente em “Festa de Setembro”. Não botavam a gente em “São João”. **Não botavam a gente em programação nenhuma.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 21/10/2008).

A constatação da inexistência de espaço para a apresentação do grupo de xaxado foi elemento determinante para que a referida fundação passasse a funcionar como elemento promotor de eventos, onde, a estrela principal era o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião e, conseqüentemente, Lampião, uma vez que, como já se disse anteriormente, prevalece o fato de ter sido o xaxado sua criação;

**Então, a gente começou a fazer os nossos próprios eventos.** Mas, ao mesmo tempo, começamos a procurar os grandes festivais de danças pelo Nordeste e pelo Brasil, prá gente tentar participar. Comecei a futucar a FUNDART, que é a fundação de cultura do Estado, buscar essas leis de incentivo à cultura, que são muito precárias, elas são somente para apadrinhados. Mas, a gente estava ali dentro brigando. Começamos a... Sim, nos filiamos a uma federação de teatro de Pernambuco, a ARTEPE, Associação dos Realizadores de Teatro de Pernambuco. Então, nós estávamos filiados a uma associação de teatro, já que o nosso espetáculo era de dança xaxado, mas era uma mistura de teatro e dança. Então, nós nos filiamos a uma entidade de representação teatral e também a uma de dança, o FIOF, o Conselho Internacional das Organizações dos Festivais do Folclore. Então, nós descobrimos que havia essa entidade e mandamos nossa papelada pra lá e nos inscrevemos. Então, nós começamos a receber informações dos grandes eventos que aconteciam no Brasil e fora do Brasil. **Então, é aquela história de sair procurando pontinhas de icebergs, pra você cavar espaço.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 21/10/2008).

Ciente de que o seu espaço somente seria construído por seus próprios esforços, Domá empreendeu a invenção de eventos alusivos ao Cangaço e, conseqüentemente, a Lampião, bem como outros eventos que, se não tinham ligação direta com Lampião, ofereciam oportunidade para que o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião se apresentasse e, por conseguinte, Lampião fosse lembrado.

Assim, Domá empreende continuidade ao “Tributo a Virgulino”, invenção sua enquanto diretor de cultura municipal:

Aí veja só, quando foi em julho de..., nós já realizamos um Tributo a Virgulino, a festa de Lampião. Aí, nós percebemos que nós poderíamos fazer muito mais do que somente dançar pela cidade. Foi quando começou surgir a idéia de se montar um museu. Foi quando começamos a produzir eventos: “A Mostra de Teatro” e o “Tributo a Virgulino”. Realizamos outro evento chamado “No Terreiro da Fazenda”, que é encontro de cantadores, bandas de pífanos, **feito lá na fazenda onde nasceu Lampião**. Então, nós começamos a produzir eventos. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 21/10/2008).

Percebe-se, nessa invenção de eventos, a utilização, por parte de Domá, de um lugar de memória de Lampião, o Sítio Passagem das Pedras. Não se sabe se intencionalmente o fez, mas, ao fazê-lo, o produtor cultural está lançando mão de algo que viabiliza a identificação, a unificação e o reconhecimento de pertencimento.<sup>67</sup> Importa dizer que desde 1994, quando foi criado o “Tributo a Virgulino”, a “Celebração do Cangaço” é realizada no local onde nasceu Lampião.



Figura 6: Celebração do Cangaço (Ecumênica) no Sítio Passagem das Pedras  
Fonte: <http://cabrasdelampiao.zip.net/index.html>

<sup>67</sup> Refere-se a NORA (op. cit. p. 18): “Porque a coerção da memória pesa definitivamente sobre o indivíduo e somente sobre o indivíduo, como sua relativização possível repousa sobre sua relação pessoal com seu próprio passado. A atomização de uma memória geral em memória privada dá, à lei da lembrança, um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente”

Verifica-se nas ações de Domá a intencionalidade no que concerne à construção de condições materiais favoráveis à consecução do seu principal interesse que é monopolizar as ações, em Serra Talhada, concernentes às coisas do cangaço lampeônico<sup>68</sup>.

Quando diretor de cultura, Domá, segundo informes de outros atores culturais, dentre eles, Telma Rejane de Sá Duarte, atual Diretora de Cultura Municipal e líder do Grupo de Xaxado Manoel Martins, fez uso do cargo para usufruto de benefícios próprios. Na opinião da informante, a atitude de Domá se constituiu “roubo” do direito que, segundo ela, os demais grupos de xaxado existentes em Serra Talhada tinham. Atesta a informante que o desenvolvido hoje, em sua gestão, é o que deveria ter sido desenvolvido na gestão de Domá. Afirma ela:

**Fomos roubados mesmo... O grupo que chegou, Cabras de Lampião, tinha todo poder de articulação política e nós não tínhamos nada.** Então, o que tinha mesmo era de correr atrás, de lutar... **Roubar é isso, né, é você ter o seu direito de escolha... O direito de escolha das pessoas enganado, usurpado, na verdade.** Porque hoje eu trabalho no município como representante... Eu não me acho diretora de cultura, mas representante do segmento cultural. E eu tenho na minha consciência que eu tenho seis grupos dentro de Serra Talhada e, enquanto diretora, eu não sou Manoel Martins. Eu sou um todo. E, **as pessoas que vão lá contratar, elas têm essa consciência de escolha. Elas precisam saber que outros grupos existem e que eles têm esse direito de escolha. Não tem que ser determinado porque eu estou no poder e posso persuadir as pessoas.** E foi isso que aconteceu com o Manoel Martins. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Na continuidade de seu depoimento, Telma Rejane estabelece crítica ao comportamento vivenciado pela Fundação Cabras de Lampião nos dias atuais. Segundo ela, o Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, pertencente à instituição citada, goza de fama e de prestígio nacional e internacional e, conseqüentemente, não depende, como os demais grupos de xaxado locais, da ação da diretoria de cultura municipal para participar de eventos.

---

<sup>68</sup> Condições materiais favoráveis é referência ao dito por Karl Marx, em “**O 18 Brumário de Luís Bonaparte e Cartas a Kugelman**” (1997, p.13):” Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aqueles com que se defrontam, diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado”.

Todavia, atesta a diretora, não existe qualquer que seja a intenção, por parte de Domá, em viabilizar espaço para nenhum outro grupo, senão o seu. Veja-se o dito por Telma, quando comenta acerca da ótica de como vêem o xaxado, os grupos Cabras de Lampião, liderado por Domá e Manoel Martins, por ela liderado:

Eu acho que os dois têm a mesma visão, só segmentos diferentes, formas de atuar diferentes [...] **Só que um, que poderia ser bem maior do que já é, por que ele tem espaço garantido aqui e fora e poderia estar levando os companheiros também para dentro dessa história, né, e não faz, que é os Cabras de Lampião. Os Cabras de Lampião, ele tem um conhecimento enorme, respeitado lá fora, conquistou esse espaço com muita luta e, eles poderiam ter uma abertura desse processo de divulgação e levar também os grupos que existem, que fazem história, sem medo de perder espaço. Não fazem. O espaço é deles [...] Existe essa monopolização. Eles não têm uma política direcionada pro município, em nível de grupos. O Manoel Martins não. A gente tem um grande sonho que é abrir a Casa do Xaxado. Essa Casa do Xaxado vai levar o nome Manoel Martins, por ser o pioneiro. Mas ela vai acolher os grupos que precisam dessa identificação e dessa divulgação. Que as pessoas vejam Serra Talhada como o slogan diz: A Capital do Xaxado e não como do Grupo Cabras de Lampião. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).**

A acusação do uso da máquina municipal em benefício próprio, feita a Domá por Telma, é ressignificada pelo acusado. Para Domá, a sua gestão como diretor de cultura municipal foi proveitosa para a cidade e, para ele, foi elemento promotor de alargamento de relações que já mantinha com os órgãos culturais estaduais:

Porque no período em que eu fui Diretor de Cultura, como eu era militante no movimento de cultura do estado, então, eu já tinha uma certa relação com várias pessoas de várias partes do estado. **Como Diretor de Cultura, peguei carona nessa relação que eu tinha com as pessoas para fazer uma gestão boa e creio que fizemos e ampliamos a relação que a gente já tinha. Portanto, quando terminamos o mandato, em 1996, eu tinha uma relação de amizades ampliada.** Resultado da função que eu exerci. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2009)

Desse modo, bem relacionado com os órgãos estaduais que coordenam a cultura pernambucana, Domá mantém a Fundação Cultural Cabras de Lampião sempre no foco da mídia, principalmente a jornalística e televisiva. Igualmente

empreende ação junto a empresas que viabilizam patrocínio de eventos culturais. Assim, as ações glorificadoras da memória lampeônica não se restringem a Serra Talhada, mas têm, como palco, outras cidades pernambucanas, entres elas, Recife:

Nós tivemos agora aprovado pelo FUNCULTURA, que é o fundo de cultura do governo do estado, o **“Encontro Nordestino de Xaxado”**, o **“Tributo a Virgulino”**, **“A Mostra de Teatro de Serra Talhada”**, que vai ser uma grande mostra de teatro nordestino em Serra Talhada, que os prêmios vão ser: Prêmio Lampião, para melhor ator; Prêmio Maria Bonita, para melhor atriz; Prêmio Cangaceiros, para melhor espetáculo; Prêmio Zabelê e tal... **A premiação vai ser toda referendando o cangaço**. E o outro projeto... **“No Rastro de Lampião, Pernambuco Dançando Xaxado”**. Este projeto vai começar já agora em Novembro, no dia 28, se não me engano... Vamos começar por Cabrobó e **vamos percorrer várias cidades do estado de Pernambuco, cidades que foram invadidas ou atacadas por Lampião, levando espetáculo, palestras, levando um pacote de cultura de Serra Talhada pra várias cidades e vamos terminar nos dias 15 e 16, no Recife**, na Casa da Cultura, que era a antiga Casa de Detenção, onde esteve preso Antônio Silvino, o cangaceiro Zabelê e outros cangaceiros. (Grifos nossos). (entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 21/10/2008).

Também se percebe a ingerência de Domá no que se refere à contribuição para a construção de símbolos alusivos à memória de Lampião em Serra Talhada. Para tal, o produtor cultural vale-se da intermediação de políticos pertencentes ao seu círculo de amizades.

Desse modo, em 1998, pela Lei Municipal nº 950/98, a Rua 24 do Bairro Tancredo Neves, rua em que mora Domá, passa a se chamar Rua Virgulino Ferreira da Silva. Anterior à aprovação da Lei citada, como se poderia esperar, houve contestação à idéia, todavia, à época, Domá se expressava: “Mais uma vez estamos diante da vontade popular que deseja homenagear um dos personagens mais importantes da nossa história”<sup>69</sup>. A determinação de Domá no constructo desse símbolo lampeônico é vista em registro feito em jornal de circulação estadual, como se pode verificar abaixo:

O presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião, entidade que apóia a idéia dos moradores da Rua 24, Anildomá Souza, não acredita, o entanto, em problemas para que a proposta seja

<sup>69</sup> Giovanni Sá. **Projeto pretende rebatizar rua com nome de Lampião**. In: **Jornal do Comércio**. Recife, 21 de junho de 1998.

concretizada [...] Enquanto as divergências se anunciam, o presidente da Fundação Cabras de Lampião, entidade que reúne acervo sobre a história do cangaceiro em um pequeno museu, não perdeu tempo. Já tratou de encomendar a placa da rua, doada por um jornal da região.<sup>70</sup> (JORNAL DO COMÉRCIO, 1998).

É também de autoria de Domá a justificativa que consta na Lei Ordinária Nº 1089/2005, que denomina Virgulino Ferreira da Silva a rodovia PE – 390, que compreende o trecho do entroncamento com a BR 232, no Município de Serra Talhada até a Rodovia PE – 360, no município de Floresta. O texto, que oficialmente aparece como sendo de autoria do Deputado Estadual Nelson Pereira foi encomendado a Domá pelo próprio parlamentar, quando lhe foi solicitado, pelo produtor cultural serra-talhadense, a construção de mais um símbolo lampeônico na cidade. Veja-se excerto do texto:

[...] a rodovia PE – 390 foi, no passado, bastante utilizada por almocreves, tropeiros, retirantes, romeiros [...] e também por cangaceiros quando estavam em perseguição ou sendo perseguidos pelas volantes que partiam da vila de Nazaré. Assim, atribuir a denominação Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, àquela rodovia estadual, é prestar uma contribuição grandiosa ao patrimônio cultural e histórico, ao povo brasileiro, em especial à cultura do povo sertanejo. É reconhecer, sobretudo, a grande contribuição dada por Lampião ao surgimento de novas formas de manifestações culturais populares. Dessa forma, suas façanhas influenciaram a dança, a música, a poesia regional, o cinema, a culinária, bem como despertou no homem da região a idéia de que não deve se acovardar diante do seu opressor, seja qual for à circunstância<sup>71</sup>.

Nos dias atuais, o Museu do Cangaço de Serra Talhada funciona em um galpão, localizado na antiga estação ferroviária da cidade, que foi cedido à Fundação Cabras de Lampião, pelo Executivo Municipal, conforme se verifica na fotografia abaixo:

---

<sup>70</sup> (*Idem*)

<sup>71</sup> Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Recife, 07 de outubro de 2005.



Figura 7: Museu do Cangaço em Serra Talhada (sede atual)  
Fonte: José Ferreira Júnior 20/08/2009.

Todavia, esse lugar de memória lampeônica não é algo que se possa dizer recente. Pelo contrário, há quase três décadas, sob os cuidados de Domá, existe tal lugar. Mesmo não contando com apoio das gestões, o produtor cultural perseverou em acumular acervo significativo sobre Lampião. Veja-se o que é dito por ele:

**Desde o início dos anos 1980 que três salas da minha casa eram um museu, eram decoradas com coisas do cangaço. Então, eu sempre quis doar o acervo que eu tinha a um museu em Serra Talhada. As gestões foram quem nunca se interessaram. Até que nós alugamos a Casa Paroquial e instalamos o nosso acervo que chamamos de “Museu do Cangaço”. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 14/04/2008).**

Além de possuir mostruário no espaço urbano, Domá mantém outro pequeno acervo no Sítio Passagem das Pedras, existente na réplica da casa que pertenceu à avó de Lampião, Dona Jacosa e onde nasceu o cangaceiro.



Figura 8: Réplica da casa onde Nasceu Lampião  
 Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com>

A casa, que foi reconstruída por Domá – a original foi derrubada no início do século passado, quando a propriedade foi vendida – comporta um pequeno acervo composto por fotografias do bando de Lampião e de Lampião, bem como móveis antigos. Também, na sala da frente da casa, podem ser vistos o santuário com as imagens do padre Cícero Romão Batista e de Nossa Senhora das Dores, de quem Lampião era afilhado e devoto<sup>72</sup>. Além disso, na parede há quadros de santos diversos, elementos denunciadores do traço marcante da religiosidade sertaneja que perpassaram o cotidiano do cangaceiro (Ver figura 9).

<sup>72</sup> Há uma tradição sertaneja, na época da infância de Virgulino muito evidente, que se realizava quando do batismo de uma criança: além dos padrinhos escolhidos, a partir do quesito consideração, também era comum os pais da criança escolher o/a santo (a) de sua devoção e confiar-lhe o apadrinhamento/amadrinhamento do seu filho. No referente à prática de devoção presente em Lampião, veja-se o dito pelo autor: “Era regra rígida no bando, o testemunho é dado por ex-cangaceiros (as), alguns ainda vivos, o rezar cotidiano, mais principalmente antes do amanhecer do dia. A petição, quando desses rezares, era pluralizada. Todavia, havia um pedir comum: *fechamento de corpo e pontaria certa*. Além do praticismo coletivo, havia todo um misticismo particularizado, por exemplo, o uso de rosários no pescoço, o trazer consigo de patuás contendo rezas consideradas fortes (que na concepção do seu possuidor lhe facultaria o permanecer vivo), o evitar determinadas práticas (com o objetivo da manutenção do corpo fechado), etc. (FERREIRA JR, 2004, p. 24).



Figura9: Sala da réplica da casa onde nasceu Lampião  
Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com>

A partir do ano de 2001, Domá, através da Fundação cultural Cabras de Lampião, adquiri, por contrato de comodato de dez anos, o direito de administrar o “Sítio Passagem das Pedras” e, a partir de então, começa a explorar os lugares de memória lampeônica que tal localidade contém. O contrato feito com o proprietário do imóvel rural, o empresário carioca Carlos Eduardo Gomes, prevê renovação e, em caso de venda, preferência pela Fundação que o administra.

Percebe-se, na ação de Domá, a garantia da exclusividade, em Serra Talhada, da exploração da memória de Lampião. Isto se verifica quando, encimado na lei, torna de cunho particular o que se poderia explorar pelo poder público Municipal ou Estadual. Ademais, com este agir, Domá elimina também qualquer possibilidade de existência de concorrência privada, em Serra Talhada, no que concerne à exploração da memória lampeônica usando-se, para tal, os lugares de memória que existem na espacialidade citada.

Desse modo, verifica-se como, gradativa e progressivamente, em Serra Talhada, constrói-se, em um espaço de tempo de pouco mais de duas décadas, uma memória lampeônica glorificada que decorre de uma ação protagonizada por um ator social determinado. Ou seja, é possível se perceber que a imagem lampeônica heroicizada, a identidade facultada pelo cangaceiro ao território serratalhadense, mediante nomenclatura proveniente de uma dança que se atribui uma criação sua, são efeitos na verdade, de uma tradição inventada, construída pelo agente cultural Domá.

Verifica-se neste capítulo como se definiu o constructo social da invenção da memória de Lampião em Serra Talhada, tomando-se como base a necessidade que havia em se ter um produto cultural que vendesse a cidade. Desse modo, somam-se, no processo de a Lampião promover uma nova imagem e, conseqüentemente, uma nova memória, as ações institucionalizada e particular.

A primeira se verifica quando, promovido pela Casa da Cultura de Serra Talhada, ocorre o plebiscito, em 1991, quando a população é conclamada a decidir sobre a construção de uma estátua para o cangaceiro. A segunda, por sua vez, revela-se no agir do produtor cultural Domá que, após o plebiscito, define-se por, conforme seus próprios depoimentos, dar a Lampião uma nova imagem.

No capítulo seguinte, último dessa dissertação, analisaremos como a memória lampeônica inventada em Serra Talhada é usada culturalmente. Ou seja, buscaremos mostrar os proveitos sócio-político-econômicos que a memória de Lampião, a partir da ressignificação recebida, promove existir à cidade de Serra Talhada.

## IV – OS USOS DA MEMÓRIA LAMPIÔNICA PARA A CULTURA LOCAL

A ação de inventar é algo que se reveste de sentido, uma vez que o invento somente surge a partir da existência de uma demanda a ser satisfeita. Não se deve pensar, por isso, na existência de um ato de inventar aleatório, pois, quem inventa algo, age sempre em função de sua motivação e da consciência de agir em relação a outros (WEBER, 2004).

Em Serra Talhada, sabe-se ser a memória lampeônica algo inventado; a ação de inventar, todavia, social e portadora de sentido que é, gera efeitos sobre a realidade em que ocorre, e tais efeitos, por sua vez, escapam ao controle e à previsão daquele que pensa controlá-la.

Assim, a intencionalidade imediata de Domá, - “ser produtor cultural e viver de pesquisa de Lampião”, revelada em entrevista por Tarcísio Rodrigues (entrevista realizada em 14/08/2009) extrapolou, em nosso entender, o campo do interesse individual para passar a atender a uma demanda coletiva.

Percebe-se, dessa forma, que em Serra Talhada, a invenção de uma nova tradição sobre Lampião, atende à satisfação diversificada. Ou seja, conforme se mostrará adiante, a memória de Lampião traz, ao espaço serra-talhadense, benesses tanto econômicas, quanto sociais.

### 4.1. A memória lampeônica e a satisfação da demanda econômica

Em tempos de Internet, a divulgação de notícias se torna possível portando consigo dois elementos imprescindíveis à sua cristalização: rapidez e detalhes acerca do que se anuncia. Dessa forma, valendo-se disso, Serra Talhada se mostra ao mundo e o conclama vislumbrá-la, naquilo que evidencia, enquanto produto turístico: Lampião. Verifique-se o exposto na rede mundial de computadores:

Para quem gosta de viver fortes emoções nada melhor do que seguir as **Pegadas de Lampião, roteiro turístico de Serra Talhada oferecido pela Fundação Cabras de Lampião**. As trilhas riscam glebas de caatinga que fazem parte das fazendas outrora pertencentes às arquiinimigas famílias Ferreira e Saturnino. O roteiro inclui apresentação dos fatos históricos, caminhadas e almoço com a comida típica regional oferecida debaixo dos umbuzeiros e juazeiros,

árvores típicas do semi-árido. O trecho de Serra Talhada até o Sítio Passagem das Pedras tem a distância de 45 quilômetros. **A segurança do grupo é garantida pela presença ostensiva dos Cabras de Lampião.** Na casa onde Lampião nasceu, transformada em museu, estão expostos, além de fotos, instrumentos, objetos utilitários, as armas e as roupas pertencentes aos cangaceiros. (Grifos nossos).<sup>73</sup>

Esta iniciativa, mesmo promovendo fluxo turístico, é alvo de significativas críticas dos que enxergam o turismo pelo prisma profissional. Para tais pessoas, a ânsia de faturamento por parte da instituição promotora desse turismo tem protagonizado ações reprováveis, turisticamente falando e, conseqüentemente, exposto negativamente o produto turístico da cidade, Lampião. Verifique-se o dito por Tarcísio Rodrigues, quando expõe a ausência de capacitação presente na Fundação Cultural Cabras de Lampião, no que concerne à exploração turística da imagem do cangaceiro.

Nós temos aqui, por exemplo, o lugar onde Lampião nasceu, que a Fundação Cabras de Lampião está cuidando, mas, **tem vários erros, gravíssimos. Já vieram pessoas conversar comigo e eu digo que não tem nada a ver com a Casa da Cultura. A casa onde Lampião nasceu, aleatoriamente, o pessoal da Fundação lá, reformou com esses tijolos de bloco.** Quer dizer... Tem que ter um trabalho de reconstituição. Isso, o turista vai uma vez e ele espalha. Olha, a propaganda negativa se espalha muito mais rápido que a positiva. Você vai lá e fica no meio do mato. Não tem nada. Tem que ter um trabalho de estruturação, **tem que cuidar, pra saber vender a imagem. Lampião tem muito a dar a Serra Talhada e Serra Talhada tem muito a dar a Lampião.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Todavia, a partir de setembro de 2006, o Ministério do Turismo autorizou a criação e a estruturação da Rota do Cangaço e Lampião. Este projeto é resultado da parceria entre a Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) com o SEBRAE e as Secretarias de Turismo das cidades que participam da Rota, entre elas, Serra Talhada<sup>74</sup>.

O afluxo de turistas a Serra Talhada, interessados em conhecer lugares que se atrelam à vida de Virgulino Ferreira da Silva e, posteriormente, a de Lampião, tem

<sup>73</sup> In: [www.turismosertanejo.com.br/index.php](http://www.turismosertanejo.com.br/index.php) . Acesso em 13/08/2009.

<sup>74</sup> São as seguintes as cidades que participam da Rota do cangaço e Lampião: Serra Talhada, Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde, São José do Egito e São José do Belmonte.

sido significativo, ainda que na opinião de Tarcísio Rodrigues, em decorrência de dificuldades estruturais e naturais, ainda se mostre tímido.

O movimento turístico da cidade começou a ganhar força de três anos para cá, quando o governo do estado está se inserindo na coisa. Isto é fato: nenhum movimento turístico você consolida ele em menos de trinta anos. **Em Serra Talhada nós estamos a 430 km de distância da capital, do aeroporto mais próximo. Nós não temos infra-estrutura. Por exemplo, vamos visitar a fazenda onde nasceu Lampião, o Sítio Passagem das Pedras que é administrado pela Fundação Cabras de Lampião... Você não tem onde tomar um copo d'água.** Nós vendemos o turismo cultural, ecológico e de aventura... **Agora ta bom, ta tudo verdinho, ta chovendo... Vai na seca pra ver.** Não é fácil vender o produto. Nós temos uma figura que povoa o imaginário popular, que fascina, mas que não é fácil de vender, pelas intempéries da região. Não é fácil de vender. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Todavia, reconhece o informante, fazendo-o com a propriedade de quem tem informações concretas – preside a Casa da Cultura, órgão mantenedor da Casa do Artesão de Serra Talhada – que esse turismo, mesmo que engatinhando, é elemento promotor de ganhos significativos ao município, uma vez que traz geração de renda a várias pessoas que trabalham com artesanato voltado exclusivamente para Lampião.

Segundo Tarcísio Rodrigues, um elemento de grande importância ao aquecimento dessas vendas é a estrutura hoteleira de Triunfo, cidade vizinha a Serra Talhada. Par ele, o clima triunfense atrai o turista e este, por sua vez, desce a serra e, em Serra Talhada, deixa parte do seu dinheiro, consumindo principalmente produtos atrelados ao cangaço lampeônico.

A Casa da Cultura mantém a Casa do Artesão [...] então, é fácil a gente medir algumas coisas. Tem os períodos... Coisa típica do turismo... Nós temos o período de alta e de baixa. Temos um faturamento X no período de baixa e isso se multiplica por 3 ou 4x no período de alta. **Por exemplo, nesse período de Julho e até a primeira quinzena de agosto, há um pique de vendas<sup>75</sup>.** As vendas nossas são em cima de peças de Lampião e do Sertão. **E Lampião é disparado o campeão de vendas.** A instalação do SESC em Triunfo foi benéfica para Serra Talhada. **O que se vende aos hóspedes do SESC não está no gíbi. O pessoal desce**

<sup>75</sup> Período que corresponde à vivência do Circuito do Frio, programa turístico do governo de Pernambuco, ao qual pertence a cidade serrana de Triunfo.

**todinho para comprar artesanato aqui. Comprar Lampião. Foi ótimo pra vender Lampião.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

A comprovação de que Lampião gera renda é vista quando se pormenoriza o dito pelo informante. Ou seja, quando se esmiúça em números, percebe-se que o cangaceiro, a partir da ressignificação de imagem que lhe foi dada em Serra Talhada, é elemento promotor de benefícios significativos a determinado segmento da população: à que se dedica ao artesanato específico do cangaço lampeônico.

**Nós temos 110 artesãos cadastrados. Destes, 50 a 60 trabalham voltados para o cangaço.** Eu teria condições de te dar números exatos... No global, **80% das peças de artesanato vendidas, contando a loja da Casa da Cultura e da Casa do Artesão, sem medo de errar, no mínimo 80%, são de peças ligadas a Lampião e ao cangaço. 80% sem dúvida.** Isto no bisqui, na pedra, na madeira, no mosaico. A rentabilidade... Você tem que ver que é muita gente. Depende muito da qualidade e de preço. Mas, **nós temos artesãos fazendo mais de um salário mínimo por mês. E é preciso lembrar que as peças mais vendidas são as mais baratas, são peças de R\$ 0,80, R\$ 1,50, R\$ 2,50...** Não são peças caras. Então, se você for ver isso, a quantidade de peças... São muitas peças. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Serra Talhada, no que concerne à economia, não destoa das demais cidades do Pajeú. Ou seja, a agropecuária e o comércio são os dois elementos concentradores de empregos, o que leva a entender que há uma oferta significativamente menor que a procura.

Dessa forma, excluindo-se a possibilidade de emprego viabilizada pela contratação temporária feita pela Prefeitura, inexistente opção de renda, senão aquela que provém da informalidade.

Nesse universo de dificuldades, artesãos têm conseguido, com a venda de peças, a preços módicos, como se mostrou na fala acima, expressivo faturamento, levando-se em conta a realidade local. Veja-se o faturamento de uma artesã local, segundo informações de Tarcísio Rodrigues:

Hoje mesmo [14/08/2009], eu paguei a uma artesã e não está nem com quinze dias que ela pegou essa mesma quantia... A mesma artesã, que é Elielza, eu paguei quase R\$ 300,00 de peçazinhas e não faz quinze dias que ela pegou esse mesmo valor. **Essa**

**trabalha... É com bisqui que ela trabalha... Trabalha única e exclusivamente com Lampião.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Também se detecta o uso da invenção da memória lampeônica no que diz respeito à produção de literatura local que aborda a temática cangaço e Lampião. Há duas vertentes por que se explora essa memória. Uma que o glorifica, que é a que prevalece em Serra Talhada e, outra, que o vilipendia, proveniente de escritores ex-volantes e ou parentes destes <sup>76</sup>.

A literatura livresca existente em Serra Talhada tem em Domá seu autor único e, por conseguinte, serve como elemento divulgador da memória glorificada de Lampião. Romanceada, essa literatura é caracterizada por portar em si relatos alusivos ao cangaço lampeônico, provenientes de testemunhas vivas ou de parentes delas.

Não se percebe rigor metodológico, nem tampouco, epistemológico na confecção de tais escritos, sendo alguns, meras repetições de falas do próprio autor, ocorridas em outras publicações. Todavia, Domá refere-se a si mesmo como sendo expoente literário em Pernambuco, no referente à literatura em discussão, afirma ele:

Tenho quatro livros publicados sobre Lampião, Por duas vezes eu tive o meu livro sendo o segundo colocado em vendas no estado de Pernambuco, em abril de 2001, parece, 2002, eu só perdi para Ariano Suassuna, por dois meses consecutivos. (Entrevista realizada com Anildomá Willians de Souza, em 21/10/2008).

Já para o outro produtor cultural de Serra Talhada e atual presidente da Casa da Cultura, e forte opositor de Domá, Tarcísio Rodrigues, a literatura produzida por seu algoz não possui respeitabilidade e, por conseguinte, não é algo a que se possa atribuir confiança no que diz respeito à narrativa. Afirma Tarcísio:

Domá se tornou um escritor folclórico... No meio acadêmico, Domá é folclórico. Com todo respeito a meu caro amigo, mas ele não é levado a sério como historiador, até porque ele não é historiador, ele é pesquisador [...] Ele se autodenomina historiador, mas ele é um

---

<sup>76</sup> Aqui se reporta à literatura produzida por ex-volantes, moradores de Vila de Nazaré, que dista cerca de 50 km de Serra Talhada e pertence ao município de Floresta. Pelo menos duas obras podem ser citadas: "**Lampião**: Memórias de um Soldado de Volante", de João Gomes de Lira (2007) e "**David Jurubeba**: um herói nazareno", de José Malta de Sá Neto (2004).

pesquisador. Vamos dizer que ele fosse historiador... se ele fosse historiador... Ele deturpou... Ele deturpou a história, a imagem, pra vender o livro dele. Ele escreve romanceado... Fica gostoso de ler... Só que aí ele começou a dar conotações de cunho guerrilheiro, social à figura de Lampião. Isto eu discordo. Então, ele repaginou Lampião. Conseguiu atrair a atenção de muitos jovens para ler Lampião, só que estão lendo da maneira errada. Se esses jovens lerem livros mais concretos, mais reais, tudo bem. Senão, vão ficar com imagem deturpada. (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 14/08/2009).

Na literatura de cordel, produzida localmente, onde o imaginário e o simbólico são constitutivos do real<sup>77</sup>, também se verifica a glorificação dada a Lampião, sendo isto acompanhado de ressentimento por não lhe ser dado, em sua cidade natal, o que lhe é dado fora dela: o reconhecimento de sua importância. Tal ressentimento pode ser lido em parte de texto de cordel, de autoria do poeta Feitosa do Calumbi<sup>78</sup>:

Serra Talhada famosa  
De Virgulino Ferreira  
O famoso Lampião  
Bom no rifle e na peixeira  
Aquele cabra da peste  
**Fez justiça no Nordeste**  
Com a sua cabroeira

**Se vê na televisão  
Lampião ser exaltado  
Em todos os continentes  
Seu nome sempre é lembrado  
Todos admiram ele  
Somente no lugar dele  
Ele é um vulto apagado**

Ao governador do Estado  
Deputado e ao Prefeito  
**Pedimos a sua estátua  
Que foi homem de respeito  
Que vai atrair turistas**  
E em nome dos artistas  
Vou ver se o pedido é feito  
(Grifos nossos)

Outra maneira, que também se insere no uso dessa memória lampeônica inventada, diz respeito à gastronomia local. A carne caprina é sobretudo consumida na região e tem-se notícia que era elemento presente na culinária cangaceira. Dessa

<sup>77</sup> Reporta-se a GUILLEN (op. cit. p. 169): “O que é essencial a se preservar da literatura de cordel é que o imaginário e o simbólico também são aí constitutivos do real, por isso pode o poeta povoar com os temas tradicionais do cordel o cotidiano”.

<sup>78</sup> “**Serra Talhada Cantada em Versos**” (1994).

maneira, atualmente existe, nos arredores de Serra Talhada, mais especificamente na Fazenda Barreiros, de propriedade do policial civil e fotojornalista, Álvaro Severo, uma atividade turística, centrada na figura de Lampião.

Ali, através da culinária, procura-se passar informações acerca do modo de vida dos cangaceiros. É o preparo do “bode no buraco” que, quando verificado mais atentamente, parece portar em si um ritual. Ou seja, enquanto o bode é preparado para ser enterrado, vaqueiros locais entoam aboios que falam sobre a vida do sertanejo.



Figura 10 Consumo do bode no buraco na Fazenda Barreiros  
Fonte: [www.peconhecepe.com.br](http://www.peconhecepe.com.br)

Essa prática, atribuída a Lampião, ocorria, segundo se **conta** no local, porque, na maioria das vezes, não era possível a feitura normal de fogo para o cozimento da carne. A impossibilidade do acender do fogo decorria do cuidado para não denunciar a localização do grupo aos policiais volantes. Acerca da prática, veja-se o dito por Álvaro Severo, a um periódico eletrônico pernambucano <sup>79</sup>:

Nós envolvemos toda a carne com o bucho e em seguida colocamos uma bolsa térmica em volta. Depois disso, utilizamos a pele do animal para cobrir tudo e colocamos dentro de um buraco, enchendo o resto com brasas para cozinhar o bode. Depois de doze horas, os vaqueiros cantam novamente os aboios enquanto a carne é retirada e servida.

<sup>79</sup> In: [www.peconhecepe.com.br](http://www.peconhecepe.com.br). Acesso em 23/08/2009.

Também se percebe a evocação da memória lampeônica inventada em Serra Talhada no que se refere à nomenclatura de pousadas e restaurantes. O símbolo identificatório do cangaço lampeônico – o chapéu de couro dobrado, na frente e atrás, com a presença de estrelas – é usado como elemento de atração para o estabelecimento. Em outras ocasiões, os nomes das personagens mais marcantes do grupo são evocados: Lampião e Maria Bonita.

Desse modo, não são poucos os estabelecimentos onde a simbologia cangaceira lampeônica se faz presente e, conseqüentemente, denuncia a glorificação recebida pelo cangaceiro serra-talhadense em sua cidade natal. Vejam-se algumas fotografias de tais locais.



Figura 11: Restaurante O Matuto  
Fonte: José Ferreira Júnior



Figura 12: Pousada Lampião  
Fonte: José Ferreira Júnior.



Figura 13: Pousada Maria Bonita  
Fonte: José Ferreira Júnior.



Figura 14: Farró do Matuto  
Fonte: José ferreira Júnior.

#### 4.2. A Memória lampiônica e o seu uso no processo de inclusão social de crianças e adolescentes em Serra Talhada

Já foi dito neste trabalho que o xaxado e Lampião mostram-se, em Serra Talhada, interligados, de maneira que o primeiro é um meio por que se divulga a memória do segundo.

Todavia, não somente a tal propósito se prestam os grupos de xaxado da cidade. Ou seja, o papel exercido por esses grupos vai além de serem veículos divulgadores do nome de Lampião e de viabilizarem ao território serra-talhadense nomenclatura identitária.

Os grupos de xaxado, em Serra Talhada, também promovem outro tipo de ação: trazem para as suas fileiras crianças e adolescentes pertencentes à camada desfavorecida da população e, dessa forma, oferecem oportunidade a esses atores sociais de virem a experimentar uma situação de vida melhor.

Acerca das ações dos dois principais grupos de xaxado de Serra Talhada – Cabras de Lampião e Manoel Martins –, no que se refere ao oferecimento de oportunidade aos marginalizados socialmente, explica Camilo Melo:

Eu acho que é um meio de inserção cultural que esses grupos oferecem e que é de grande importância. Acho lindo o trabalho dessas pessoas. **Tanto o trabalho de Domá como o trabalho de Telma. Eles criam dentro daquelas comunidades pobres e, de repente, se aquele jovem ia procurar uma coisa ruim pra fazer, ia se meter em encrenca... Eles estão lá dentro do seu grupo, interagindo socialmente com pessoas que tenham a mesma visão artística e vão dançar, viajar... Vão aprender... Normalmente, quando se está nesse tipo de coisa, a pessoa não quer ficar abaixo do que os outros estão... Então, eles procuram saber das coisas... Há muita conversa... Eu acho isso muito importante.** É o que acontece, por exemplo, no Pelourinho... O grupo Olodum... E outros movimentos similares, atrelados à música ou à capoeira... Como tem outros movimentos na Zona da Mata, como caboclinho... **É arretado**<sup>80</sup>. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Camilo Melo, em 20/01/2009)

Corroborando com Camilo, Erinaldo Amorim, coordenador do Conselho Tutelar de Serra Talhada, entende que além de louvável, a atuação dos dois

---

<sup>80</sup> Arretado é uma expressão presente no vocabulário nordestino, que significa bacana, legal, excelente.

principais grupos de xaxado serra-talhadenses é algo que decorre da identificação que os seus líderes têm com as comunidades periféricas e, também, pela condição estrutural desfrutada por esse segmento da população. Para o conselheiro tutelar, a ociosidade vivenciada pela grande maioria dos que vivem nos bairros pobres da cidade é algo que viabiliza a aquiescência de tais pessoas ao convite feito para virem a participar de um grupo cultural. Somado a isto, na opinião do informante, poder ser um dos componentes de um desses grupos e, conseqüentemente, representar uma história real, que povoa significativamente o imaginário popular, é algo atraente. Assim, acrescenta o informante Erinaldo:

Eu vejo como uma ação dessas entidades – Manoel Martins e Cabras de Lampião – que tem inserção nessas comunidades periféricas. Por essa razão, se resgata... Até porque nós sabemos que a população de baixa renda e desempregada estão muito mais acessíveis para participar de algum evento de alguma coisa... É nesse sentido que as pessoas da periferia e dos bairros carentes participam mais. Também tem outro fator: a ociosidade dos adolescentes e jovens. Aí o xaxado se torna um instrumento de inclusão social... A criança que nunca participou, quando vai fazer uma apresentação de xaxado, ela se sente gente e se autovaloriza. (Entrevista realizada com Erinaldo Amorim da Silva, em 23/01/2009).

Ademais, segundo Erinaldo, à adesão segue, quase que inevitavelmente, a identificação com Lampião no que concerne à resistência empreendida contra a exclusão proveniente da desigualdade imposta pelo sistema. Para o conselheiro tutelar, uma vez que ingressa em uma escola de xaxado, o periférico, mediante o que lhe é passado instrucionalmente, define-se como alguém que, **como ocorreu com Lampião**, sofre a discriminação e alijamento social e, por conseguinte, **sente-se estimulado a resistir como o fez o cangaceiro**. Não se podendo pegar em armas, dança-se xaxado e, desse modo, mostra-se à identificação com o conterrâneo famoso:

**Nas escolas de xaxado, Lampião é mostrado como sendo aquele que resistiu, que lutou, que venceu e que ficou na história... Então, isso vai refletir na autovalorização do indivíduo que vai dizer para si mesmo que dançar xaxado é bom e, por isso, vai participar.** A partir do momento em que há uma formação. Porque a questão não se resume a apenas dançar... **Há uma conscientização do que foi a história e, quando entra a história...** Isso são elementos que vão despertar e todo exercício daquilo que a gente quer aperfeiçoar, também nos torna mais conscientes, mais aptos a

defender e até se assemelhar à luta. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Erinaldo Amorim da Silva, em 23/01/2009).

Os negritos nas expressões “como ocorreu com Lampião” e “sente-se estimulado a resistir como o fez o cangaceiro”, bem como os existentes no excerto acima, foram colocados para que se atente à ideologia que perpassa a história repassada aos educandos nas escolas de xaxado. Ou seja, concomitante à tentativa de resgate social que empreendem, os líderes dos grupos fortalecem o séquito de seguidores da invenção da memória lampeônica em Serra Talhada. É a educação cumprindo seu papel ideológico.<sup>81</sup>

Porém, a ação de tais grupos não se constituem somente em alvos de louvação por parte de atores sociais serra-talhadense. Há quem, em Serra Talhada, ainda que não deixe de reconhecer a existência de atenção dada às crianças e aos jovens periféricos pelos grupos de xaxado, critique com veemência a atitude de tais líderes de grupo. Lucila Cavalcanti Lima é um desses atores que afirmam existir intencionalidade outra por parte dos líderes de grupo de xaxado, quando empreendem inserção social de crianças, adolescentes e jovens periféricos, a partir da inserção desses em seus grupos de xaxado, afirma ela:

O povo da periferia quer saber de estar dançando, que está bem vestido e que vai pra Alemanha dançar xaxado. Um grupo desses, de meninos pobres, ir para a Alemanha... **Não se quer saber se os donos dos xaxados estão ganhando dinheiro em cima deles ou não...** Eles querem é ir, pra quando chegar aqui, dizer: eu fui à Alemanha. Sendo, coitados, que vão para um abrigo, ensaiam e apresentam... Depois voltam... Não conhecem nada... Mas, foram à Alemanha. Convencer o nosso povo pobre é muito fácil... Para que é ruim, para que é bom, é difícil. (Grifo nosso). (Entrevista realizada com Lucila Cavalcanti de Lima, em 23/01/2009).

Todavia, mesmo existindo desconfiança no que diz respeito à intencionalidade dos produtores culturais serra-talhadenses, estes são possuidores de discurso que procuram legitimar seus agires. Ou seja, atestam serem suas ações veículos através dos quais se dá a inserção social de crianças e adolescentes que, grosso modo, não desfrutam de possibilidades reais de exercício de cidadania.

---

<sup>81</sup> Refere-se a Paulo Freire, em “**Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**” (1996). Ali o pedagogo pernambucano afirma ser a educação ideológica e, dessa maneira, elemento amaciador de inquietudes.

A contradição que existe entre a nomenclatura identitária de Serra Talhada e o que se verifica no cotidiano serra-talhadense se constitui elemento significativo para a cristalização do discurso de inserção social, proveniente dos produtores culturais locais. Ou seja, embora chamada Capital do Xaxado, em Serra Talhada não se observa normalidade da prática da dança. Não se observa pessoas das classes média e alta interessadas no aprendizado do xaxado. Assim, a prática efetiva da dança, enquanto elemento cultural, não se verifica em outra camada da população, senão naquela que se caracteriza como sendo pobre. Isto se verifica na opinião de Tarcísio Rodrigues:

O pessoal que foi fazer o xaxado, todos são oriundos do teatro e eles não encontram gente... Não adianta eles abrirem inscrições para um grupo de teatro e de xaxado e esperar que as filhas dos doutores, dos comerciantes venham participar, que não dá. Na periferia, eles encontram esse pessoal disposto a se doar. É difícil você explicar o porquê. **Há um preconceito da população mais abastada com a cultura popular, essa é que é a verdade. O nome já tá dizendo: popular. A cultura popular se dissemina muito mais na classe mais pobre, certo?** Eu acho que quem terminou ganhando nessa história é a classe mais pobre, porque acaba terminando se deparando com um acervo histórico bem grande na frente deles, pra eles pesquisarem, pra eles se desenvolverem... Isso é bom, mas **eu vejo com tristeza, muito triste em não ver o pessoal mais abastado envolvido. Eles apenas, na euforia de uma apresentação de xaxado, quando o grupo para e o trio fica tocando, aí eles sobem no palco, eles dançam no chão, o xaxado. Mas, participar, não participa.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Tarcísio Rodrigues, em 05/01/2009).

Esse suposto desinteresse pelos produtos da cultura popular por parte da classe abastada serra-talhadense é perfeitamente justificado por Domá, líder do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, que estabelece crítica contundente a esse segmento social. Na opinião do produtor cultural, a rejeição, por exemplo, ao xaxado, pelos mais bem favorecidos se deve ao contingente significativo de trabalhadores assalariados que participam e consomem os programas promovidos pela fundação.

Assim, de acordo com Domá, o xaxado é, para a classe média e alta uma espécie de mal necessário, uma vez que, ainda que traga à memória algo reputado como nocivo – a figura de Lampião –, a dança é elemento viabilizador de benesses. Ou seja, não há, da parte dos que compõem tais classes, incentivo para que seus

filhos participem de uma escola de xaxado. Todavia, os lucros advindos da divulgação cultural e turística da cidade, que ocorre através da dança, são bem-vindos, uma vez que significativa parte desses lucros vão parar nos “seus bolsos”, acrescenta Domá:

Deixe eu dizer uma coisa: **a sociedade de Serra Talhada, a classe A, engole o xaxado, atravessado na garganta. Porque o xaxado é feito pelo povo, pelas pessoas dos bairros.** Os grupos de xaxado estão nos bairros. **Se nós tivéssemos um rapaz ou uma moça da classe A dançando em algum grupo de xaxado, as autoridades da cidade iam dar mais respaldo, iam dar apoio a esses grupos ou ao grupo que tivesse essa pessoa.** Então o pessoal engole, porque nós fazemos o que eles não fazem. Nós fazemos a projeção cultural de Serra Talhada, a projeção turística de Serra Talhada. O que eles não fazem. **Eles têm hotel, eles têm restaurantes, têm tudo no mundo, mas eles não fazem. Eles não dão essa coloração, essa alma à cidade.** Isso tá nos bairros. Todos os grupos eles estão nos bairros. Na cidade [centro] não tem nenhum. Não que eu queira criar um distanciamento entre as pessoas. De forma alguma. Mas, eu tô falando de uma realidade. As pessoas que estão nos bairros são que fazem. **Se a gente tivesse gente rica, gente da classe A fazendo, a história seria outra.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians, em 21/10/2008).

Ciente dessa realidade, Domá volta seu foco para a periferia. Em projeto financiado pelo Ministério da Cultura, a fundação que preside, através dos “Pontos de Cultura Artes do cangaço”, em Serra Talhada, atende a 127 adolescentes, com aulas de xaxado, ensino de artesanato em pedra e ensino de informática básica. O alunado é oriundo dos bairros serra-talhadenses identificados por Domá como sendo os mais pobres e da zona rural:

O núcleo da Cohab, aqui no bairro da Cohab, fica ao lado do núcleo do Mutirão. **Eu acho que Cohab e Mutirão são as maiores favelas de Serra Talhada.** Não como aquelas favelas que tem no Recife, de palafitas, tudo... Mas, são os bairros de pessoas mais humildes da cidade. E, na **Fazenda São Miguel.** São três núcleos, onde acontecem as aulas. E o do **Alto da Conceição,** que é ali ao lado da Igreja de Nossa Sr<sup>a</sup> da Conceição, porque lá é onde o pessoal tem aula de digitação, de informática, artesanato, é lá. Então, nós trabalhamos com esses quatro núcleos. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians, em 21/10/2008).

O acesso ao programa oferecido pela Fundação de Domá é condicionado à estada na escola. Ou seja, nenhuma outra exigência se faz ao desejoso do ingresso

nos cursos oferecidos pela instituição citada, senão a matrícula em estabelecimento escolar e a frequência regular das aulas.

De acordo com Domá, concomitante ao acompanhamento da evolução do aluno nos cursos oferecidos, há o acompanhamento da sua vida escolar. Não existe, segundo ele, inexistência de coadunação de horários. Prioriza-se a educação secular, explica ele:

O cabra tem que estudar. Não existe, não existe outro caminho, a não ser estudar. Hoje, se fosse para o cabra ser cangaceiro ele tinha que estudar. O cabra tem que estudar. Então, **o critério nosso é estar estudando**. Nós fazemos de tudo pra pessoa não ser reprovada e, **a gente tem o acompanhamento na escola desses alunos**. Ele está estudando. **Ele vai ter aula de xaxado, de dança, artesanato, informática, mas, no horário que é folgado da escola**. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians, em 21/10/2008).

Ao tempo em que lembra ser mérito do seu trabalho e de outros, que são envolvidos no movimento cultural, a visibilidade que Serra Talhada possui nos dias atuais, Domá emite uma crítica voraz à elite mandatária serra-talhadense. Em sua fala, procura desconstruir o discurso que atrela Lampião à violência que perpassou, durante muito tempo, enquanto característica da sua cidade:

Serra Talhada não se tornou uma cidade... Nunca foi uma cidade violenta por causa de Lampião. **Nunca foi Lampião que andou mandando soltar preso, ligando pro delegado e pedindo pra soltar o preso porque é eleitor da pessoa. Lampião nunca fez essa ligação prá ninguém. Não foi Lampião que foi passar a mão na cabeça de gente que tava dirigindo sem carteira, dirigindo bêbado, atropelando, vendendo maconha, vendendo arma. Lampião nunca andou fazendo isso por aqui**. Os tempos eram outros. A mentalidade era outra. Hoje a realidade é outra. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Anildomá Willians, em 21/10/2008).

Para Domá, a resistência das classes mais favorecidas em relação ao trabalho de inclusão social que desenvolve via xaxado e, conseqüentemente, via Lampião, decorre da inexistência de consciência do que seja cultura e da importância que a cultura tem para um povo. Para o produtor cultural, tais pessoas são vítimas de ignorância e desconhecem isto, embora o revelem no seu agir, uma

vez que, ainda segundo ele, em entrevista concedida em 14/04/2009: “Quem acha ser loucura investir em cultura é porque não sabe o preço da ignorância”.

De modo semelhante ao de Domá pensa Telma Rejane, atual diretora municipal de cultura e líder do Grupo de Xaxado Manoel Martins. A produtora cultural confere ao xaxado a condição de elemento viabilizador de inclusão social e, em reforço à sua afirmação, usa como exemplo ela própria, uma vez que foi, segundo ela, através desse grupo que, ainda adolescente, conseguiu encontrar-se consigo mesma:

Aos meus doze anos, na década de oitenta, eu era uma pessoa extremamente tímida e, encontrei uma identificação de expressão pra que eu pudesse me familiarizar com as pessoas. Eu não tinha facilidade de comunicação, por ser muito protegida, ser filha única e era muito cercada por minha mãe e, o meu pai, encontrou uma forma de me liberar emocionalmente desse vínculo, pra uma proteção futura. Ele achou no xaxado uma prevenção pra que eu pudesse começar a erguer minha personalidade em cima daquela convivência social que aquele grupo iria me dar. (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008)

Dessa maneira, Telma atesta empreender o uso do xaxado como elemento promotor de inclusão social levando em conta que o benefício que se lhe chegou, ainda criança, é possível de chegar a ser vivenciado por outras crianças nos dias atuais. A produtora cultural parece se identificar com o público-alvo da sua ação, quando afirma:

A minha relação, além do resgate cultural e social é muito forte. Porque todos os meus dançarinos vêm do programa... Vem do PETI, vêm de vários bairros e eles têm uma carência imensa do que eu tive, apesar de eu não ter tido dificuldade financeira, mas eu tive uma carência emocional, de que as pessoas me acolhessem, me entendessem. (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Também existe por parte da produtora cultural um trabalho de conscientização do valor que perpassa o ser dançarino do grupo que lidera. Assim, Telma emite discurso estimulando a auto-estima dos seus dançarinos, tenta fazê-los entender que o papel que desempenham em uma apresentação de xaxado não se restringe à mera apresentação em si, mas é algo sobretudo importante, que

transcende a realidade vivenciada por eles/elas. Inculca-lhes a certeza de que significativamente existem, não sendo apenas dançarinos-cangaceiros e ou meramente membros de um grupo de xaxado<sup>82</sup>, mas veículos por que se conta uma história.

E essas pessoas elas se encontram... Eu sempre digo a eles: gente, quando você sai para uma festa e você se arruma... Você veste uma roupa bonita, bota uma maquiagem... Mas quando você chega lá, tá todo mundo em comum. Você tá disputando com uma série de pessoas e você é igual. Já pra que você seja olhado... É tanta gente que, às vezes, as pessoas nem te percebem. **Já em relação à dança, do cangaço e da história, não. Quando você se veste de cangaceira, vai fazer a história cultural, você é única. Todos os olhares são pra vocês. Então, vocês existem, vocês são percebidos.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Na busca da inserção social de crianças e adolescentes, Telma defende que tal ação, além de promover acesso à vivência de cidadania, também seja elemento promotor de identidade, de sentimento de pertencimento, daqueles periféricos com a cultura do seu lugar<sup>83</sup>. Nesse pormenor, a líder do Grupo de Xaxado Manoel Martins estabelece crítica ao Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, quando afirma que tal grupo enxerga o xaxado somente pela ótica mercadológica, desprezando a necessária, segundo ela, formação de identidade cultural naqueles que poderão ser, caso exista tal identificação, os continuadores da história do xaxado, enquanto via por que se mantém viva a memória lampeônica;

A Fundação Cabras de Lampião tem uma ótica mais... Eu não digo profissional, porque todos são... Quando se diz profissional, todos nós somos e independe da parte financeira. **Mas ela tem como produto de mercado a dança. Nós, Manoel Martins e os outros grupos, que estamos na história, buscamos esse processo de identidade mesmo, identidade cultural, de preservação dessa história.** Apesar, lógico, de nós precisarmos de subsídios para se

<sup>82</sup> Reporta-se à discussão filosófica entre ser e existir, que traz à baila Arcângelo Buzzi, em “**Filosofia: a existência humana no mundo**”. Para o teórico: “O ser humano tem em comum com os demais seres o fato de que ele simplesmente é. A planta é, o animal é, a pedra é. Nós também somos. Portanto, bastaria ser efetivamente para existir! O ser humano distancia-se assim dos demais seres costurados ao determinismo da natureza. Essa facticidade, essa fome de nossas entranhas, que nos lança para sonhos e projetos de vida, dá origem ao fenômeno humano que chamamos de existência. É nessa palavra existência que compreendemos maximamente nosso ser e nos alongamos na compreensão dos demais”. (BUZZI, 1996, p. 31).

<sup>83</sup> Lugar como porção do espaço com a qual se mantém afetividade, como o quer Milton Santos em, “**Metamorfose do Espaço Habitado**”. (1988).

manter, porque tem roupa... Mas, isso é o de menos. Têm as roupas, as indumentárias, os músicos, mas isso é o de menos. **A prioridade é exatamente essa identidade cultural que nós temos, que é de nossa responsabilidade, para que, nos próximos anos, isso não morra e que as pessoas não vejam isso apenas como mercadoria, não perca essa essência do que realmente se tem, em Serra Talhada...** Não se perca essa essência, **porque nós não temos um produto de mercado, mas um produto cultural.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Segundo Telma, ainda que louvável seja a inserção social através da dança do xaxado ocorrida em Serra Talhada, necessário se faz a existência de uma política que se volte especificamente para esse fim. De acordo com a diretora de cultura, não há certeza de continuidade do trabalho que executa, uma vez que a política vivenciada em sua gestão não é resultado de lei municipal ou de projeto de cunho Estadual ou Federal, como ocorre com o vivenciado pela Fundação Cabras de Lampião, mas um agir que decorre de um mover-se voluntário de sua parte em acordo com a Secretaria do Bem-Estar Social.

Ressente-se, assim, a citada informante, da inexistência de tranqüilidade para a desenvoltura de um trabalho contínuo, com um perfil definido. Enfim, reivindica ela que haja, independente da gestão municipal, a existência de programas sociais efetivos, que garantam, além da inserção social do periférico, a sua identificação com a sua cultura, nesses termos, nos explica:

**É exatamente por isso que a gente quer a casa do xaxado, porque nessa casa a gente vai poder ter autonomia própria.** A gente também não pode correr o risco de uma política... A gente assume o PETI hoje, se a gente estiver no governo, assume... Mas, se agente não estiver, os nossos arte-educadores vão sair e vão entrar outros. Então, a gente não quer mais correr esse risco de política partidária, **a gente quer a nossa política cultural** e, nosso meio é esse: é através dos programas sociais. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Também se ressentem Telma de, por não haver uma política cultural definida, inexistir, na grande maioria das vezes, condições de manutenção daqueles alunos que mais se destacam e que poderiam vir a ser elementos multiplicadores do processo de ensino. A necessidade da obtenção de sustento próprio e ou de ajudar

à família, diante da constatação da inexistência de ocupação remunerada, faz com que jovens dançarinos promissores deixem o grupo de xaxado. Afirma ela:

**Meus meninos são pré-adolescentes e adolescentes. São oriundos dos bairros carentes, como Mutirão, Bom Jesus, Malhada, IPSEP. Nós temos da COHAB. Eles vêm de todos os bairros.** Eles são extremamente carentes de uma política direcionada, porque, apesar dos programas ajudar, ainda falta à inserção do trabalho e, muitas vezes, essa falta de apoio faz com que esses meninos saiam cedo para trabalhar e deixem a dança, pela necessidade financeira.[...] Eu tenho uma... Infelizmente ela foi embora... **Eu tenho uma dançarina que era excelente e ela tinha tudo para ser minha sucessora, mas ela não tinha trabalho e ela teve que ir embora para São Paulo.** Para você ter idéia, ainda hoje eu levo lá... É fogão de carvão. Quando a mãe não tem carvão, tem lenha. E eles cozinham de carvão porque... Eu até sugeri: eu te dou o fogão. Mas, ela disse: eu não vou ter condição de manter o bujão. Então, é nessas circunstâncias que a gente tem o Manoel Martins. (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Telma Rejane de Sá Duarte, em 17/10/2008).

Defende ainda Telma Rejane que, em seu grupo de xaxado, vislumbra-se a condição de, àqueles e àquelas perpassados pelo determinismo social de ter nascido na periferia e não desfrutar de oportunidade, chegar à oportunidade do usufruto de cidadania.

#### **4.3. A Memória lampiônica e o seu uso no processo de reinserção social de idosos serra-talhadenses.**

O envelhecimento da população de um lugar é um fenômeno social incontestável. Segundo informes, a cada ano mais de 650 mil idosos são incorporados à população brasileira<sup>84</sup>. Paralelo ao crescimento desta população, que a cada dia adquire maior visibilidade, surgem várias questões relacionadas a esse segmento populacional.

---

<sup>84</sup> **A Longevidade da População:** desafios e conquistas (VERAS, 2003).

Por contra disso, a população idosa, a cada dia, vem adquirindo consciência política, mobilizando-se no intuito de exigir mais atenção em torno dos seus direitos adquiridos, inclusive sobre o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade<sup>85</sup>.

Todavia, a “velhice”, na concepção de muitos, ainda é considerada sinônimo de incapacidade física e mental, sendo, desta forma, tida como econômica e socialmente improdutivo e, conseqüentemente, um estorvo para a família.

Tal visão acerca da “velhice” é elemento impulsionador de ações vilipendiadoras, por parte dos mais jovens, familiares ou não, em relação ao idoso. Em Serra Talhada não ocorre diferente. Veja-se o dito por Maria Marluce Simões, professora aposentada e membro do Conselho Municipal do Idoso:

Quando sabemos de uma situação dessa, idosos apanhando, sendo tomado seu dinheiro da aposentadoria, parentes ou pessoas cuidadores gastando sem que seja com eles... Isto, aqui, é comum. No Conselho, recebemos essas queixas quase que diariamente e constatamos que são verdadeiras. (Entrevista realizada com Maria Marluce Simões, em 25/10/2008)

Embora existam casos constantes de desrespeito a idosos em Serra Talhada, desde 1998 existe um grupo denominado “Folhas Outonais”, composto por pessoas que se situam na chamada terceira idade – faixa etária superior a sessenta anos –, liderado por nossa informante Telma Rejane. Este grupo promove a reinserção social de idosos, trazendo-os do isolamento vivenciado em suas próprias casas e promovendo-lhes intensa atividade que, quando observado, constata-se uma renovação em suas práticas cotidianas e ocupacionais, como afirma outra informante, Marluce Simões:

Nós temos pessoas enfartadas, com oitenta e tantos anos, já pegando noventa, que depois disso ficou uma pessoa inutilizada e hoje, faz parte do grupo, faz parte das danças e vive completamente diferente do que viveu. Nós temos duas pessoas que tentaram suicídio e depois, com essa tomada de posição, com a ajuda de Deus, em primeiro lugar, e dos companheiros, essas pessoas saíram da depressão e hoje, comungam da mesma alegria dos demais e vivem até... Por incrível que pareça, diminuíram o número de remédios que tomavam anteriormente. (Entrevista realizada com Maria Marluce Simões, em 25/10/2008)

---

<sup>85</sup> BRASIL. **Estatuto do Idoso**, 2003.

Uma das atividades promovidas pelo Grupo “Folhas Outonais” é o xaxado. De acordo com a informante, essa atividade lhes chegou mediante o implante de um projeto proveniente do Rio Grande do Norte. Os dançarinos de xaxado teriam tido instruções da coreógrafa do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, Cleonice Maria, e, posteriormente, teriam desenvolvido os seus próprios passos, mediante observações feitas nas apresentações de grupos de xaxado locais:

O xaxado nasceu de um projeto de um pessoal do Rio Grande do Norte, se não me engano. E quem indicou o Folhas Outonais foi Cleonice, esposa de Anildomá. Ela trabalhou com a gente durante alguns meses [...] E nós continuamos. Somos dezesseis e agora, no momento, quatorze, porque uma foi pra São Paulo e a outra pessoa está doente. Então, nós somos quatorze. E há apenas um homem no grupo, seu Rufino [...] ele se sente feliz. É um enfartado. Nós costumamos dizer, quando nos apresentamos, que muito longe de nós a idéia, ou pensamento, ou a pretensão de termos um xaxado igual ao dos Cabras de Lampião, igual ao do Manoel Martins, porque eles são trabalhados por jovens, ágeis, ligeiros, fortes. Nós não pensamos nisto. **Nós erramos, nós reiniciamos. Mas aí não é somente um xaxado. É o xaxado da superação.** (Grifos nossos). (Entrevista realizada com Maria Marluce Simões, em 25/10/2008).

Percebe-se, como afirma a informante, a superação sendo a mola impulsionadora da ação desses idosos. Na verdade, o que ocorre com os membros do Grupo de Xaxado “Folhas Outonais” é o experimento de renovação, de melhora na qualidade de vida e, principalmente a identificação com alguém que conhece o seu universo existencial porque o vivencia igualmente. Quando da apresentação de xaxado, elemento de divulgação da memória lampeônica, não há qualquer preocupação por parte dos dançarinos em estabelecer acerto nos passos que já se tornaram célebres numa apresentação dessa dança. Afirma Marluce Simões:

A primeira instrução foi nos dada por Cleonice. Foi ela quem escolheu, para esse projeto. E hoje nós inovamos. Vendo os outros, a gente adapta a cada um, porque ninguém pode fazer o que eles fazem e aí a gente escolhe as músicas... Salete puxa, pois ela é quem grita, e todos nós acompanhamos, felizes da vida, porque estamos ali, mostrando que temos força, que temos força pra viver. Queremos oportunidade para mostramos o xaxado do Folhas Outonais. (Entrevista realizada com Maria Marluce Simões, em 25/10/2008).

Desse modo, utilizando-se de um símbolo alusivo à memória lampeônica inventada em Serra Talhada, a líder do grupo citado presta significativo serviço à sociedade, uma vez que, mediante a atividade, insere novamente o idoso no convívio social e, principalmente, estimula-o a exigir o cumprimento de direitos que lhes são garantidos por lei, como, por exemplo, direito à prática do lazer e do ir e vir. Atesta Marluce Simões:

Nós mantemos intercâmbio com outros grupos, como por exemplo, RENASCER de Afogados de Ingazeira. Nós vamos nos apresentar [...] Somos pessoas que já viveram, já trabalharam, já deram o melhor de si, mas não morreram. Continuam vivas, atuantes, querendo ajudar, com a sua experiência, a juventude e, querendo ajudar os próprios idosos... Somos gente e precisamos viver. Que ajudamos a família ajudamos, mas não somos escravos de netos, nem de filhos, nem de nada. A gente ajuda a criá-los. Mas nós não vamos encerrar os últimos dias cuidando de netos, quando os pais jovens, que têm a responsabilidade, vão farrear e vão se divertir e deixam o idoso com eles. Nada disso. A gente ajuda, mas com esse intuito: de ter a nossa liberdade, de agente continuar sendo o que somos. (Entrevista realizada com Maria Marluce Simões, em 25/10/2008).

Para Marluce Simões, o sofrimento do idoso se avoluma quando ele experimenta o isolamento e, por conseguinte, ao agrupar-se com outros iguais, etária, física e experiencialmente falando, recobra o desejo de viver, uma vez que novamente se sente útil. Quando inquirida sobre a real missão do Grupo de Xaxado “Folhas Outonais”, ela explica:

A gente mostra, a todas as pessoas que têm idosos em casa e aos próprios idosos, que têm medo ou que têm vergonha... Que venham, agrupem-se e sintam a diferença de um idoso isolado para um idoso agrupado. E ele vai se sentir outro, porque lá o problema de um é o problema de todos. A dor de um é a dor de todos... E juntamos as dores e jogamos fora. (Entrevista realizada com Maria Marluce Simões, em 25/10/2008).

Percebe-se no trabalho realizado pela informante, também sexagenária, a ênfase dada à auto-estima dos idosos, à promoção dos mesmos a uma situação de atores sociais ativos que, em circunstâncias diferentes das já experimentadas anteriormente, quando da juventude, podem vir a desfrutar de vida com qualidade, desconstruindo, assim, o discurso estigmatizante que se faz cristalizado na

sociedade capitalista contemporânea que, ao idoso, atribui qualidades ou características negativas que os definem como sujeitos decadentes.

Não se nega que existam benefícios trazidos a Serra Talhada pelo uso da memória de Lampião. Todavia, verifica-se, ainda que os discursos dos produtores culturais sejam perpassados pela positividade, a existência de disputas entre estes. Esta disputa, por sua vez, parece existir em decorrência da busca dos benefícios que o uso da memória lampeônica pode proporcionar aos produtores culturais locais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações provenientes dos atores sociais serra-talhadenses, obtidas através de entrevistas, demonstram haver, em Serra Talhada, hibridismo identitário no que tange à relação mantida entre o cidadão e o seu conterrâneo mais célebre, Lampião (HALL, 2006). Há quase unanimidade acerca da imprescindibilidade de Lampião enquanto elemento promotor de visibilidade à cidade, todavia, quase não existe quem, mesmo que reconheça a importância do cangaceiro para a cidade, orgulhe-se da sua conterraneidade.

Não há desconhecimento, por parte do serra-talhadense, da existência de outros filhos da terra que, trabalhados midiaticamente, poderiam trazer à cidade visibilidade, à semelhança do que faz Lampião. Porém, mesmo que não se mostre desinformado sobre esse pormenor, e que exista até quem deseje ver a cidade desatrelada do nome do cangaceiro, percebe-se estar claro para o cidadão que nenhuma das outras personalidades serra-talhadenses, mesmo trabalhadas midiaticamente, trariam a Serra Talhada as benesses promovidas por sua identificação com Lampião.

O caminho percorrido nesta pesquisa trouxe à tona elementos diversificados acerca de Lampião. Todavia, o que diz respeito à ressignificação por que passou a sua imagem e, conseqüentemente, a sua memória, é, pode-se afirmar, digno de nota. Ou seja, o deslocamento vivenciado pela imagem de Lampião (HALL, op.cit) – de mero bandido sanguinário a de patrimônio cultural serra-talhadense – e o processo de invenção dessa nova tradição (HOBSBAWM; RANGER, 2002), constituem-se objetos que, ainda que examinados meticulosamente, como se propôs fazê-lo nesta pesquisa, revelam-se, dado à riqueza de detalhes que portam consigo, elementos instigadores de novas investigações.

A vanguarda triunfense em instituir um museu do cangaço e heroicizar Lampião foram elementos determinantes à iniciativa serra-talhadense de ressignificação imagética lampeônica e, concomitante a isto, à invenção de uma nova tradição alusiva ao cangaceiro. Verificou-se um esforço conjunto de instituições serra-talhadenses e de produtores culturais locais que, percebendo a intencionalidade triunfense, empreenderam ações significativas no concernente à mutação por que passou a imagem de Lampião, em Serra Talhada (SCHWARTZENBERG, 1978).

O Grupo de Teatro Amador de Serra Talhada, o TAST, foi o principiador do movimento de contestação ao vanguardismo triunfense de heroicização lampeônica quando, em meados da década de 1970, empreendia discurso contrapontando este agir. Ali, havia um quê de indignação acerca da inércia serra-talhadense em relação à ação protagonizada na cidade vizinha. Corroborando com a insatisfação vivenciada pelos jovens atores serra-talhadenses, em 1986, o vereador Expedito Eleodório criou a Lei nº 621 que criava a Casa da Cultura de Serra Talhada e elevava Lampião à condição de patrimônio cultural da cidade.

Não se podendo definir com exatidão a intencionalidade do legislador citado, verifica-se, todavia, que o seu agir parece remeter à questão da territorialidade, visto denunciar preocupação com o destino, com a construção do futuro referente a determinados valores culturais serra-talhadenses, “expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico”. (ALBAGLI, 2004, p. 28).

No início da década de 1990, mais especificamente em 07 de setembro de 1991, a recém-criada Casa da Cultura de Serra Talhada, promove plebiscito sobre a construção de uma estátua de Lampião e sua fixação em praça da cidade. O agir serra-talhadense é contrapontado por Triunfo, em 1997, ano do centenário de nascimento de Lampião. Ali, talvez como resposta a ressignificação dada à imagem de Lampião em Serra Talhada, em um documento intitulado “O Lampião de Triunfo” (1997), o cangaceiro é mostrado como sendo possuidor de vínculo com a cidade e possuidor de traços personalísticos elogiáveis.

Diante da tensão criada entre as duas cidades em torno da memória de Lampião, em Serra Talhada começa a construção da invenção de uma nova tradição referente ao cangaceiro. Entram em cena os produtores culturais, entre os quais destaque-se Anildomá Willans de Souza, o Domá, que cria a Fundação Cultural Cabras de Lampião (1994), inventa eventos alusivos a Lampião – Tributo a Virgulino e a Celebração do Cangaço –, apropria-se de lugares de memória lampeônica (NORA, 1993) – Sítio Passagem das Pedras – e faz do xaxado um signo por que se expressa a ideologia defendida, memória de Lampião glorificada (BAKHTIN, 2002).

Nos dias atuais, em Serra Talhada, é perceptível a cristalização da invenção da nova tradição alusiva à memória de Lampião, a começar pela nomenclatura identificatória da cidade - Capital do Xaxado -, passando pela significativa

quantidade de grupos de xaxado existentes e culminando nas festividades que aludem ao cangaço lampiônico.

Mostra-se significativa, por parte dos produtores culturais locais, a apropriação da memória lampiônica inventada. Esses atores são protagonistas de ações consideradas elogiáveis por gama significativa de cidadãos serra-talhadenses, como, por exemplo, a inserção social de crianças, adolescentes e jovens periféricos e, reinserção social de idosos. Também se observa a existência do uso da memória inventada de Lampião no referente à “indústria do turismo”, uma vez que, conforme se mostrou no corpo desse texto, significativo é o número de pessoas que obtém renda a partir da comercialização de objetos alusivos ao “Rei do Cangaço” e ou ao cangaço vivenciado por ele.

Perceptível se torna, em Serra Talhada, a construção de sua identidade mediante a apropriação que existe da memória de Lampião. Memória inventada, que se diferencia daquela que, por muito tempo, identificou o cangaceiro como meramente alguém cruel e sanguinário. Memória que, desde o início da década de 1990, vem sendo burilada, tanto institucional (Casa da Cultura de Serra Talhada) quanto particularmente (Domá) e que objetiva, além de identificar a cidade e lhe conceder visibilidade, satisfazer interesses particularizados daqueles que a fazem existir: os produtores culturais locais.

Assim, verifica-se, no concernente à satisfação de interesses particularizados, uma disputa interna pela apropriação dessa memória inventada. Ou seja, verificando-se que a sua administração é elemento viabilizador de benefícios a quem a exerce, tensão significativa se observa entre os próprios líderes dos grupos de xaxado – que discursam buscando deslegitimar as ações uns dos outros -, bem como um tensionamento relacional entre tais líderes, mais principalmente Domá, e a direção da Casa da Cultura de Serra Talhada que, institucionalizada, reivindica para si a exclusividade da “administração” dessa memória lampiônica inventada.

Nada obstante toda esta ação social com sentido (WEBER, 2004), verifica-se em Serra Talhada fenômeno significativo: embora se reconheça ser Lampião elemento promotor de benesses à cidade e se ateste imprescindível o atrelamento da cidade à imagem do cangaceiro, sob pena do experimento do ostracismo, não se verifica, por parte da maioria dos cidadãos, qualquer que seja a intencionalidade em identificar-se com o conterrâneo famoso.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI. Verena. **Vender história? A posição do CPDOC no mercado das memórias**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.
- ALBUQUERQUE Jr. Durval M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- BAKHTIN. Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BOURDIEU. Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Perspectiva. 2005.
- BOURDIEU. Pierre. **Ofício de Sociólogo**. Petrópolis. Vozes. 2007.
- BUZZI. Arcângelo R. **Filosofia: a existência humana no mundo**. Petrópolis. Vozes. 1996.
- CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis. Vozes 1996.
- CHANDLER. Billy J. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. São Paulo: Paz e Terra. 2003.
- CHIAVENATO. Júlio J. **Cangaço, a força do coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990
- DEBS. Sylvie. **Cinema e Literatura no Brasil – os mitos do Sertão: emergência de uma identidade nacional**. Trad. Sylvia Nemer. Fortaleza: Interarte, 2007.
- DETIËNNE, Marcel. **Mito-rito**. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Oficial/ Casa da Moeda, 1989.
- DOSSE. François. **A História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo. Editora da UNESP, 2001.
- DURKHEIM. Émile D. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo. Martins Fontes. 2007.
- FACÓ. Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1983.
- FERRAZ. Marilourdes. **O Canto do Acauã**. Belém: Falângola, 1978.
- FERREIRA JÚNIOR. José. **Cangaço e Fé**. In: SOUZA. Anildomá W de. **Nas Pegadas de Lampião**. Serra Talhada: Esdras Graphic, 2004.
- FERREIRA JÚNIOR. José. **Memória Monumentalizada do Cangaço: a quem interessa tal saber?** ABA, UFS, 2007<sub>a</sub>.
- FERREIRA JÚNIOR. José. **Xaxado: Dança Cangaceira?** GEHISC. UFRPE. 2007<sub>b</sub>.

- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.
- GOFFMAN. Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes. 1985.
- GOFFMAN. Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 2008.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos. FGV. 1989.
- GUEIROS. Optato. **Lampião**: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes. Recife: s.ed. 1953.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da Selva**: Histórias da Migração Nordestina para a Amazônia. Recife: Ed. Universitária. UFPE. 2006.
- HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- HOBBSAWM. Eric. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1976.
- HOBBSAWM. Eric; RANGER. Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra. 2002.
- LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. 2ª ed., Campina Grande, EDUFPG, 2008.
- LIRA. João G de. **Lampião**: memórias de um soldado de volante. Floresta: TODA Gráfica, 2007.
- MACEDO. Nertan. **Sinhô Pereira, o comandante de Lampião**. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1975.
- MACHADO. Maria C M. **As Táticas de Guerra dos Cangaceiros**. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- MARX. Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte e Cartas a Kugelmann**. São Paulo: Paz e Terra, 1997
- MELLO. Frederico P. de. **Guerreiros do Sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 2004.
- NEMER. Sylvia. **Glauber Rocha e a Literatura de Cordel**: uma relação intertextual. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.
- NORA. Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Educ. 1993.
- QUEIROZ. Maria I. P. de. **Os Cangaceiros**. São Paulo. Duas Cidades. 1977.

RICOEUR. Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES DE CARVALHO. Cícero. **Serrote Preto: Lampião e seus sequazes**. Rio de Janeiro: Sedegra S/A, 1974.

RODRIGUES DE CARVALHO. Cícero. **Sociologia do Cangaço**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro, 1977.

SÁ. Luiz L. de C. e. **Serra Talhada: 250 anos de história, 150 anos de emancipação**. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001.

SÁ NETO. José M de. **David Jurubeba: um herói nazareno**. Recife: Ed. do autor, 2004.

SANTOS. Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS. Gilvan de M. **Escrituras Nômades do Cangaço: o folheto de cordel como signo motivador do cinema das décadas de 1950 e 1960**. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2009.

SCHWARTZENBERG. Roger G. **O Estado Espetáculo**. Rio de Janeiro. Difel. 1978.

SOBREIRA. Azarias. **O Patriarca do Juazeiro**. Juazeiro do Norte: Vozes, 1969.

SOUZA. Anildomá W. **Nas Pegadas de Lampião**. Serra Talhada: Esdras Graphic, 2004.

SOUZA. Anildomá W. **Lampião, nem herói, nem bandido: a história**. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2006.

VERAS. R. P. **A Longevidade da População: desafios e conquistas**. In: **Serviço Social e Sociedade: velhice e envelhecimento**. Ano XXIV. Nº 75. São Paulo: Cortez, 2003.

WEBER. Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo. Imprensa Oficial. 2002.

ZUZA. José V C F. **Lampião: o Sertão e sua gente**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

## DOCUMENTOS

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília. 2003.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE SERRA TALHADA. 1986.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Recife, 07 de outubro de 2005.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. 1953.  
 GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA. 1971.  
 O LAMPIÃO DE TRIUNFO. 1997.  
 TRIBUTO A VIRGULINO. Serra Talhada. 1995.

## **JORNAIS E REVISTAS**

ATHIAS, Gabriela e LUIZ, Edson. **Sertão ainda convive com cenário de Lampião**. O Estado de São Paulo, 12 de julho de 1998.

CLEMENTE. Marcos E de A. **Lugares de memória do cangaço: imagens de Lampião no Sertão do nordeste**. In: **Dossiê, práticas culturais e identidades**. Revista Tempos Históricos. Volume 09. 2º semestre. Marechal Cândido Rondon. 2006.

PALACIOS. Guillermo. **Campesinato e Escravidão**: uma proposta de periodização para a história dos cultivadores pobres e livres do Nordeste Oriental do Brasil. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 30, nº 3, 1987.

POLLAK. Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, volume 2. nº 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK. Michael. **Memória e Identidade Social**. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, volume 5. nº 10, 1992, p. 200 – 212.

SÁ. Antônio F. de A. **O Cangaço entre a história e a memória**. In: **Dossiê, práticas culturais e identidades**. Revista Tempos Históricos. Volume 09. 2º semestre. Marechal Cândido Rondon. 2006.

SÁ. Giovanni. **Projeto pretende rebatizar rua com nome de Lampião**. In: **Jornal do Comércio**. Recife, 21 de junho de 1998.

SILVA, Patrícia S. **Le symbole et ses diverses résonances**: analyse de l'historiographie du Cangaço. Revue Histoire et Société de l'Amérique Latine. Paris, Amérique Latine: Expériences et Problématiques d'Historiens (A.L.E.P.H.)/Université de Paris 7, nº 4, mai 1996.

TINÔCO, Pedro. **Líder do MST vai ao centenário de Lampião**. Jornal do Comercio. Recife, 12 de junho de 1997.